



PUC
RIO

SIMONE PENCAK

**NA HIÂNCIA FREUD-LACAN: INCONSCIENTE E CLÍNICA
PSICANALÍTICA**

TESE DE DOUTORADO

Rio, 23 de abril de 1999

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO**

**Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>**

N.Cham. 150 P411 TESE UC
Título Na infância Freud-Lacan



Ex. 1 PUCB

0141640

SIMONE PENCAK

**NA HIÂNCA FREUD-LACAN:
INCONSCIENTE E CLÍNICA PSICANALÍTICA**

TESE DE DOUTORADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

ORIENTADORA: DRA. ANA MARIA RUDGE

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, 1 de março de 1999

96265



150
P411
TEFE VC

Agradecimentos

- A Dra. Ana Maria Rudge, minha orientadora, pela delicadeza no acompanhamento deste trabalho.
- Ao Conselho de Apoio à Pesquisa no Ensino Superior (CAPES) pela ajuda financeira.
- A José Nazar por ter apostado e acreditado na possibilidade de esse trabalho vir a realizar-se.
- Ao Dr. Octávio Souza, pelas instigantes críticas e provocações.
- A Sérgio Pencak, que tratou o árduo trabalho de revisão com bom humor e carinho inigualáveis.
- A Diana Mariscal, que pôde me ouvir em alguns momentos de embaraço.
- A Benita Lopes por suas preciosas e carinhosas sugestões.

RESUMO

Partimos do conceito de inconsciente nas obras de Freud e de Lacan, marcando a defasagem existente entre a representação inconsciente freudiana e o significante lacaniano. A teorização de Lacan sobre o inconsciente foi abordada em relação ao termo *sujeito*, sendo apontadas algumas singularidades da perspectiva clínica lacaniana, decorrentes da hipótese do *sujeito do significante* e da construção do objeto *a* – quais sejam: o tempo lógico, o ato analítico, o estatuto da interpretação, a posição do psicanalista e o final da análise.

RÉSUMÉ

Nous partons du concept d'inconscient chez Freud et Lacan, en signalant le déphasage existant entre la représentation inconsciente freudienne et le signifiant lacanien. La théorisation de Lacan sur l'inconscient a été traitée dans son rapport au terme de *sujet*, et nous avons indiqué quelques singularités de la perspective clinique lacanienne découlant de l'hypothèse du *sujet du signifiant* et de la construction de l'objet *a* – à savoir: le temps logique, l'acte analytique, le statut de l'interprétation, la position du psychanalyste et la fin de l'analyse.

SUMÁRIO

PARTE I

LEVANTAMENTO E DISCUSSÃO DO PROBLEMA

Definição do problema	3
Justificativa	4
Pertinência da questão	5
Algumas considerações metodológicas	7

CAPÍTULO 1 – SOBRE A ARTICULAÇÃO FREUD-LACAN

1.1 – Introdução	11
1.2 – Um novo paradigma?	17
1.3 – Sobre o não-todo da articulação Freud-Lacan	25

PARTE II

FREUD E O INCONSCIENTE

CAPÍTULO 2 – INCONSCIENTE E REPRESENTAÇÃO

2.1 – “Lacan é freudiano, mas Freud não é lacaniano”	30
2.2 – Sobre a <i>Vorstellung</i> freudiana	
2.2.a – Freud e Herbart	33
2.2.b – Representação-palavra e representação-coisa	39

CAPÍTULO 3 – OS LIMITES DA *VORSTELLUNG*

3.1 – Representação e referente	47
3.2 – Signo, significado e significante	50
3.3 – Freud e Saussure	54

3.4 – O inconsciente e a segunda tópica freudiana	
3.4.a – Alguns antecedentes	64
3.4.b – Ambigüidade do <i>eu</i> e obscuridade do <i>isso</i>	67

PARTE III

LACAN E O INCONSCIENTE

CAPÍTULO 4 – INCONSCIENTE E SUJEITO DO SENTIDO

4.1 – O eu e o sujeito	79
4.2 – O sujeito do sentido: inconsciente, verdade e história ...	87
4.3 – Intersubjetividade e situação analítica	94

CAPÍTULO 5 – INCONSCIENTE E SUJEITO DO SIGNIFICANTE

5.1 – O inconsciente tem estrutura de linguagem	97
5.2 – O significante representa o sujeito para outro significante	109
5.3 – Efeitos sobre a clínica	112

CAPÍTULO 6 – OBJETO *a* E DESTITUIÇÃO SUBJETIVA

6.1 – A dimensão real da experiência subjetiva	122
6.2 – A construção do objeto <i>a</i>	
6.2.a – Objeto do desejo e objeto da fantasia	126
6.2.b – O objeto <i>a</i> como resto	132
6.2.c – Alienação e separação	134
6.3 – O inconsciente como corte	139
6.4 – O analista na função do objeto <i>a</i>	
6.4.a – Do sujeito suposto saber ao objeto <i>a</i>	144

6.4.b – Travessia da fantasia e destituição subjetiva	150
---	-----

PARTE IV

A RETOMADA PELO AVESSE DO PROJETO FREUDIANO

CAPÍTULO 7 – PARA ALÉM DO COMPLEXO DE ÉDIPO

7.1 – A retomada pelo avesso do projeto freudiano	157
7.2 – Édipo, um sonho de Freud	
7.2.a – A histérica e o mestre castrado	163
7.2.b – Freud salva o pai	167

CAPÍTULO 8 – INCONSCIENTE E NÓ BORROMEANO

8.1 – Linguagem e alíngua	178
8.2 – A hipótese lacaniana	
8.2.a – O nó borromeano	186
8.2.b – “O indivíduo afetado pelo inconsciente é o mesmo que constitui o sujeito de um significante”	193

CAPÍTULO 9 – INCONSCIENTE, TEMPO E ATO: A FUNÇÃO DO DESEJO DO ANALISTA

9.1 – O tempo lógico: mais-além da atemporalidade e da descontinuidade temporal	203
9.2 – Tempo lógico: uma lógica do ato	209
9.3 – Sobre as escansões das sessões	217
9.4 – Desejo do analista e desejo inconsciente	227

CONCLUSÃO 241

BIBLIOGRAFIA 253

PARTE I

LEVANTAMENTO E DISCUSSÃO DO PROBLEMA

DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

Pretendemos investigar o estatuto do conceito de inconsciente em Freud e Lacan, examinando os efeitos dessas teorizações sobre a experiência clínica, principalmente no que diz respeito: à direção do tratamento, à posição do psicanalista e ao final da análise.

Nossa hipótese é a de que a definição de inconsciente determinará toda uma trama de conceitos que se interrelacionam e que irão constituir as diretrizes da clínica psicanalítica. Através da investigação do estatuto do inconsciente em Freud e Lacan, pretendemos traçar algumas particularidades da clínica lacaniana em relação à freudiana.

Supomos, por exemplo, que a afirmação lacaniana: “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” resultará em algumas singularidades na concepção da intervenção analítica. A partir de um desdobramento rigoroso, as conseqüências incidirão de maneira notável sobre alguns aspectos: por um lado, o tempo lógico, o corte das sessões e o estatuto da interpretação; por outro: a noção de ato analítico, a posição do psicanalista e uma formulação particular do final da análise.

JUSTIFICATIVA

O tema que nos propomos a pesquisar agora deriva, em parte, de um trabalho anterior a respeito das teorizações sobre a paternidade, nas obras de Freud e de Lacan, e suas conseqüências para a clínica psicanalítica.¹ Essa primeira investigação deixou abertas algumas questões, principalmente no que toca à articulação Freud-Lacan. Deparamo-nos com uma série de descontinuidades entre as concepções dos dois autores, apesar da retórica dominante – em boa parte do meio psicanalítico – da “continuidade”, do “retorno” de Lacan a Freud.

No entanto, essa não é a única fonte de onde parte nossa investigação. Sua principal origem é a inquietação provocada pela prática como psicanalista, em que nossas filiações teóricas são continuamente interrogadas – o que faz parte da própria estrutura da práxis analítica, e isso desde Freud. A pergunta particular que surge nesse âmbito é : o que implica, para um analista, definir-se como “freudiano” ou como “lacaniano”? E ainda: qual a relação entre os dois termos?

Portanto, estabelece-se, a nosso ver, uma articulação lógica entre a pesquisa anteriormente mencionada e a que pretendemos empreender nesse

¹ Cf. Pencak, S. *O pai e seus destinos na clínica psicanalítica*. Dissertação de mestrado apresentada no Departamento de Psicologia da PUC-Rio, março de 1994.

momento. Na primeira, examinava-se a questão da paternidade, e agora se trata de desdobrá-la, interrogando nossa própria filiação ao campo psicanalítico.

Investigar, então, o que implicam essas vinculações teóricas a Freud e a Lacan é um dos modos disponíveis para que possamos elaborar nossa própria articulação, como analistas, ao campo da psicanálise; e, ao mesmo tempo, permitir o progressivo engendramento de um estilo pessoal, na clínica e na relação com a teoria psicanalítica.

PERTINÊNCIA DA QUESTÃO

Quanto à pertinência do tema de nossa pesquisa, cabe indicar que vigora uma certa confusão no que tange à real especificidade da contribuição de Lacan para a psicanálise. Algumas vezes, considera-se que seu maior mérito teria sido o de recuperar o texto freudiano – relegado a um processo de desconhecimento e de distorção –, e portanto o de revigorar a clínica freudiana. Em outras ocasiões, atribuem-se certas peculiaridades das posições lacanianas em relação à práxis – como o corte das sessões ou a formação analítica, por exemplo – a efeitos contingenciais de um estilo pessoal, quando não a interesses escusos. Outras vezes ainda,

quer-se atribuir a Lacan, em detrimento de Freud, a própria constituição da psicanálise como doutrina.

Torna-se necessário examinar então, a partir do estatuto do conceito de inconsciente, alguns dos pressupostos teóricos que orientam Freud e Lacan em suas operações clínicas.

Tal procedimento apresenta-se como uma alternativa às lutas de poder e de prestígio que se travam entre os analistas de diferentes instituições psicanalíticas, ou de distintas linhas teóricas – sem esquecer o “narcisismo das pequenas diferenças”, com que se marca a intolerância eventual entre psicanalistas articulados a uma mesma corrente teórica. Em outros termos, para além das disputas pela *herança* do legado freudiano, interessa trabalhar os efeitos de uma determinada *leitura* do texto freudiano.

As implicações para a prática psicanalítica atual são bastante evidentes, na medida em que não basta mais aos analistas de hoje repetirem os enunciados lacanianos; é preciso interrogá-los em sua enunciação. Isso nada mais é do que seguir o próprio caminho que Lacan abriu em relação a Freud; ou seja, empreender um desdobramento desse retorno laciano a Freud, a partir de um tempo posterior.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Sabe-se que Freud, em todo o seu percurso de fundação da psicanálise, jamais prescindiu da primazia da experiência psicanalítica sobre o edifício teórico-conceitual. É bem conhecida a passagem freudiana em “Introdução ao narcisismo”(1914), quando ele afirma que os “pensamentos básicos” em que se apóia a ciência psicanalítica “não são o fundamento da ciência, sobre o qual descansaria tudo; o é, antes, unicamente a observação. Não são o cimento, mas o arremate do edifício íntegro, e podem substituir-se e abandonar-se sem prejuízo.”²

Essa verdadeira declaração de princípios estabelece que a psicanálise teria como alicerce a experiência clínica, estando o seu corpo teórico-conceitual sempre subordinado a ela, e pronto a ser modificado a partir de uma contínua remissão à prática.

Existe, pois, uma necessária dialética entre clínica e teoria psicanalítica, em que uma interfere e tem conseqüências sobre a outra, para além de uma simples relação de causa e efeito. Nesse sentido, talvez o próprio termo “observação” – mencionado por Freud em 1914 – não fosse o mais adequado para referir-se à experiência clínica.

² Freud, S. (1914). “Introducción del narcisismo”, em *Obras completas Sigmund Freud Amorrotu Editores*, 14. Buenos Aires, p.75.

Por outro lado, apesar de Freud afirmar nesse momento que: é “*sem prejuízo*” que se podem “*abandonar*” e “*substituir*” os conceitos fundamentais, é bem conhecida sua batalha teórica – no próprio artigo “Introdução ao narcisismo” – contra Jung, que tentava “*substituir*” o sentido sexual do conceito psicanalítico *libido*. Também sabemos bem o resultado a que se chegou posteriormente no campo psicanalítico, quando se “substituiu” o conceito de *pulsão* pelo de *instinto*; ou quando se resolveu “abandonar” a hipótese freudiana da *pulsão de morte*.

Nossa perspectiva metodológica é a de que, em virtude dessa dialética teoria-práxis na psicanálise, as modificações no estatuto dos conceitos implicarão em conseqüências para a clínica, e vice-versa.

A experiência clínica não é um objeto empírico natural, ou *em si*; assim sendo, ela sofre continuamente os efeitos dos pressupostos teóricos que a orientam. Ao mesmo tempo, as particularidades das intervenções clínicas devem ser remetidas – para além das singularidades de cada caso, e de cada psicanalista – ao corpo teórico-conceitual que lhes confere sustentação.

Essa é a única maneira, a nosso ver, de tentar efetuar uma separação coerente entre a psicanálise, e práticas ideológicas, delirantes, religiosas, e até mesmo o puro charlatanismo. Separação essa que nem sempre é

evidente ou imediata, e por isso estamos sempre no processo de reinventá-la.

Tentaremos demonstrar, portanto, que a imbricação teoria-prática em psicanálise se dá de tal modo, que novos instrumentos conceituais produzirão modificações no próprio funcionamento da práxis analítica. Essas mudanças, por sua vez, contribuirão para uma posterior elaboração e problematização das novas ferramentas teóricas.

No que diz respeito ao nosso tema particular, pretendemos empreender um percurso, através das obras de Freud e de Lacan, que nos permita estabelecer algumas particularidades em suas respectivas concepções sobre o inconsciente. Os efeitos sobre a clínica psicanalítica serão, sempre, o ponto de visada de nossa pesquisa, por uma exigência metodológica implícita à própria psicanálise.

O recorte realizado – nas teorias freudiana e lacaniana – não obedecerá necessariamente a critérios cronológicos. Tampouco se pretende uma exposição exaustiva de *tudo* o que foi dito pelos autores a respeito do inconsciente; além de ser essa uma tarefa exorbitante, seria além do mais inútil – visto que com os progressos da informática, já se pode dispor desse tipo de saber enciclopédico com um simples apertar de botões.

Procuraremos estabelecer, nas elaborações de Freud e de Lacan sobre o inconsciente, a coerência intrínseca a cada uma delas, situando-as

– dentro do possível – em relação à respectiva diacronia das obras. Tal procedimento se deve ao fato de que a doutrina freudiana apresenta, ao longo do tempo, reformulações, reelaborações, modificações e antinomias em relação a si própria; o mesmo se pode dizer no que toca à teorização de Lacan.

Partimos, então, do pressuposto da divisão subjetiva, ou seja: de que Freud não é idêntico a si mesmo, e tampouco Lacan o é. Dessas duas não-identidades, resulta uma relação que é de irreduzível diferença. Pois é exatamente isso que garante a fertilidade da interlocução e do encontro.

CAPÍTULO 1

SOBRE A ARTICULAÇÃO FREUD-LACAN

1.1 – INTRODUÇÃO

Podemos observar, nos últimos tempos, uma grande produção de trabalhos no campo psicanalítico que se apóiam nas teorias freudiana e lacaniana. Contudo, em grande parte deles fica elidida a problemática do modo de articulação entre as duas doutrinas. É comum que se parta do pressuposto de que Lacan teria revelado o *verdadeiro* Freud, por meio de um trabalho de retificação dos *desvios* e *distorções* na leitura da obra freudiana.

Tal ponto de vista encontra apoio em vários momentos do ensino de Lacan, em que ele dirige críticas mordazes aos psicanalistas de outras linhas teóricas – aos da psicologia do ego, entre outros –, acusando-os explicitamente de terem se afastado da descoberta freudiana. A palavra de ordem de um “retorno a Freud”, que acompanha grande parte do percurso lacaniano, parece favorecer a idéia de que se trataria, em sua doutrina, de uma *volta às origens* da psicanálise, de uma correção dos desvios, quase de uma *reencarnação* da palavra de Freud. Porém, “Lacan não volta a Freud como Husserl a Galileu ou a Thales para captar um nascimento em seu nascimento, isto é, para realizar esse preconceito científico religioso da pureza. (...) Esta passagem para Freud não é uma passagem pura, é antes impura”¹.

É claro que a sustentação do ensino lacaniano a partir da obra de Freud é indiscutível, se acompanhamos os inúmeros momentos em que ele comenta os textos freudianos, e mesmo quando se apóia nestes para construir seu próprio aparelho conceitual. No entanto, caberia perguntar sobre as conseqüências dessa interlocução para a teoria psicanalítica em geral, e para a clínica psicanalítica em particular.

Lacan manteve um *diálogo* no âmbito teórico com autores de diversos campos do saber: desde Melanie Klein, Balint e Winnicott,

¹ Althusser, L. (1964) “Freud y Lacan”, em *El hombre y su mente* / 2. Buenos Aires. Ediciones Homo Sapiens, 1977, p.18.

passando por Saussure, Jakobson, Lévi-Strauss, Hegel, Heidegger, Koyré, Marx, até Russell e Pascal – entre outros. No entanto, jamais definiu-se como hegeliano ou saussuriano, por exemplo. Sua filiação a Freud, porém, foi mantida até o fim de sua vida². Portanto, a interlocução de Lacan com Freud apresenta-se como privilegiada para a construção de sua obra, ainda que tenha havido outras influências.

A questão que se coloca é a de saber se a contribuição lacaniana para a psicanálise seria primordialmente o resgate do texto freudiano – numa época em que este estava sendo progressivamente recalçado –, ou se haveria alguma especificidade do aporte de Lacan que fosse além do comentário rigoroso e criativo da obra de Freud.

O modo de proceder a essa interrogação não se apresenta como uma tarefa simples. Em primeiro lugar, porque não podemos fazer uma mera comparação entre as obras de Freud e Lacan em busca de aspectos de continuidade e descontinuidade entre ambas. Isso porque, se admitimos uma relação dialética entre esses dois aspectos, veremos que a descontinuidade pode engendrar-se a partir de uma relação de continuidade, e vice-versa. Em segundo, porque nosso interesse não se situa a partir de uma preocupação puramente epistemológica, mas sim de uma visada que parte da experiência psicanalítica, procurando examinar as

² Lacan, J. (1980). “Le séminaire de Caracas”, em *L'Âne, I*. Paris, Éditions du Seuil. 1981, pp. 30.31.

conseqüências que construções teóricas particulares trazem para essa prática. Não se trata, portanto, de confrontar duas obras como “sistemas” teóricos – o que, aliás, Freud sempre foi o primeiro a desaconselhar no âmbito da psicanálise³.

Uma terceira dificuldade que se apresenta ao empreendimento de nossa investigação é que, após o ensino lacaniano, passamos a abordar a leitura de Freud em grande parte através dos instrumentos conceituais de Lacan. Isso faz com que passemos a considerar como equivalentes passagens, noções e conceitos nas duas obras, sem ao menos questionarmo-nos sobre a adequação desse tipo de procedimento.

É evidente que não é possível atualmente, no campo lacaniano, propor uma leitura de Freud que *faça de conta* que a influência de Lacan não existiu. Todos os projetos que se orientam nesse sentido aproximam-se do mecanismo de anulação, que Freud indicou como predominante na neurose obsessiva. Nossa perspectiva é a de que, admitindo essa imbricação conceitual em vários momentos, procuremos resgatar as diferenças, as especificidades no percurso teórico, e principalmente as particularidades na concepção da clínica em cada um dos dois autores. Em outros termos, pretendemos caminhar na direção de fazer trabalhar a hiância, o intervalo entre as duas obras.

³ Freud, S. (1914). “Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico”, em *Obras completas Sigmund Freud Amorrortu Editores*, 14. Buenos Aires, 1989, p.50.

Caberia perguntar por que os analistas lacanianos não parecem, em sua maioria, interessar-se por esse assunto. As razões para esse aparente desinteresse talvez se devam a uma necessidade de legitimação – seguindo o próprio Lacan –, como herdeiros privilegiados do legado freudiano. Nesse sentido, não seria conveniente indicar os possíveis pontos de disjunção entre Freud e Lacan; a estratégia seria a de figurar uma conjunção harmoniosa entre ambos.

Esse procedimento de promover um “amálgama freudo-laciano é um faz-de-conta de que Lacan teria realizado um acabamento {*accompli*} de Freud por um encontro *bem-sucedido* e uma aliança *feliz*.”⁴ O risco dessa perspectiva é o de que o acabamento {*accomplissement*} remeta tanto ao preenchimento das faltas quanto ao apagamento. “Então por que ler Freud?”⁵

Algumas palavras poderiam ser acrescentadas, nesse momento, sobre essa questão da leitura da obra freudiana. Segundo Althusser, “ler não é reproduzir specularmente um texto, mas sim produzir a partir dele um discurso, (...) produzir, a partir da letra do texto, um discurso do texto”⁶.

⁴ Julien, P. “Lacan, Freud: une rencontre manquée”, em *Littoral*, 14. Paris, Éditions Erès, 1984, p.24.

⁵ Julien, P. *Idem*, p.24.

⁶ Althusser, L. “Freud y Lacan”, em *El hombre y su mente / 2*. Op.cit., p.29.

Segundo Braunstein, “as leituras põem em jogo o desejo”⁷. A leitura “linguagreira” de Lacan é uma dentre “outras três que são igualmente possíveis e que são as leituras biologista, psicologista e sociologista, e que entre as quatro constitui-se a realidade do mundo psicanalítico de hoje”⁸.

Em outros termos, não nos interessa discutir sobre uma suposta *adequação* da leitura lacaniana de Freud, quando comparada a outras alternativas de interpretação do texto freudiano. Cada leitura é uma escolha determinada pelo desejo, e é infrutífero tentar provar que uma é mais *fidedigna* do que outra. Consideramos mais proveitoso partir do pressuposto de que, uma vez feita uma opção contingente da leitura de Freud, algumas conseqüências irão necessariamente advir.

O exame dessas conseqüências põe em jogo os efeitos *a posteriori* da leitura, única forma de pensar, no âmbito psicanalítico, a relação com a causa freudiana. É Foucault quem diz: “o reexame dos textos de Freud modifica a própria psicanálise”⁹.

⁷ Braunstein, N. *Freudiano y lacaniano*. Op.cit., p.30.

⁸ Braunstein, N. *Ibid*.

⁹ Foucault, M. (1969). “Qu’est-ce qu’un auteur?”, em *Littoral*, 9. Paris, Éditions Erès.1983, p.21.

1.2 – UM NOVO PARADIGMA ?

Alguns autores têm procurado avançar na área que pretendemos investigar, produzindo trabalhos interessantes sobre o assunto. Allouch, por exemplo, parte da noção de *paradigma* – tal como empregada por Thomas Kuhn¹⁰ – para propor que teria havido uma mudança de *paradigmas* entre a teoria freudiana e a doutrina lacaniana.¹¹

No que diz respeito ao paradigma científico kuhniano, cabe notar que o termo *paradigma* não tem, na obra de Kuhn, o mesmo sentido que quando empregado em outros contextos. Não se trata, aí, de um modelo ou padrão rígido a ser simplesmente reproduzido, nem tampouco de algo fixo, pronto ou completamente articulado. Afirma esse último autor:

“na ciência, um paradigma raramente é suscetível de reprodução. Tal como uma decisão judicial aceita no direito costumeiro, o paradigma é um objeto a ser melhor articulado e precisado em condições novas ou mais rigorosas.”¹²

¹⁰ Kuhn, T. *A estrutura das revoluções científicas*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1994, p.30.

¹¹ Allouch, J. “Freud déplacé”, em *Littoral*, 14. Op.cit., pp.7,10.

¹² Kuhn, T. *A estrutura das revoluções científicas*. Op. cit., p.44.

Pode-se notar também que o que define o paradigma científico kuhniano como tal são as realizações “suficientemente sem precedentes para atrair um grupo duradouro de partidários”, e que “são suficientemente abertas para deixar toda a espécie de problemas para serem resolvidos pelo grupo de praticantes da ciência”¹³.

Por outro lado, caminhando-se nessa direção, rompe-se com as idéias habituais de evolução na história da ciência. Um novo *paradigma* no campo científico – a astronomia copernicana, por exemplo – não implica que o *paradigma* anterior – a astronomia ptolomaica – fosse menos *científico*. Isso porque o que Kuhn postula como “ciência” é: a instauração de um determinado paradigma, aceito e compartilhado pelos membros da comunidade científica, num determinado momento.¹⁴

Esses aspectos de “comprometimento” e de “consenso aparente”, que o *paradigma* introduz entre os praticantes da ciência, são os que prevalecem sobre possíveis critérios de falsificação ou confirmação.¹⁵ Os efeitos dessa abordagem kuhniana são: a *dessubstancialização* das teorias científicas em seu caráter de verdade, e a *incomensurabilidade* das diferentes construções científicas. Em outros termos, uma teoria não é mais *científica* do que outra considerada como tal numa época anterior – não

¹³ Kuhn, T. *A estrutura das revoluções científicas*. Op. cit., p.30.

¹⁴ Kuhn, T. *Ibid.*

¹⁵ Kuhn, T. *Ibid.*

podem, portanto, ser comparadas em sua *cientificidade*, nem tampouco uma é mais *verdadeira* do que a outra.

Retornemos agora à formulação de Allouch anteriormente mencionada, segundo a qual teria havido uma mudança de paradigmas entre as teorias freudiana e lacaniana. O autor começa por indicar, em seu artigo “Freud déplacé” (1984), três possibilidades de inserção do paradigma num determinado campo científico – segundo a perspectiva kuhniana. No primeiro caso, o paradigma inaugura uma nova disciplina que não existia como tal antes dele; no segundo, um novo paradigma substitui um antigo, no quadro de uma disciplina já constituída; e no terceiro caso, o novo paradigma é uma refundição de um outro já existente, “o qual subsiste como ordenador dessa disciplina graças e através dessa própria refundição.”¹⁶

Allouch postula então que teria havido, no caso da psicanálise, uma passagem do paradigma freudiano – o “*caso clínico*”¹⁷ –, ao paradigma lacaniano – o ternário *RSI* [Real, Simbólico, Imaginário]¹⁸. Além disso, o autor considera – no mesmo artigo mencionado, de 1984 – que essa passagem “não se deixa apreender nem no primeiro nem no segundo casos

¹⁶ Allouch, J. “Freud déplacé”, em *Littoral*, 14. Op.cit., p.9. O grifo é nosso.

¹⁷ Allouch, J. Idem, p.10.

¹⁸ Allouch, J. Idem, p.7

distinguidos por Kuhn (cf.acima), participa dos dois sem se deixar reduzir a nenhum deles.”¹⁹

Ou seja, de acordo com Allouch (1984), o ternário lacaniano *RSI* poderia ser abordado – simultânea e paradoxalmente – como *um paradigma fundador de uma nova disciplina*, e como *um novo paradigma dentro de uma disciplina já constituída*.

Alguns anos mais tarde porém – precisamente em 1993, em seu livro: *Freud et puis Lacan* –, o autor parece radicalizar sua posição, chegando a concluir que a teoria freudiana, apoiada no paradigma do “caso”, não teria constituído a psicanálise *de fato* como uma *disciplina formalizada*.²⁰

Afirma o autor – nessa última obra mencionada – que, em Freud, teríamos apenas um *método* que parte de uma exclusão: “que se trata de excluir? Nada menos do que o acaso.”²¹ Por outro lado, em Lacan, verificaríamos a introdução de S.I.R.²² com o valor de “um primeiríssimo paradigma formal, constitutivo como tal de uma *disciplina*.”²³

¹⁹ Allouch, J. “Freud déplacé”, em *Littoral*, 14. Op.cit., p.11.

²⁰ Allouch, J. *Freud et puis Lacan*. Paris, E.P.E.L., 1993, pp.98,99. O grifo é nosso.

²¹ Allouch, J. Idem, p.46.

²² Algumas vezes o ternário: simbólico, imaginário e real aparece como SIR, outras como RSI, e outras ainda como ISR. Isso corresponde ao momento da teorização de Lacan ao qual se faz alusão, já que o próprio Lacan afirmara – em relação à diacronia de seu percurso – que primeiro colocara o acento sobre o imaginário, em seguida sobre o simbólico, e finalmente sobre o real. Cf. Lacan (1974/75) RSI.

Seminário inédito, citado em: Allouch, J. “Freud déplacé”, em *Littoral*, 14. Op.cit., p.11.

²³ Allouch, J. *Freud et puis Lacan*. Op. cit., p.99. O grifo é nosso.

Além disso, o que Allouch considerava anteriormente (1984) como *paradigma freudiano – o caso clínico* – passa a ser tratado pelo autor (1993) como um modo de funcionamento do paradigma, no *sentido gramatical*. Em outros termos, o paradigma tendo a significação de *exemplo*. Os casos clínicos freudianos seriam, então, *paradigmáticos*, no sentido de *exemplares do método* criado por Freud.

Ao passo que – ainda de acordo com o autor (1993) – o ternário lacaniano *RSI* seria um paradigma, no sentido de *matriz disciplinar*: “senão matemático, ao menos suscetível de ser matematizado.”²⁴ Fundaria, pois, a *disciplina: psicanálise* – da qual seria a *matriz formal*.

Dito de outro modo, o que é proposto é que a psicanálise teve que esperar Lacan – e, evidentemente, *RSI* – para se constituir como *disciplina formalizada*, já que Freud construía tão-somente um *método*.

A formulação de Allouch – da qual apontamos, de maneira muito resumida, apenas os aspectos principais – tem o mérito de abrir a discussão sobre o modo de articulação entre as teorias freudiana e lacaniana, num campo em que a pergunta havia sido silenciada ou nem sequer formulada.

Por outro lado, o autor chega ao exagero – entre outros – de postular que o “retorno a Freud” seria uma estratégia de Lacan para fazer valer seu

²⁴ Allouch, J. *Freud et puis Lacan*. Op.cit., p.56.

paradigma *Real-Simbólico-Imaginário* aos olhos da comunidade psicanalítica. Seus termos são os seguintes a esse respeito:

“Assim, “retorno a Freud” revela-se ser o nome do apoio que Lacan vai buscar no texto freudiano depois de ter inventado o ternário imaginário/ simbólico/ real. A invenção desse paradigma que não é, como tal, freudiano, deportava Lacan para longe de Freud. Que a palavra de ordem de um retorno a Freud tenha seguido de muito perto assinala suficientemente que Lacan havia visto o perigo. Desse momento em diante, sim, ele retorna a Freud, mas para inscrever o novo paradigma na psicanálise. (...) O discurso analítico aparece assim como o nome daquilo pelo qual Lacan tentava *escorregar* I.S.R. em Freud (...)”²⁵

Essa perspectiva resulta em que a filiação lacaniana a Freud – reafirmada durante toda a vida de Lacan – seria apenas um artifício estratégico, numa luta *heróica* para inscrever sua “invenção”: o ternário *RSI*, no campo da psicanálise. Assim, a complexidade da relação lacaniana

²⁵ Allouch, J. “Freud déplacé”. Op. cit., p.13. O grifo é nosso.

ao *desejo* de Freud aparece reduzida a uma situação em que um *ego*-Lacan – pensado como sujeito autônomo – luta para fazer valer suas idéias; estas, por sua vez, são puros *enunciados*, não remetem a nenhuma *enunciação* sobre o desejo inconsciente. Temos, portanto, uma hipótese em que prevalecem os aspectos rivalitários – Lacan *versus* pós-freudianos – em detrimento da pergunta relativa à causa do desejo.

Nesse sentido, parece mais interessante pensar sobre a afirmação do próprio Lacan de que jamais pretendia superar Freud, como lhe imputavam alguns, mas prolongá-lo²⁶. Esse desejo de prolongamento, que surgira num momento em que os psicanalistas esqueciam Freud, lê-se *a posteriori* no recurso lacaniano à literalização matemática, em que a letra – ao contrário do significante – adquire as propriedades do *imutável* uma vez estabelecida.²⁷ É claro que esse desejo de perpetuação não é completamente altruísta, já que implica o *prolongar-se a si mesmo através do Outro*.

Em outro momento, Lacan afirmara em tom de pergunta: não colocou o acaso que seu retorno devia ser visto como “uma legitimação de Freud?”²⁸ Sobre esse tema da legitimação é Kierkegaard quem diz:

“De nada adianta ter um Abrahão por pai, ou dezessete ancestrais – o que não trabalha

²⁶ Cf. Lacan, J. (1980). “Séminaire 18/3/80”, em *Ornicar?*, 20-21. Paris, Navarin Éditeur. 1980. p.20.

²⁷ Milner, J.C. *L'oeuvre claire*. Paris, Éditions du Seuil, 1995, pp.62,63. O grifo é nosso.

²⁸ Lacan, J. (1968-1969). *D'un autre a l'Autre*. Seminário inédito, lição de 8/1/69.

deve ter em mente o que está escrito sobre as virgens de Israel, pois também ele só dará luz o vento, mas *o que trabalha engendra o próprio pai.*²⁹

Em outras palavras, ao invés de reduzir a questão do *desejo* de Lacan em relação a Freud a uma estratégia para fazer valer seu novo paradigma diante das hostes inimigas – “escorregar I.S.R. em Freud”³⁰ –, poderíamos postular que: no trabalho de “legitimar” Freud, de engendrar o Pai, é o próprio Lacan que simultaneamente se legitima e se engendra como pai e fundador do discurso psicanalítico.

Uma outra crítica que poderia ser feita à abordagem de Allouch diz respeito à articulação entre psicanálise e ciência, implícita em sua formulação. Parte-se do pressuposto de que a psicanálise se insere no campo científico, não se discutindo sobre as dificuldades dessa acomodação. O próprio Lacan, ainda que em seus primeiros textos pretendesse buscar para a psicanálise um estatuto de cientificidade³¹, passa

²⁹ Kierkegaard, citado em: Bloom, H. *A angústia da influência. Uma teoria da poesia*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1991.

³⁰ Allouch, J. “Freud déplacé”, em *Littoral*, 14. Op. cit., p.13

³¹ Lacan, J. (1953). “Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis”, em *Escritos*, 1. México, Siglo Veintiuno Editores, 1984, p.256.

a traçar progressivamente uma separação entre o discurso científico e o discurso psicanalítico.³²

Ainda que não pretendamos discutir com mais profundidade esse tema: psicanálise e ciência – já que nos afastaria de nosso propósito principal –, podemos apenas indicar que o termo *paradigma*, tomado de empréstimo a Kuhn por Allouch, está longe de resolver o complexo problema da especificidade da contribuição lacaniana para a psicanálise.

1.3 – SOBRE O NÃO-TODO DA ARTICULAÇÃO FREUD-LACAN

Uma alternativa que surge para a pesquisa é parcializar a abordagem. Ou seja, ao invés de buscar a articulação das teorias freudiana e lacaniana, pensadas como distintas totalidades – com alguns pontos de continuidade e de descontinuidade entre si –, procurar situar a investigação relativamente a um determinado conceito fundamental, presente em ambas as teorias.

³² Cf. Lacan, J. (1966) “La ciencia y la verdad”, em *Escritos*, 2. México, Siglo Veintiuno Editores, 1985, p. 838; e também: Lacan, J. (1969-1970). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992, p.119.

Tal escolha implica uma opção pelo *não-todo* e se sustenta na incompletude da estrutura subjetiva para a psicanálise. Vale notar que a postulação de Allouch anteriormente mencionada – de um ‘paradigma freudiano’ *versus* um ‘paradigma lacaniano’ – traz subjacente a idéia de um *todo-Freud* e de um *todo-Lacan*, aos quais o conceito de paradigma conferiria uma univocidade. Entretanto, como diz Braunstein:

“(...)o texto de Freud não é para se engolir inteiro porque não há um *todo* Freud e muito menos um *todo Freud* ao qual teria regressado Lacan em algum momento de sua tarefa.”³³

“Freud *contra* Freud; essa é a originalidade da leitura de Lacan. Uma leitura desrespeitosa, irreverente, que, longe de proibir-se as omissões e as interpolações, recorta livros inteiros como se não existissem e que faz Freud dizer o que ele não diz e até o contrário daquilo que expressamente ele diz”³⁴

Retomemos então a proposta de empreender uma pesquisa a partir de um conceito fundamental, presente nas teorias de Freud e de Lacan, e

³³ Braunstein, N.A. *Freudiano y lacaniano*. Op. cit., p.31.

³⁴ Braunstein, N.A. *Idem*, p.33.

que nos permita focar privilegiadamente as conseqüências da elaboração teórica para a práxis psicanalítica. Dentre as escolhas que se apresentam, optamos pelo conceito de *inconsciente* por algumas razões que exporemos a seguir.

Em primeiro lugar, afirmações do próprio Lacan levam a supor que haveria alguma particularidade no estatuto do inconsciente em sua teoria, quando comparado ao inconsciente freudiano: “o inconsciente não é de Freud, o inconsciente é de Lacan; mas isso não impede que o campo (...) seja freudiano”³⁵; e também: “este inconsciente do qual Freud não compreendia estritamente nada.”³⁶

Por outro lado, nenhum psicanalista poderia negar que o conceito de inconsciente é um dos pilares de sustentação do corpo teórico-clínico da psicanálise. “Se fosse preciso concentrar numa palavra a descoberta freudiana, seria incontestavelmente na palavra inconsciente.”³⁷ Além disso, a postulação de que o inconsciente é o objeto, por excelência, da psicanálise está presente em mais de um autor.³⁸ O que não garante que os diversos analistas, que dizem que operam com o inconsciente em sua prática, estejam falando sobre a mesma coisa.

³⁵ Lacan, J. (1977). “Ouverture de la Section Clinique”, em *Ornicar?*, 9. Paris, Navarin Éditeur, 1977, p.10.

³⁶ Lacan, J. (1977). *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Seminário inédito, lição de 26/2/77.

³⁷ Laplanche, J. e Pontalis, J.B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 1992, p.236.

³⁸ Cf. Althusser, L. “Freud y Lacan”, em *El hombre y su mente*, 2. Op. cit., pp.24,27.

Nossa hipótese, portanto, é que a definição de inconsciente determinará toda uma trama de conceitos que se interrelacionam e que irão constituir as diretrizes da clínica psicanalítica. Através da investigação do estatuto do inconsciente em Freud e Lacan, pretendemos traçar algumas particularidades da clínica lacaniana em relação à freudiana.

Supomos, por exemplo, que a afirmação lacaniana: “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”³⁹ resultará em algumas singularidades na concepção da intervenção analítica. Num desdobramento coerente, as conseqüências incidirão principalmente: por um lado, no tempo lógico, no corte das sessões e no estatuto da interpretação; por outro, na noção de ato analítico, na posição do psicanalista e numa formulação particular do final da análise.

Tentaremos demonstrar, portanto, que a imbricação teoria-prática em psicanálise se dá de tal modo, que novos instrumentos conceituais produzirão modificações no próprio funcionamento da práxis analítica. Essas mudanças, por sua vez, contribuirão para uma posterior elaboração e problematização das novas ferramentas teóricas.

³⁹ Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, pp. 65,66. A frase não será sempre a mesma, senão que irá variar, de forma sutil, de acordo com o momento da teorização lacaniana que estiver em jogo. Nesse momento, por exemplo, a ênfase é situada no: “*como* uma linguagem”, já que o entusiasmo de Lacan pela lingüística estrutural estava, então, longe de ser o mesmo que aquele dos tempos da “Instância da letra” (1957). Nesse último artigo, Lacan afirmava literalmente: “é toda a estrutura da linguagem o que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente.” Cf. Lacan, J. (1957). “La instancia de la letra en inconsciente freudiano o la razón desde Freud”, em *Escritos, I*. México, Siglo Veintiuno Editores, 1984, pp.474,475.

PARTE II

FREUD E O INCONSCIENTE

CAPÍTULO 2

INCONSCIENTE E REPRESENTAÇÃO

2.1 – “LACAN É FREUDIANO, MAS FREUD NÃO É LACANIANO”

Após haver afirmado que “o inconsciente não é de Freud, o inconsciente é de Lacan; mas isso não impede que o campo (...) seja freudiano”¹ – declaração bastante enigmática, que mencionamos no capítulo anterior –, Lacan precisará melhor o ponto em que se diferencia de Freud em sua abordagem do inconsciente. No Seminário: *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (1977), alguém da audiência interpela

¹ Lacan, J. (1977). “Ouverture de la Section Clinique”, em *Ornicar? 9*. Paris, Navarin Éditeur, 1977, p.10.

Lacan, dizendo em tom de pergunta: “Lacan é freudiano, mas Freud não é lacaniano?”². Ao que o mestre responde:

“Completamente certo. Freud não tinha a menor idéia daquilo que Lacan encontrou tagarelando ao redor desta coisa da qual não temos idéia (...) *A idéia de representação inconsciente é uma idéia totalmente vazia. Freud golpeava totalmente ao lado do inconsciente. Antes de tudo, isso é uma abstração. Não se pode sugerir a idéia de representação senão tirando ao real todo seu peso concreto. A idéia de representação inconsciente é uma coisa louca; pois bem, é assim que Freud o aborda. Há pistas disso muito tarde em seus escritos.*”³

E Lacan complementa ainda sua resposta, com a seguinte indicação sobre o estatuto do inconsciente a ser depurado de seu ensino:

“O inconsciente? Eu proponho dar-lhe um outro corpo (...) Ali são suficientes palavras; as

² Lacan, J. (1976-1977). *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Seminário inédito, lição de 26/2/77.

³ Lacan, J. (1976-1977). *Ibid.* O grifo é nosso.

palavras fazem corpo, isso não quer dizer de modo algum que se compreenda ali nada. Isso é o inconsciente, se está guiado por palavras com as quais não se compreende nada.”⁴

Tais declarações, tardias cronologicamente no ensino de Lacan, serão tomadas – no âmbito do presente trabalho – como ponto de referência lógico, a partir do qual se situará nossa pesquisa sobre o inconsciente freudiano.

Essa perspectiva se justifica por duas razões: primeiramente, porque o caráter de *a posteriori* está aí presente tanto no que diz respeito à teoria freudiana como à própria obra lacaniana – já que Lacan retroage e resume, nessa ocasião, seu percurso relativo à formulação sobre o inconsciente. Em segundo lugar, porque delinea-se nesse momento uma borda diferencial quanto ao estatuto do inconsciente em cada um dos dois autores – sendo esse o nosso interesse primordial, e não o de empreender uma investigação sobre o conceito de inconsciente *tout court*.

Cabe notar ainda que, a partir desses enunciados do Seminário: *L'insu ...* (1976-1977) – citados acima –, estabelece-se uma polaridade: por

⁴ Lacan, J. (1976-1977). *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Seminário inédito. Lição de 26/2/77.

um lado, a representação inconsciente freudiana; por outro, o inconsciente lacaniano onde “as palavras fazem corpo.”⁵

Passaremos agora a examinar a incidência da noção de representação {*Vorstellung*} sobre a concepção freudiana do inconsciente. Num momento posterior, investigaremos o desenvolvimento da construção do inconsciente lacaniano em sua articulação à linguagem.

2.2 – SOBRE A *VORSTELLUNG* FREUDIANA

2.2 .a – FREUD E HERBART

A obra de Paul L. Assoun oferece alguns subsídios que nos permitem situar o solo epistemológico onde a noção de *Vorstellung* – presente na obra freudiana – se encontrava enraizada. Dentro do contexto da psicologia científica alemã do século XIX, o nome de Herbart aparece como grande influenciador de vários autores nos campos da fisiologia, da psiquiatria e da psicologia da época, tais como: Gustav Lindner, Wilhelm Griesinger e Franz Brentano, entre outros⁶.

⁵ Lacan, J. (1976-1977). *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Seminário inédito. Lição de 26/2/77.

⁶ Assoun, P.L. *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1983, pp.154,155 e 160.

A construção herbartiana repousa na idéia de que “a psicologia constrói o espírito com representações, como a fisiologia constrói o corpo com fibras.”⁷ Trata-se de uma psicologia que recusa as *faculdades*, em privilégio de uma *dinâmica*, cujo “átomo”, cuja “moção de base” é o que Herbart chama de *representação* {*Vorstellung*}.⁸

As representações são, para Herbart, *forças* suscetíveis de *medida*, porém cada uma delas só se *torna* uma força por *oposição* a uma outra representação.⁹ Segundo Assoun, “encontramos aí uma idéia cujo traço precisaria ser procurado até no cerne da metapsicologia freudiana: é a oposição que cria a determinação.”¹⁰

Além disso, a psicologia herbartiana apresenta uma série de outros termos que serão utilizados posteriormente por Freud: a oposição entre as representações, por exemplo, é “suscetível de radicalizar-se em resistência {*Widerstand*}”; em decorrência do conflito entre representações, uma pode ser *recalcada* {*Verdrängen*} pela outra; “Herbart chama de parada ou inibição {*Hemmung*} o processo pelo qual a representação se vê limitada em e por sua oposição a uma outra.”¹¹

⁷ Citado em Assoun, P. L. *Introdução à epistemologia freudiana*. Op. cit., p.155. A referência é a uma obra de Herbart publicada em 1824-1825: *A psicologia como ciência recentemente fundada na experiência, na metafísica e na matemática*.

⁸ Cf. Assoun, P.L. *Introdução à epistemologia freudiana*. Op. cit., p.150.

⁹ Cf. Assoun, P.L. *Idem*. Op. cit., pp.150,151.

¹⁰ Cf. Assoun, P.L. *Idem*. Op. cit., p.151.

¹¹ Cf. Assoun, P.L. *Introdução à epistemologia freudiana*. Op. cit., pp.151,152.

Quanto à questão do lugar dos processos psíquicos inconscientes na teoria herbartiana, Assoun explicita:

“A tomada em consideração da dinâmica representacional culmina, não fortuitamente em Herbart, na implicação do inconsciente na vida psíquica. Uma representação está na consciência na medida em que não se encontra sujeita à *parada*. O processo de obscurecimento {*Verdunkelung*}, que tem por termo a metamorfose [da representação] em tendência, em certo grau passa por um limiar {*Schwelle*}, definido como o estado da representação tal, que basta a menor ação para reconduzi-la à consciência – o que, topicamente, seria comparável ao sistema pré-consciente em Freud. O grau de obscurecimento é, pois, proporcional ao poder da ação necessária para fazer remontar a representação até o limiar da consciência.”¹²

Essa brevíssima exposição de alguns dos elementos do modelo herbartiano – ainda que necessariamente incompleta – visa tão-somente

¹² Assoun, P.L. *Introdução à epistemologia freudiana*. Op.cit., pp.152.153.

estabelecer uma filiação Freud-Herbart no que toca, especificamente, à noção de *Vorstellung*. É claro que essa filiação não resulta em identidade, mas possibilita investigar – de modo limitado aos propósitos de nossa pesquisa – algumas ressonâncias filosóficas e psicológicas sobre a construção da teoria freudiana do inconsciente:

“Trata-se de interpretarmos o efeito epistemológico dessa filiação. Porque Herbart não fornece a Freud apenas alguns instrumentos conceituais, mas lega-lhe certa concepção do próprio conhecimento, fundada em desafios metafísicos. (...) A psicologia constitui, em Herbart, uma parte da metafísica. (...) Ao investir o herbartismo, é de certa concepção implícita, mas eficaz, da objetividade e da psique, que se apropria. Portanto, não seria surpreendente ver essas categorias agirem implicitamente na metapsicologia freudiana, por menos que Freud esteja informado da metafísica herbartiana!”¹³

Embora não haja nenhum indício de que Freud tenha lido a obra de Herbart, isso não impede que o modelo deste último lhe tenha sido

¹³ Assoun, P.L. *Introdução à epistemologia freudiana*. Op.cit. , pp.156,157.

transferido, através de outros autores que foram mais diretamente influenciados pela teoria herbartiana, tais como: Gustav Lindner – cujo manual Freud havia lido na época de estudante de liceu –, ou Franz Brentano – cujos seminários Freud frequentou após haver ingressado na faculdade¹⁴.

Portanto, não é por acaso que Freud fará uso do termo *Vorstellung* em diferentes momentos de sua elaboração sobre o aparelho psíquico e sobre o inconsciente. E o que é mais curioso: sem sequer se perguntar sobre a adequação e as conseqüências desse emprego .

No entanto, esse recalque das origens filosóficas e metafísicas da *Vorstellung* não deixará de ter efeitos sobre a construção freudiana relativa ao inconsciente. Tentaremos mostrar, mais adiante, que o próprio impasse a que se chega com a noção de *Vorstellung* será um dos fatores que irão compelir Freud a elaborar a segunda tópica.

Por outro lado, cabe ressaltar que, apesar de encontrarmos alguns pontos aparentemente convergentes no emprego do termo *Vorstellung* nas teorias freudiana e herbartiana – como mencionado há pouco –, as divergências não são menos significativas.

Uma diferença fundamental parece ser a postulação freudiana, desde os primeiros textos, de uma dualidade no campo das representações. No

¹⁴ Cf. Assoun, P.L. *Introdução à epistemologia freudiana*. Op.cit., pp.154,160.

artigo sobre as afasias (1891)¹⁵, por exemplo, aparecem: por um lado, a representação-palavra {*Wortvorstellung*}, por outro, a representação-objeto {*Objektvorstellung*}; vinte e quatro anos depois, no artigo sobre o Inconsciente (1915)¹⁶, a oposição é situada entre a representação-palavra {*Wortvorstellung*} e a representação-coisa {*Sachvorstellung*}.

Portanto, ainda que Herbart proponha a idéia de uma necessária oposição entre as representações, ainda que fale de resistência {*Widerstand*}, recalque {*Verdrängung*} e inibição {*Hemmung*} – na dinâmica do processo representacional –, isso não o leva à postulação freudiana de uma *representação-palavra* e uma *representação-coisa*.

Qual a razão desse encaminhamento freudiano, relativo à questão do modo de funcionamento da *Vorstellung* no aparelho psíquico? Quais os estatutos desses dois tipos de representação: *Wortvorstellung* e *Sachvorstellung*? E ainda: qual a relação desses dois últimos elementos às categorias da lingüística saussuriana: *significante* e *significado*?

Em torno dessas perguntas procuraremos traçar um breve percurso na obra de Freud, que nos permita abordar a construção freudiana daquilo que virá a ser nomeado *representação inconsciente*.

¹⁵ Freud, S. (1891)“A interpretação das afasias. Um estudo crítico.”, em *A interpretação das afasias*. Lisboa. Edições 70.

¹⁶ Freud, S. (1915)“Lo inconciente.”, em *Obras completas Sigmund Freud Amorrortu Editores*, 14. Buenos Aires, 1989.

2.2.b – REPRESENTAÇÃO-PALAVRA E REPRESENTAÇÃO-COISA

Conforme mencionado anteriormente, desde o artigo freudiano sobre as afasias (1891) – apesar de não se tratar ainda de um aparelho psíquico, mas de um “aparelho de linguagem”¹⁷, em que a questão do inconsciente não está colocada como tal –, já podemos encontrar uma dualidade no campo representacional: de um lado a *representação-palavra*, de outro a *representação-objeto*.

A representação-palavra corresponde aí a um complexo associativo que compreende as imagens: acústica {*klangbild*}, de leitura {*visuelle Buchstabenbild*}, de escrita {*Schreibbewegungsbild*} e motora {*Sprachbewegungsbild*} da palavra¹⁸; enquanto a representação-objeto abrange diversos elementos: visuais, auditivos, táteis e cinestésicos.¹⁹

Dentre os elementos constitutivos de ambos os conjuntos representacionais são, respectivamente, a imagem acústica da palavra e a imagem visual do objeto as que prevalecem em cada um desses

¹⁷ Freud, S. (1891). “A interpretação das afasias. Um estudo crítico.”, em *A interpretação das afasias*. Op.cit., p.62.

¹⁸ Pelsser, R. “Le point de vue linguistique sémiotique dans la métapsychologie freudienne.”, em *Psychanalyse à l’université, tome 7, n.26*. Paris, Éditions Erès, 1982, pp.257,258.

¹⁹ Freud, S. (1891). “A interpretação das afasias. Um estudo crítico.”, em *A interpretação das afasias*. Op. cit., pp.70,71

complexos.²⁰ Além disso, a representação-palavra é “um complexo associativo *fechado*, isto é, limitado às imagens sonoras, visuais e motoras da palavra”, enquanto a representação-objeto “é um complexo associativo *aberto*, isto é, composto de imagens passadas e presentes da coisa, mas igualmente de imagens futuras possíveis.”²¹

Freud afirma também, nesse artigo, que a “palavra adquire sua denotação pela ligação com a representação objetal, pelo menos se nos limitarmos à consideração dos substantivos”²²; e que a relação entre ambas – representação-palavra e representação-objeto – pode ser qualificada de “simbólica”.²³ Formula, ainda, que essa articulação se dá pela ligação da imagem acústica da palavra com a imagem visual do objeto.

É surpreendente constatar nessas formulações freudianas iniciais sobre a linguagem aproximações com as categorias saussurianas: signo, significante e significado. Não obstante, as construções de Freud antecedem o ensino de Saussure, e não consta que o primeiro tenha tido qualquer contato com as teses deste último²⁴ – discutiremos mais adiante os aspectos e implicações dessa *ressonância* Freud-Saussure. Prossigamos

²⁰ Pelsser, R. “Le point de vue linguistique-sémiotique ...”, em *Psychanalyse à l’université*, 7, n. 26. Op.cit., p.258. E também: Freud, S. (1891). “A interpretação das afasias. Um estudo crítico”, em *A interpretação das afasias*. Op. cit., p.71

²¹ Pelsser, R. Idem, p.258. Cf. também: Freud, S. (1891). Idem, pp.71,72

²² Freud, S. (1891). “A interpretação das afasias. Um estudo crítico.”, em *A interpretação das afasias*. Op.cit., p. 70

²³ Pelsser, R. “Le point de vue linguistique-sémiotique ...”, em *Psychanalyse à l’université*. Op. cit., p.259.

²⁴ Dreyfuss, J.P., Jadin, J.M., Ritter, M. *Qu’est-ce que l’inconscient? Un parcours freudien*. Paris. Éditions Arcanes, 1996, p.143.

agora indicando outros desdobramentos dessa dualidade no campo freudiano das representações, e a articulação destas últimas ao recalque e ao inconsciente.

Na carta 79 a Fliess (22 de dezembro de 1897), Freud relata uma descoberta que diz respeito à neurose obsessiva:

“Para a neurose obsessiva se corrobora que a *representação-palavra*, e não o conceito a ela inerente, é a localidade por onde irrompe o recalcado. (Mais precisamente, é a lembrança-palavra). Daí que as coisas mais díspares tendam a reunir-se como representação obsessiva sob uma palavra multívoca. Para a tendência à irrupção, estas palavras ambíguas são, por assim dizer, como matar vários coelhos de uma só cajadada. (...)”²⁵

Encontramos já nessa passagem uma formulação sobre o recalque que indica sua ligação à *representação-palavra* e não ao *conceito*. Tal postulação será retomada muitos anos mais tarde por Freud, em seu artigo sobre “O inconsciente” (1915), de uma forma bem semelhante: nessa ocasião, a chamada “moção pulsional inconsciente” é tratada como “uma

²⁵ Freud, S. (1897). “Carta 79”, em *Amorrortu Editores, I. Op. cit.*, p.314.

moção pulsional cuja agência representante-representação [*Vorstellungsrepräsentanz*] é inconsciente, pois não é de outra coisa que se trata.”²⁶ Ou seja, o recalque incide sobre a representação-palavra ou – tal como aparece nesse artigo de 1915 – sobre o “representante-representação” {*Vorstellungsrepräsentanz*} da pulsão.

Na carta 52 a Fliess (6/12/1896), Freud apresenta uma concepção do aparelho psíquico e das psiconeuroses, onde aparecem os termos de “estratificação”, “reordenamento”, “inscrição” {*Niederschrift*}, “retranscrição” {*Umschrift*}, “signos” {*Zeichen*} e “tradução” {*Übersetzung*}. O recalque é aí tratado como “uma falha, uma recusa {*Versagung*} de tradução do material psíquico”²⁷ em representações-palavra, e as psiconeuroses são explicadas pelo fato de que “a tradução do material psíquico em *signos* {*die übersetzung in die zeichen*} ”²⁸ não se realizou.

Na mesma Carta (1896), o Inconsciente (Ic) aparece como uma “transcrição” de traços mnêmicos, que “talvez correspondam a lembranças de *conceitos*”²⁹, enquanto o Pré-Consciente (Prc) é uma camada de

²⁶ Freud, S. (1915). “Lo inconsciente”, em *AE, 14*. Op. cit., p.173.

²⁷ Freud, S. (1896). “Carta 52”, em *AE, 1*. Op. cit., p.276.

²⁸ Freud, S. (1896). “Carta 52”, citado em Pelsser, R. “Le point de vue linguistique-sémiotique ...”, em *Psychanalyse à l’université, 7, n.26*. Op. cit., p.267.

²⁹ Freud, S. (1896). “Carta 52”, em *AE, 1*. Op. cit., p.275. O grifo é nosso.

inscrições “ligada a *representações-palavra*, correspondente a nosso eu oficial.”³⁰

Essa questão da articulação entre as instâncias psíquicas e os diferentes tipos de representação – já anunciada na carta 52 –, é retomada de modo muito parecido no texto metapsicológico sobre “O inconsciente” (1915), mencionado anteriormente. No entanto, aparecem nesse último artigo três tipos de representações – diferentemente do que ocorre no texto sobre as afasias (cf. acima) –: a representação-coisa {*Sachvorstellung*}³¹, a representação-palavra {*Wortvorstellung*} e a representação-objeto {*Objektvorstellung*}. Esta última seria a reunião das duas primeiras.³²

“(…) acreditamos saber agora onde reside a diferença entre uma representação consciente e uma inconsciente. Elas não são, como acreditávamos, diversas transcrições do mesmo conteúdo em lugares psíquicos diferentes, nem diversos estados funcionais de investimento no mesmo lugar, senão que a representação consciente abrange a representação-coisa mais a correspondente representação-palavra, e a inconsciente é apenas a representação-coisa. (...)”³³

³⁰ Freud, S. (1896). “Carta 52”, em *AE, I*. Op. cit., p.275. O grifo é nosso.

³¹ Em “Luto e melancolia” (1917), Freud substituiu *Sachvorstellung* pelo termo *Dingvorstellung* (*AE, 14*, p.253), que já havia usado antes, na “Interpretação dos sonhos” (1900) (*AE, 4*, p.302), e em seu livro sobre o chiste (1905) (*AE, 8*, p.115).

³² Freud, S. (1915). “Lo inconsciente.”, em *AE, 14*. Op.cit., p.197.

³³ Freud, S. (1915). Idem, p.198.

“O sistema *Icc* contém os investimentos de coisa dos objetos, que são os investimentos de objeto primeiros e genuínos; o sistema *Prcc* nasce quando essa representação-coisa é sobre-investida pelo enlace com as representações-palavra que lhe correspondem. Tais sobre-investimentos (...) são os que produzem uma organização psíquica mais elevada e possibilitam a substituição do processo primário pelo processo secundário que governa no interior do *Prcc*.”³⁴

Caberia perguntar, no entanto, qual a relação entre essa polaridade freudiana de 1915: *representação-palavra / representação-coisa* – que Assoun considera como “a instituição do operador metapsicológico”³⁵ –, e a anterior: *representação-palavra / representação-objeto*, introduzida por Freud no artigo sobre as afasias (1891). É Assoun quem responde:

“ na medida em que passamos de um ponto de vista neuropatológico a um ponto de vista propriamente metapsicológico, a “representação de objeto” é especificada como

³⁴ Freud, S. (1915). “Lo inconciente.”, em *AE, 14*. Op.cit., p.198.

³⁵ Assoun, P.L. *Metapsicologia freudiana. Uma Introdução*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor Ltda, 1995, p.84.

“representação de coisa” (*Sachvorstellung*) em face da “representação de palavra”. O termo “*Objekt*” denotava o pólo objetivo, correlato da idéia e da palavra; o termo *Sache* acentua a “coisidade” do próprio processo representacional, conversão exigida (...) pela promoção do “inconsciente” ao estatuto de “coisa interna.”(...)”³⁶

Não obstante, ainda que Freud houvesse aproximado em determinada ocasião – ao dirigir-se a um interlocutor filósofo³⁷ – o inconsciente a “nada menos que à coisa em si”³⁸, ele “não formula a equação brutal: Inconsciente = Coisa, que nos remeteria aos metafísicos do inconsciente, e que ele recusa de uma vez por todas pela ruptura epistemológica que a metapsicologia torna possível.”³⁹

Contudo, o estatuto da *representação-coisa* freudiana está longe de ser simples. Se a *Wortvorstellung* parece ancorar-se com mais facilidade na *palavra* – por sua própria denominação –, qual a relação da *Sachvorstellung* com a linguagem? Na medida em que esta segunda vertente da representação é o que define a *representação inconsciente*

³⁶ Assoun, P.L. *Metapsicologia freudiana. Uma introdução*. Op.cit., pp.84,85.

³⁷ Cf. Assoun, P.L. Idem. Op.cit., p.85, n.25. A referência é a Paul Häberlin.

³⁸ Assoun, P.L. Idem, p.85.

³⁹ Assoun, P.L. Ibid.

como tal,⁴⁰ procuraremos avançar no sentido de interrogar seu estatuto – e portanto, também o do próprio inconsciente freudiano –, através de uma comparação com as categorias da lingüística estrutural: *significante* e *significado*.

Tal encaminhamento tem como ponto de visada a pergunta: o inconsciente freudiano – suportado pela *representação inconsciente*, a *Sachvorstellung* – é o mesmo “inconsciente estruturado como uma linguagem”⁴¹, tal como formulado por Lacan em diferentes momentos de seu ensino?

⁴⁰ Cf. Freud, S. (1915). “Lo inconciente”, em *AE, 14*. Op.cit., p.198.

⁴¹ Cf. Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, pp.65,66.

CAPÍTULO 3

OS LIMITES DA *VORSTELLUNG*

3.1 – REPRESENTAÇÃO E REFERENTE

É claro que o termo *representação* não pode ser pensado na obra freudiana como um simples decalque da percepção, já que mesmo “a representação-coisa {*Sachvorstellung*} consiste no investimento, senão da imagem mnêmica direta da coisa, ao menos de traços mnêmicos mais distanciados, derivados dela”¹.

Além disso, sabe-se – como mencionado anteriormente – que Freud recorre ao termo “representante-representação”

¹ Freud, S. (1915). “Lo inconciente”, em *AE, 14*. Op. cit., pp.197,198.

{*Vorstellungsrepräsentanz*} no artigo sobre “O inconsciente”(1915)², ao tratar do recalque pulsional. A esse respeito, comenta Gaufey:

“Esse “representante” merece então seu título sob o modelo do deputado que “representa” os eleitores de sua circunscrição. Ele não se lhes assemelha: ele não é sua representação. Apenas o representante. Mas esse representante, *porque ele vem a se articular (...) a outros representantes*, faz então parte de uma “representação”: a assembléia nacional é uma representação do país, como os representantes das pulsões se encontram por vezes ligados em representações, que são as que operam nos fantasmas.”³

“Esse termo mesmo de *Vorstellungsrepräsentanz* é necessitado por Freud desde que ele quer fazer entender o lado “não-representativo” da representação, aquilo com o qual ela é fabricada, e não aquilo ao qual ela reenvia enquanto re-representação.”⁴

² Freud, S. (1915). “Lo inconsciente”, em *AE, 14*. Op. cit., p.173. Sobre o termo *Vorstellungsrepräsentanz*, cf. a discussão de Lacan sobre o tema em: Lacan, J. (1964). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda, 1985, pp.205-210.

³ Gaufey, G. “Représentation freudienne et signifiant lacanien”, em *Littoral, 14*. Op.cit.. pp.42,43.

⁴ Gaufey, G. Idem, p.43. O grifo é nosso.

Por outro lado, a noção de *representação* carrega – ainda que a contragosto de Freud – as marcas de sua origem psico-filosófica; ou seja, a representação clássica é a reprodução da percepção (cf. a discussão apresentada no capítulo 2). Como assinala o próprio Freud no artigo “A denegação” (1925): “é preciso recordar que todas as representações provêm de percepções, são repetições destas.”⁵

E também não se pode negar que, apesar da presença do termo “*Vorstellungsrepräsentanz*”, há uma prevalência na obra freudiana da pura *representação* {*Vorstellung*}, que – segundo Gaufey – “continua a constituir para Freud o átomo (...) da vida psíquica”.⁶ Sobre isso, continua o mesmo autor:

“Porque, por mais longe que se estenda a decomposição interna, a representação permanece uma unidade inviolável na medida em que sua função essencial é concebida como a visada de um referente que ela representaria. *O referente é então o cimento da representação, aquilo que lhe dá sua consistência imaginária que Freud ao mesmo tempo rompeu e respeitou*”.⁷

⁵ Freud, S. (1925). “La negación”, em *AE*, 19. Op. cit., p.255.

⁶ Gaufey, G. “Représentation freudienne et signifiant lacanien”, em *Littoral*, 14. Op.cit., p.43.

⁷ Gaufey, G. Idem. Op.cit., p.43. O grifo é nosso.

O ponto de vista de Gaufey é, portanto, o de que Freud simultaneamente rompe e preserva a unidade, e o referente da representação: rompe, quando ele se afasta do “trauma” e se separa da concepção clássica da representação, como “pura impressão vinda do exterior”⁸ ; mas também preserva, na medida em que “os referentes das representações com as quais ele [Freud] lidava não deixavam de insistir, e apelavam a serem levados em conta.”⁹

A *insistência* de Freud em “assegurar-se da realidade da cena primitiva no Homem dos Lobos”¹⁰ poderia ser citada como um exemplo clínico, onde essa *insistência* dos referentes acaba por incidir na própria condução do tratamento e na posição do psicanalista.

Procuraremos mostrar, agora, de que modo as categorias saussurianas *signo, significado e significante* implicarão em uma nova formulação para o problema do *referente* da representação.

3.2 – SIGNO, SIGNIFICADO E SIGNIFICANTE

Na medida em que a leitura lacaniana da obra de Freud se faz, em parte, através da mediação da lingüística estrutural – em especial, dos

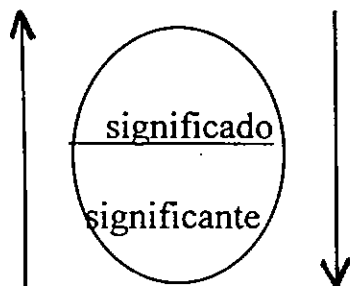
⁸ Gaufey, G. “Représentation freudienne et signifiant lacanien”, em *Littoral*, 14. Op.cit., pp.43,44.

⁹ Gaufey, G. Idem, p.44.

¹⁰ Cottet, S. *Freud e o desejo do psicanalista*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda, 1989, pp.102-105.

ensinamentos de Ferdinand de Saussure –, procuraremos elaborar uma pequena introdução dos conceitos saussurianos fundamentais que irão nos interessar nesse momento.

O signo lingüístico é para Saussure “uma entidade psíquica de duas faces”, que “une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica.”¹¹ Logo a seguir, os termos “conceito” e “imagem acústica” serão substituídos respectivamente por *significado* e *significante*. Enquanto “unidade lingüística”¹² o signo equivale, pois, à associação entre dois elementos articulados biunivocamente, como indicam as setas da figura:



Os termos *significado* e *significante* são formulados como as duas faces da mesma moeda. Ou como o verso e o reverso de uma folha de papel ¹³, em que “não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o

¹¹ Saussure, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo, Editora Cultrix, 1996, p.80.

¹² Saussure, F. *Idem*, p.79.

¹³ Saussure, F. *Idem*, p. 131.

outro; assim, tampouco, na língua, se poderia isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som; só se chegaria a isso por uma abstração cujo resultado seria fazer Psicologia pura ou Fonologia pura”.¹⁴

A partir da definição do signo como união de dois elementos que estão “intimamente unidos”, e em que “um reclama o outro”¹⁵, Saussure passa a tratar de dois princípios: a arbitrariedade do signo e a linearidade do significante.

O arbitrário do signo deve-se ao fato de que “a idéia de *mar*”, por exemplo, “não está ligada por relação alguma interior à seqüência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra seqüência, não importa qual.”¹⁶

O próprio autor ressalta que a arbitrariedade não implica que “o significado dependa da livre escolha daquele que fala”, mas que o “significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade.”¹⁷ Ou seja, o signo remete à “convenção” da língua.¹⁸

Saussure distingue também, nesse momento, o *signo* do *símbolo*, dizendo que a característica deste último é não ser “completamente arbitrário; ele não está vazio, existe um rudimento de vínculo natural entre

¹⁴ Saussure, F. *Curso de lingüística geral*. Op.cit., p.131.

¹⁵ Saussure, F. Idem, p.80.

¹⁶ Saussure, F. Idem, pp.81,82.

¹⁷ Saussure, F. Idem, p.83.

¹⁸ Saussure, F. Idem, p.82.

o significante e o significado. O símbolo da justiça, a balança, não poderia ser substituído por um (...) carro, por exemplo.”¹⁹

Quanto ao segundo princípio, que diz respeito ao caráter linear do significante, afirma o autor que a imagem acústica, “sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) *representa uma extensão*, e b) *essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha*.”²⁰

Portanto, os significantes formam uma cadeia, “seus elementos se apresentam um após o outro”, e isso pelo fato de que “dispõem apenas da linha do tempo”.²¹ É interessante ressaltar, também, que o *significante* – ao contrário da *representação* – articula-se, por sua própria definição, a uma dimensão temporal. Veremos mais adiante como a concepção lacaniana do *tempo lógico* irá se vincular, progressivamente, a essa temporalidade própria da cadeia significante.

Sabemos que a maior parte do que foi dito sobre esse assunto, até agora, é bastante conhecido da maioria. Nossa intenção – nessa brevíssima introdução de algumas das formulações saussurianas sobre o signo lingüístico – foi fazer um *retorno*, tentando ‘dar a Saussure o que é de Saussure’. Observamos que a tendência a identificar o objeto

¹⁹ Saussure, F. *Curso de lingüística geral*. Op.cit., p.82.

²⁰ Saussure, F. *Idem*, p.84.

²¹ Saussure, F. *Ibid.*

reencontrado com aquele que supostamente lá estava na origem – inclinação humana por excelência, segundo Freud – pode levar a uma confusão, no que diz respeito às relações entre linguagem e psicanálise em geral, e entre linguagem e inconsciente freudiano em particular.

Portanto, após essa tentativa de ‘dar a Saussure o que é de Saussure’, prosseguiremos procurando ‘dar a Freud o que é de Freud’, no que toca às articulações entre linguagem e inconsciente.

3.3 – FREUD E SAUSSURE

Grande parte dos autores interessados nesse tema indicam as dificuldades de acomodação entre o par freudiano *representação-palavra / representação-coisa*, por um lado; e o par *significante/significado*, por outro.

Robert Pelsser, por exemplo, propõe que o artigo freudiano sobre “O inconsciente” (1915) corresponderia à aparição oficial do que o autor chama de “ponto de vista lingüístico-semiótico”²² na obra de Freud. E por

²² Cf. Pelsser, R. “Le point de vue linguistique-sémiotique dans la métapsychologie freudienne.”, em *Psychanalyse à l’université, tome 7, n.26*. Paris, Éditions Erès, 1982, pp.252-256.

que utilizar a qualificação *lingüístico-semiótico*? – pergunta Pelsser. É ele próprio quem responde:

“(...) o conceito de representação tem nessa passagem [do artigo freudiano sobre “O inconsciente”] um duplo sentido: num caso, ele reenvia ao funcionamento da linguagem na neurose e na psicose, e nós desembocamos num *sentido lingüístico*: a representação de palavra corresponde ao *significante* e a representação de coisa ao *significado*; no outro caso, o conceito reenvia à *relação do sujeito à realidade*, e nós podemos destacar dessa vez um *sentido semiótico*: a representação de palavra equivale aos *signos verbais*, à capacidade de linguagem, de verbalização {*die Aussprache*}, e a representação de coisa recobre os *signos em imagem* [*signes imagés*], a capacidade de imaginação, de mentalização {*die Phantasie*} (...)”²³

A abordagem de Pelsser tem o interesse de apontar para a ambigüidade do termo *representação* utilizado por Freud, aspecto que já

²³ Pelsser, R. “Le point de vue linguistique-sémiotique ...”, em *Psychanalyse à l’université*, 7. n.26. Op. cit., p.255. O grifo é nosso.

foi também discutido por outros autores²⁴ – como vimos anteriormente. Mas o que apresenta de original é a possibilidade de examinar duas faces da representação freudiana.

A primeira antecipa de certo modo as descobertas da lingüística saussureana – e nesse sentido, poder-se-ia propor uma correspondência entre *representação-palavra* e *significante*, por um lado, e *representação-coisa* e *significado*, por outro²⁵.

A segunda face da representação freudiana tem um sentido *semiótico*, ou seja, remete – no caso da dualidade *representação-palavra* e *representação-coisa* – a dois sistemas diferentes de signos: os *verbais*, ligados à verbalização {*die Aussprache*}, e os *signos em imagem*, que se vinculariam à capacidade de imaginação {*die Phantasie*}.²⁶

Uma conseqüência dessa ambigüidade do termo *Vorstellung*, utilizado por Freud, e que interessa ao tema de nossa investigação, diz respeito a uma “*cronologia*” – segundo Pelsser – dos sistemas semióticos de representação²⁷, na perspectiva freudiana. Ou seja, é suposta uma antecedência dos *signos-imagem* aos *signos verbais*. Podemos citar, por

²⁴ Cf. Gaufey, G. “Représentation freudienne et signifiant lacanien”, em *Littoral*, 14. Op.cit., pp.41-56.

²⁵ Não é evidente, contudo, essa correspondência e alguns autores sugerem que a representação de coisa teria um estatuto diferente do significado em lingüística, apontando para a vertente *real* da pulsão. Tal ponto de vista se justifica pelo fato de que o representante, para Freud, é representante da pulsão e não do objeto percebido. Cf. a esse respeito a interessante discussão de Rudge, A.M. (1994) *Pulsão: linguagem e ato*. Tese de doutorado defendida em 29/7/94 no Departamento de Psicologia Clínica da PUC -Rio, pp.143-150.

²⁶ Pelsser, R. “Le point de vue linguistique-sémiotique ...”, em *Psychanalyse à l’université*, 7, n.26. Op.cit., p.255.

²⁷ Pelsser, R. Idem, p.268. O grifo é nosso.

exemplo, a passagem do artigo “O eu e o isso” (1923), onde Freud afirma que: “[o pensar em imagens] de algum modo está mais próximo dos processos inconscientes que o pensar em palavras, e sem dúvida alguma é mais antigo que este, tanto ontogenética quanto filogeneticamente.”²⁸

Todas as caracterizações do inconsciente como *arcaico*, *primitivo*, e mesmo *pré-verbal*, poderiam encontrar apoio nesse tipo de passagem da obra freudiana. Caberia mesmo a pergunta sobre qual o estatuto desse “pensar em imagens”, “mais próximo dos processos inconscientes”²⁹, segundo Freud. Veremos mais adiante que a concepção lacaniana irá se diferenciar radicalmente dessa perspectiva.

Tomando uma outra direção na abordagem do mesmo problema – qual seja: o da articulação entre a *representação* freudiana e as categorias saussurianas *signo*, *significante* e *significado* –, Paul Assoun propõe “recapturar o lugar preciso de cruzamento e de divergência dos modelos freudiano e saussuriano da significação e da representação.”³⁰

O autor passa a listar alguns pontos em que aparecem as convergências e divergências nas formulações de Freud e de Saussure. Destacaremos apenas alguns aspectos que nos parecem mais interessantes

²⁸ Freud, S. (1923). “El yo y el ello”, em *AE*, 19. Op. cit., p.23

²⁹ Freud, S. (1923). *Ibid.*

³⁰ Assoun, P.L. *Metapsicologia freudiana. Uma introdução*. Op.cit., p.89.

para o propósito de nossa pesquisa, remetendo o leitor ao texto citado para maiores esclarecimentos.

Em primeiro lugar, na definição do signo lingüístico, Saussure emprega o termo *representação* ao referir-se à imagem acústica: “esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão {*empreinte*} psíquica desse som, a *representação* que dele nos dá o testemunho dos sentidos”³¹.

Não obstante a coincidência do uso do termo *representação* – tanto por Freud como por Saussure –, Assoun marca uma diferença fundamental quanto a esse ponto:

“A diferença mais patente é que, precisamente, Saussure engloba esses dois tipos de representações sob o termo “signo lingüístico”, enquanto Freud os deixa, de certa forma, em liberdade e mantém a autonomia dos “registros”; assim fazendo, ele reserva *de facto* a qualidade “lingüística” ou semiótica a uma das duas classes de representações, as *Wortvorstellungen*. Diferença ao mesmo tempo pontual e determinante: Freud, a partir daí, só pode conceber a questão do signo como a *metade* do problema global da “representação”. Para

³¹ Saussure, F. *Curso de lingüística geral*. Op.cit., p.80. O grifo é nosso.

Saussure, em compensação, a “coisa” – que em Freud tem seu registro representativo próprio – é, como correlato do “conceito”, a metade do “signo lingüístico”. (...)”³²

Em segundo lugar – e como consequência do que foi afirmado há pouco –, ao passo que a formulação saussuriana do signo implica um pensamento que deve “precisar-se como *pensamento-som*”, “a ordem freudiana do pensamento, essencialmente representativa, especifica-se pelos dois *atributos*: da *coisa* e da *palavra*.”³³

“Mais que um pensamento indeterminado, sendo especificado pela articulação da linguagem, estamos lidando com um pensamento atuante nas coisas, por um lado, nas palavras, por outro, e definindo-se por esse *vaivém*.”³⁴

A questão fundamental que se coloca aí, portanto, é a da relação pensamento-linguagem. Saussure postula – conforme mencionado acima – que “a língua é comparável a uma folha de papel: o pensamento é o

³² Assoun, P.L. *Metapsicologia freudiana. Uma introdução*. Op.cit., pp.89,90.

³³ Assoun, P.L. *Idem*, p.90.

³⁴ Assoun, P.L. *Idem*, pp.90,91.

anverso e o som o verso; não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro; assim tampouco, na língua se poderia isolar o som do pensamento ou o pensamento do som”³⁵. Ou seja, não há antecedência de um em relação ao outro.

Ao passo que Freud, mantendo a relativa autonomia de seus registros *representação-palavra* e *representação-coisa*, poderá afirmar, por exemplo, – conforme citado anteriormente: “[o *pensar em imagens*] de algum modo está mais próximo dos processos inconscientes do que o *pensar em palavras*, e sem dúvida alguma é mais antigo que este, tanto ontogenética quanto filogeneticamente.”³⁶

Dito de outro modo, poder-se-ia supor – a partir do texto freudiano – que há um *pensamento em imagens* e um *pensamento em palavras*, sendo o primeiro mais antigo do que o segundo. Tal ponto de vista não poderia coincidir, portanto, com a perspectiva saussuriana de um “*pensamento-som*”³⁷; não seria possível, tampouco, vincular o *pensamento em imagens* ao *significado*, por um lado, e o *pensamento em palavras* ao *significante*, por outro. Deparamo-nos aí com dois modelos representacionais – o freudiano e o saussuriano –, que não se deixam sobrepor ou encaixar com facilidade.

³⁵ Saussure, F. *Curso de lingüística geral*. Op.cit., p.131.

³⁶ Freud, S. (1923). “El yo y el ello”, em *AE*, 19. Op.cit., p.23. O grifo é nosso.

³⁷ Saussure, F. *Curso de lingüística geral*. Op.cit., p.131.

Quanto ao estatuto desse “*pensar em imagens*” recém-mencionado, é legítimo correlacioná-lo à *representação-coisa* {*Sachvorstellung*} e, portanto, à *representação inconsciente*; enquanto o “*pensar em palavras*” estaria articulado à *representação-palavra* {*Wortvorstellung*} – e, conseqüentemente, à *representação pré-consciente*.

Retomando, agora, a pergunta formulada no capítulo anterior sobre a natureza da *Sachvorstellung* freudiana, deparamo-nos com a seguinte complexidade: se admitimos que essa *representação-coisa* não é o equivalente exato do *significado* em lingüística, como formular seu estatuto?

Pareceria que se delineia, a partir dessas indicações, o paradoxo fundamental, inerente à concepção do inconsciente freudiano:

“Tudo isso (...) desenrola-se no próprio interior de uma *ordem da representação*, que conjura toda tentativa de hipostasiar um Inconsciente à imagem de Coisa: mas uma certa instância da Coisa como *ponto de fuga* da dinâmica representacional se desenha em contraponto, o que nos aproxima daquilo que poderia ser o cerne do enigma metapsicológico, Janus com suas duas faces voltadas para a Palavra e a Coisa.”³⁸

³⁸ Assoun, P.L. *Metapsicologia freudiana. Uma introdução*. Op.cit., pp.85.86.

Em outros termos, em lugar da concepção lacaniana de um “inconsciente estruturado como uma linguagem” – ou de um inconsciente onde “as *palavras* fazem corpo”³⁹ –, temos, a partir da metapsicologia freudiana, um inconsciente que se situa entre Palavra e Coisa. Um inconsciente que não é necessariamente articulado à palavra, já que a representação inconsciente é somente a *representação-coisa*; mas que só pode ser conhecido a partir da ligação à palavra, pois o tornar consciente exige a conexão com as *representações-palavra*.

E mais ainda – levando ao extremo as ambigüidades das passagens freudianas a que acabamos de nos referir –, temos: uma antecendência do *pensar em imagens* em relação ao *pensar em palavras*; uma anterioridade da *representação-coisa* em relação à *representação-palavra*; em suma: uma antecendência da *Coisa* em relação à *Palavra*.

Tais configurações – depuradas da obra freudiana – correspondem, a nosso ver, a um momento específico de transição dentro de um contexto epistemológico mais amplo. O plano mais geral é aquele em que se empreendia a passagem de uma concepção clássica da representação, ao estudo moderno da linguagem – do qual a lingüística saussuriana é parte fundamental.

³⁹ Lacan, J. (1976-1977). *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Seminário inédito, lição de 26/2/77.

Segundo Rudge, “a abertura de um campo transcendental [kantiano] possibilitou o estudo da linguagem como objeto. (...) A linguagem, separada daquilo que possa representar, surge em sua legalidade própria como uma organização autônoma”⁴⁰. E continua a autora:

“Para Foucault, não apenas a linguagem constitui-se como objeto, mas também merece o estatuto de um *transcendental*, ao instituir-se como condição de todo o conhecimento, constituindo a ordem e o nexo do objeto de conhecimento. Quanto à representação, ela sofre uma transformação correlativa na modernidade, considerada como um acontecimento (...) importante na cultura: a retirada “do saber e do pensamento para fora do espaço da representação”⁴¹. (...) A representação, categoria que fundamentava todo o saber clássico, deixa de ser o lugar de origem da linguagem, passando a ser um efeito da linguagem e suas leis⁴². (...)”⁴³

⁴⁰ Rudge, A.M. “Representação e linguagem na metapsicologia.”, em *Tempo psicanalítico*, 29. Rio de Janeiro, 1997. p.18.

⁴¹ Foucault, M. *As palavras e as coisas*. São Paulo, Martins Fontes, p.319.

⁴² Cf. Machado, R. *Ciência e saber*. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1982, p.144.

⁴³ Rudge, A.M. “Representação e linguagem na metapsicologia”. Op. cit., p.18

Em suma, se os modelos freudiano e saussuriano não se *encaixam* com facilidade, é porque a *representação* e o *signo* pertencem a distintos momentos de elaboração epistemológica; e isso, apesar de numerosas tentativas dos teóricos da psicanálise – inclusive Lacan, em alguns momentos – de harmonizar *significante* e *representação*.

Nossa hipótese de um inconsciente metapsicológico freudiano situado entre Palavra e Coisa – ou seja, com um estatuto paradoxal de, ao mesmo tempo, *linguagem* e *não-linguagem* –, poderia se confirmar *a posteriori*, pelo lugar que Freud confere ao inconsciente na segunda tópica. É o que passaremos a examinar a seguir.

3.4 – O INCONSCIENTE E A SEGUNDA TÓPICA

FREUDIANA

3.4.a – ALGUNS ANTECEDENTES

Trataremos inicialmente da segunda tópica referindo-nos a alguns elementos que a antecederam logicamente, e que facilitarão portanto a compreensão de seu encadeamento no curso da teorização freudiana. Vamos salientar apenas os aspectos que interessam à nossa investigação

Com a conceituação sobre o narcisismo em 1914, a oposição entre pulsões do eu e pulsões sexuais é substituída pela dualidade: libido do eu e libido objetal⁴⁴. Pois Freud pretendia conservar o sentido *sexual* do termo *libido*, questionado por Jung a partir dos problemas colocados pela demência precoce (esquizofrenia), para a psicanálise.⁴⁵ O *eu* passou, então, a ser considerado “o reservatório genuíno e originário da libido, a qual só desde aí se estendia ao objeto”; “passou a formar parte dos objetos sexuais, e em seguida se distinguiu nele o mais elevado deles.”⁴⁶

Em “Mais além do princípio do prazer” (1920), Freud parte de evidências da compulsão psíquica à repetição para teorizar a pulsão de morte. No entanto, a dualidade no campo pulsional é mantida, respeitando-se a lógica anterior da etiologia conflitiva das psiconeuroses. É o próprio Freud quem revela:

“Nossa concepção foi desde o começo *dualista*, e o é de maneira mais marcante ainda hoje, quando deixamos de chamar aos opostos pulsões do eu e pulsões sexuais, para dar-lhes o nome de pulsões de vida e pulsões de morte. Ao contrário, a teoria de Jung é *monista*; o fato de que chamara “libido” a sua única força pulsional teve que semear

⁴⁴ Freud, S. (1914). “Introducción del narcisismo”, em *AE*, 14. Op. cit., p.73.

⁴⁵ Cf. Freud, S. (1914). *Idem*, pp.72-78.

⁴⁶ Freud, S. (1920). “Más allá del principio de placer”, em *AE*, 18. Op. cit., pp.50.51.

confusão, mas não deve ter mais nenhuma influência sobre nós.”⁴⁷

Porém, uma conseqüência nova do artigo de 1920 é o fato de que a compulsão de repetição é, aí, vinculada ao recalçado inconsciente, enquanto a resistência à cura analítica, também inconsciente – no sentido de que o sujeito não tem *consciência* de sua resistência na análise –, é ligada ao *eu*.⁴⁸ Como situar então – a partir desse momento – o conflito que era antes formulado como: entre o *eu consciente* e o *recalçado inconsciente*?

Essa questão é o próprio elemento desencadeador da segunda tópica freudiana, já que os termos: “*consciente*”, “*pré-consciente*” e “*inconsciente*” não são mais adequados para dar conta da lógica do conflito em jogo na neurose, assim como da operação analítica. É o que se depreende da afirmação de Freud nesse mesmo artigo (1920):

“(…)temos de evitar um desacerto de nossa terminologia. Eliminamos esta obscuridade pondo em oposição, não o consciente e o inconsciente, mas o eu coerente e o recalçado. É que sem dúvida também no interior do eu é em grande parte o inconsciente: justamente o que se pode chamar o “núcleo do

⁴⁷ Freud, S. (1920). “Más allá del principio de placer”, em *AE*, 18. Op.cit., pp.51,52.

⁴⁸ Freud, S. (1920). *Idem*, pp.19,20.

eu”(...).. Após substituir assim uma terminologia meramente descritiva por uma sistemática ou dinâmica, podemos dizer que a resistência do analisando parte de seu eu. (...) temos de adscrever a compulsão de repetição ao recalcado inconsciente.”⁴⁹

Vale notar que essa formulação sobre o “núcleo do eu” – mencionada na citação acima – foi corrigida por Freud em uma nota de rodapé ao artigo “O eu e o isso” (1923), onde o “núcleo do eu” passa a ser o sistema P-Cc.⁵⁰ Já no texto sobre “O humor”(1927), é o supereu que aparece como o “núcleo do eu”.⁵¹ Retomaremos a seguir essa questão, no sentido de apontar algumas ambigüidades no estatuto do *eu*, presentes na teoria freudiana.

3.4.b – AMBIGÜIDADE DO EU E OBSCURIDADE DO ISSO

Com o artigo “O eu e o isso” (1923), temos portanto a introdução *oficial* da segunda tópica, em que Freud aponta os limites e os impasses a que se chegara, com a concepção do aparelho psíquico baseada na

⁴⁹ Freud, S. (1920). “Más allá del principio de placer”, em *AE*, 18. Op. cit., pp.19,20.

⁵⁰ Freud, S. (1923). “El yo y el ello”, em *AE*, 19. Op. cit., p. 30.n.2.

⁵¹ Freud, S. (1927). “El humor”, em *AE*, 21. Op. cit., p.160.

diferenciação: *consciente* e *inconsciente*.⁵² É retomada então a argumentação já desenvolvida no artigo “Mais além do princípio do prazer”(1920) – mencionada anteriormente – e conclui-se que: “continua sendo correto que tudo o que é recalcado é inconsciente, mas nem tudo que é *Icc* é, por sê-lo, recalcado. Também uma parte do eu, Deus sabe quão importante, pode ser *icc*, é seguramente *icc*.”⁵³

Quanto à formulação sobre as instâncias *eu* e *isso*, Freud propõe, em 1923, que se chame “*eu* à essência que parte do sistema *P* e que é primeiro *prcc*; e *isso*, (...) segundo o uso de Groddeck, ao outro psíquico no qual aquele se continua e que se comporta como inconsciente”⁵⁴.

Não se pode pensar, entretanto, em uma sobreposição do *inconsciente* freudiano da primeira tópica com qualquer instância isolada da segunda, já que, se o *isso* comporta-se como *inconsciente*, tal pode ser o caso também com o *eu* e o *supereu* (ou *ideal do eu*).

O *eu* vai ser referido, no artigo sobre “O eu e o isso” (1923), tanto ao sistema *P-Cc* – o qual constitui o “núcleo do eu”⁵⁵ –, quanto à superfície corporal⁵⁶. Além disso, mantém uma relação de servidão para com as outras duas instâncias psíquicas: o *isso* e o *supereu*. A este respeito, Freud declara:

⁵² Freud, S. (1923). “El yo y el ello”, em *AE*, 19. Op. cit., pp.15,19.

⁵³ Freud, S. (1923). Idem, p.19.

⁵⁴ Freud, S. (1923). Idem, p. 25. O grifo é nosso.

⁵⁵ Cf. Freud, S. (1923). Idem, p.30, n..2

⁵⁶ Freud, S. (1923). Idem, pp.27-29.

“(...)vemos a este mesmo eu como um pobre coitado submetido a três servidões e que (...) sofre as ameaças de três tipos de perigos: de parte do mundo exterior, da libido do isso e da severidade do supereu. (...) Como ser fronteiro, o eu quer mediar entre o mundo e o isso (...) Não só é o auxiliar do isso; é também seu servo submisso, que corteja o amor de seu amo.”⁵⁷

“Agora vemos o eu em sua potência e em sua debilidade. (...). com respeito à ação, o eu tem uma posição parecida com a de um monarca constitucional sem cuja sanção nada pode converter-se em lei, mas que pensa muito antes de interpor seu veto a uma proposta do Parlamento.”⁵⁸

Se nos detivermos sobre o estatuto do *eu* freudiano que poderia ser depreendido – em parte – do que dissemos até agora, deparamo-nos com um aspecto multívoco: o eu é, ao mesmo tempo: inconsciente e correlativo ao sistema *P-Cc*; projeção de uma superfície corporal e agente do teste de realidade⁵⁹; objeto e reservatório da libido⁶⁰; além de precipitado de

⁵⁷ Freud, S. (1923). “El yo y el ello”, em *AE*, 19. Op. cit., p.56.

⁵⁸ Freud, S. (1923). *Idem*, pp.55,56.

⁵⁹ Freud, S.(1923). *Idem*, pp.51,52.

⁶⁰ Freud, S. (1920). “Más allá del principio de placer”, em *AE*, 18. Op.cit., p.50.

identificações⁶¹, e “representante do que se pode chamar razão e prudência”⁶².

No que diz respeito ao *isso*, Freud vai postular no artigo de 1923 sua vinculação ao “princípio de prazer”, à “pulsão”, às “paixões”⁶³, formulando-o, ainda, como “o grande reservatório da libido”⁶⁴ – neste último aspecto, Freud contraria sua posição em “Mais além do princípio do prazer” (1920), mencionada anteriormente, onde era o *eu* que correspondia a esse “reservatório da libido”.

Quanto ao supereu, este é definido em 1923 como “não simplesmente um resíduo das primeiras escolhas objetais do *isso* (edipianas)”, mas tendo “também a significação {*Bedeutung*} de uma enérgica formação reativa frente a elas”⁶⁵.

Posteriormente, em suas “Novas conferências de introdução à psicanálise” (1933), Freud retoma sua teorização sobre o *isso* afirmando o seguinte:

“[O *isso*] é a parte obscura, inacessível de nossa personalidade; o pouco que sabemos dela temos averiguado mediante o estudo do trabalho do sonho e da formação de sintomas neuróticos, e a maior parte

⁶¹ Freud, S. (1923). “El yo y el ello”, em *AE*, 19. Op.cit., pp.31,32.

⁶² Freud, S. (1923). *Idem*, p.27.

⁶³ Freud, S. (1923). *Ibid.*

⁶⁴ Freud, S. (1923). *Idem*, p.32, n.7

⁶⁵ Freud, S. (1923). *Idem*, p.36.

disso tem caráter negativo, só se pode descrever por oposição com respeito ao eu. Aproximamo-nos ao isso com comparações, chamamo-lo um caos, uma caldeira cheia de excitações borbulhantes. Imaginamos que em seu extremo está aberto para o somático (...) Desde as pulsões se enche com energia, mas não tem nenhuma organização, não concentra uma vontade global, só o afã de buscar satisfação para as necessidades pulsionais com observância do princípio do prazer. As leis do pensamento, sobretudo o princípio de contradição não regem os processos do isso.”⁶⁶

É surpreendente notar – nessa passagem acima citada – o “caráter negativo”, e as características: “não-organização”, “obscuridade” e “caos” conferidas ao *isso*, que coexistem com os aspectos atribuídos ao inconsciente na primeira tópica, tais como: o de ser regido pelo princípio de prazer e a ausência do princípio de contradição.⁶⁷

Como conciliar essa formulação “negativa” do *isso* com a imbricação inconsciente-linguagem, que está presente em vários momentos da obra freudiana – tal como indicamos no capítulo anterior –, inclusive

⁶⁶ Freud, S. (1933). “Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis”, em *AE*, 23. Op. cit., pp.68.69.

O grifo é nosso.

⁶⁷ Freud, S. (1915). “Lo inconciente”, em *AE*, 14. Op. cit., p.184.

após a construção da segunda tópica?⁶⁸ Em outros termos, como se relacionam a concepção do inconsciente como “camada de inscrições”, de “traços mnêmicos”, com as idéias freudianas de “caos” e “obscuridade” apontadas a respeito do *isso*?

Ainda que não pretendamos responder de imediato a essa questão, poderíamos acrescentar entretanto que, já no artigo sobre “O eu e o isso” (1923), encontram-se alguns elementos que antecedem a essa caracterização “negativa” do *isso* – e, por extensão, do inconsciente – presente na conferência de 1933.

Vale ressaltar que, no artigo de 1923, quando Freud se refere à diferenciação entre representação *pré-consciente* e *inconsciente*, ele define a *representação inconsciente* como aquilo que “se consuma em algum material que permanece *não conhecido*”, enquanto a *pré-consciente* “acrescenta a conexão com as *representações-palavra*.”⁶⁹

Recordemos que, no artigo anterior sobre “O inconsciente”(1915), a *representação inconsciente* aparecia articulada, não a “um material *não conhecido*”, mas sim à *representação-coisa* {*Sachvorstellung*} (cf. acima), o que conferia de algum modo uma *positividade* à primeira. Já em “O eu e o isso” (1923), a vinculação da *representação inconsciente* a “algum

⁶⁸ Cf, por exemplo, o artigo sobre “O bloco mágico”: Freud, S. (1925). “Nota sobre la ‘pizarra mágica’ ”, em *AE, 19*. Op.cit., pp.243-247.

⁶⁹ Freud, S. (1923). “El yo y el ello”, em *AE, 19*. Op. cit., p.22. O grifo é nosso.

material que permanece *não conhecido*⁷⁰ marca seu estatuto com uma característica *negativa*.

A que se deveriam então essas defasagens que se verificam no estatuto do inconsciente entre a primeira e a segunda tópicas freudianas? Ou seja, entre o inconsciente de 1915 – suportado pela *Sachvorstellung* – e o *isso* de 1933 – associado aos termos *caos* e *obscuridade* ? É importante ressaltar que tais momentos da teorização de Freud não são mutuamente excludentes, e que – tal como na metáfora utilizada na “Interpretação dos sonhos”(1900) – seus elementos vão se depositando como camadas, uns sobre os outros.

A solução de vincular, por um lado, o inconsciente freudiano à linguagem e, por outro, o *isso* à pulsão, parece muito tranquilizadora e até mesmo *didática*. No entanto, apresenta três problemas: em primeiro lugar, não nos parece que isso esteja tão evidente no texto de Freud; em segundo, dá à pulsão um estatuto de *não-linguagem*, de *força*, que ignora a própria articulação freudiana: pulsão-linguagem; e em terceiro lugar – e isso é o mais grave, a nosso ver –, essa alternativa apaga as discordâncias, as complexidades, e mesmo os paradoxos presentes no interior do texto freudiano, e que constituem sua riqueza por excelência.

⁷⁰ Freud, S. (1923). “El yo y el ello”, em *AE. 19*. Op.cit., p.22. O grifo é nosso.

Propomos portanto – ainda que a título provisório – que haveria, na passagem da primeira para a segunda tópica freudiana, uma prevalência do ponto de vista *dinâmico* em relação ao ponto de vista *lingüístico-semiótico*, que apontamos acima. Uma ilustração dessa hipótese poderia ser encontrada, por exemplo, ao examinarmos a mudança na abordagem freudiana da distinção: neurose e psicose, entre 1915 e 1924.

Em 1915 – no artigo sobre “O inconsciente” –, as diferenças entre neurose e psicose eram explicadas pela via de uma relação particular do sujeito a um sistema de representações⁷¹; ao passo que, em 1924 – no texto “Neurose e psicose” –, Freud fará essa diferenciação a partir da dinâmica do conflito entre instâncias psíquicas. É o que diz o autor neste último artigo:

*“A neurose é o resultado de um conflito entre o eu e o seu isso, enquanto que a psicose é o desenlace análogo de uma similar perturbação nos vínculos entre o eu e o mundo exterior.”*⁷²

Em outros termos, na primeira tópica, a neurose e a psicose eram situadas a partir de uma perspectiva *lingüístico-semiótica*, enquanto que na

⁷¹ Cf. Freud, S. (1915). “Lo inconciente”, em *AE, 14*. Op.cit., pp.193-201.

⁷² Freud, S. (1924). “Neurosis y psicosis”, em *AE, 19*. Op.cit., p.155.

segunda, o acento desloca-se para uma lógica da *dinâmica* entre as instâncias psíquicas.

Essa resposta, no entanto, é incompleta: resta saber por que o ponto de vista *lingüístico-semiótico* é menos enfatizado na passagem da primeira para a segunda tópica. Acreditamos que esse encaminhamento freudiano deve-se a uma necessidade lógica: a impossibilidade de derivar a compulsão à repetição inconsciente da noção de *Vorstellung* – sendo esta última o eixo em torno do qual se orienta a abordagem *lingüístico-semiótica* freudiana.

Se a segunda tópica impõe-se a Freud como uma nova solução para formular os problemas da resistência na análise e da pulsão de morte, é porque a *representação* da primeira tópica não engendra, por si só, uma estrutura de repetição – cabe acrescentar que o *significante*, por sua vez, implica a repetição em sua própria definição, já que um significante remete a um outro significante, e este último a um outro ainda, e assim por diante.

A conseqüência desse limite da *Vorstellung* será, então, uma reelaboração freudiana do aparelho psíquico: *eu-isso-supereu*, em que a articulação inconsciente-representação fica em segundo plano. Não é de se admirar, então, que o *inconsciente* tenha sido confundido com o *isso* pelos pós-freudianos.

Os elementos de linguagem, que constituíam o inconsciente na primeira tópica, passam a ser opacificados pelas metáforas biológicas – o “retorno ao inanimado”, por exemplo – a que Freud recorre para abordar a questão da pulsão de morte. No entanto, poderíamos dizer que é a *Vorstellung* freudiana – e não Freud, por si mesmo – que cava sua própria sepultura.

Não é por acaso que Lacan irá manifestar seu desagrado em relação à segunda tópica freudiana, nos seguintes termos:

“(...)não me agrada tanto a segunda tópica, aquela onde Freud se deixou arrastar por Groddeck.. Não se sabe o que havia no bucho deste Groddeck quando sustentava o isso. Em seu *Livro do Isso*, diz que é aquilo que vive em vocês. Ele tinha a idéia do isso como de uma unidade global que vive em vocês, enquanto que é bem evidente que o isso dialoga. É isto que eu designei com o nome de A.”⁷³

Gostaríamos de salientar que nossas formulações até o momento – apesar de seu caráter obviamente incompleto e insatisfatório – visam tão-

⁷³ Lacan, J. (1976-1977). *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Seminário inédito. Lição de 11/1/77.

somente oferecer alguns contornos a uma problemática por demais complexa, para que tenhamos o tempo, a pretensão e a competência de solucioná-la.

De qualquer modo, vale ressaltar que procuramos apontar, até agora, algumas ambigüidades e imprecisões no estatuto do inconsciente, no decorrer da obra de Freud. A conclusão preliminar que se impõe, a partir dessa breve exposição, é que não caberia falar de um *estatuto homogêneo* do inconsciente na doutrina freudiana. Além disso, procuramos correlacionar os impasses na concepção do inconsciente aos próprios limites da representação {*Vorstellung*} freudiana.

Tentaremos apresentar a seguir um breve esboço do desenvolvimento das elaborações lacanianas sobre o inconsciente, buscando mostrar algumas particularidades que as caracterizam, com vistas a estabelecer as conseqüências que advirão para a prática psicanalítica – algumas das quais já foram antecipadas por nós, ainda que de forma bastante incipiente.

PARTE III

LACAN E O INCONSCIENTE

CAPÍTULO 4

INCONSCIENTE E SUJEITO DO SENTIDO

4.1 – O EU E O SUJEITO

Partiremos da suposição de que toda a elaboração lacaniana sobre o inconsciente é marcada por um contraponto : o conceito de *sujeito* – ora implícito, ora explícito.

Por outro lado, pode-se constatar que o termo *sujeito* não é um conceito determinado na obra freudiana.¹ Isto pode ser deduzido do próprio fato do privilégio da *representação*, que – coerentemente com o universo clássico da representação – não coloca em questão seu sujeito. É o que diz Gaufey:

¹Cf. Gaufey, G. Cf.: “Représentation freudienne et signifiant lacanien”, em *Littoral*, 14. Op. cit., p.48.

“O sujeito da representação não está em verdade inscrito como tal em nenhum lugar da obra freudiana: e isso é coerente com os usos clássicos do mundo da representação. O sujeito da representação – essencialmente sustentado pela metáfora ótica – é aquele que vê desfilar as representações e, *sob esse título*, não se confunde com nenhuma delas, *não é uma representação*. E eis porque o mundo da representação – não que o ignore, ele precisa muito dele – , cuida de não inscrevê-lo [o sujeito] como tal no processo da representação.”²

Lembremos que o mesmo autor apontara – como mencionamos no capítulo 3 – a ambigüidade no uso freudiano do termo *representação*, dizendo que Freud, ao mesmo tempo, “respeitara” e “rompera” a “unidade inviolável da representação”, e seu “cimento imaginário”: o “referente”³.

O que se indica, assim, é a dependência do discurso de Freud em relação ao contexto epistemológico em que está inserido. Daí, não ser formulada a pergunta: *para quem* a representação freudiana – seja ela pré-consciente ou inconsciente, seja representação de coisa ou de palavra –

² Gaufey, G. “Représentation freudienne et signifiant lacanien”, em *Littoral*, 14. Op.cit., p.45.

³ Gaufey, G. Idem, p.43.

enfim, *para quem* a representação representa? E se a pergunta não foi feita – e Freud colocou um grande número de perguntas que não haviam sido até então formuladas –, é porque a resposta parecia por demais evidente.

No entanto, é exatamente a suposta evidência da resposta que faz com que não se problematize o sujeito da representação. Isso implica em que persiste uma indiferenciação que “predispõe o eu freudiano a tornar-se o anfitrião acolhedor do sujeito clássico da representação”.⁴

Esse *sujeito-olhar*, que vê desfilar diante de si a cena do mundo, pode ser assinalado, por exemplo, na postulação freudiana de um *sistema P-Cc* (Percepção-consciência) que, em alguns momentos, é suposto o “núcleo do eu”.⁵ Alguns dos embaraços freudianos a respeito do lugar a ser dado ao *eu* na teoria – que já foram inicialmente apontados por nós no capítulo anterior – podem se dever ao fato de não estar formulada uma distinção entre o *eu* e o *sujeito*.

No que diz respeito a Lacan, poderíamos propor que sua teorização sobre o *Estádio do espelho* (1949)⁶ é o primeiro embrião de uma diferença entre o *eu-imago* e o *sujeito* – ainda que o termo *sujeito* não seja aí o foco da discussão, mas sim a constituição do *eu* como imago a partir da identificação com o semelhante.

⁴ Gaufey, G. “Représentation freudienne et signifiant lacanien”, em *Littoral*, 14. Op.cit., p.50.

⁵ Freud, S. (1923). “El yo y el ello”, em *AE*, 19. Op.cit., p.30, n.2.

⁶ Lacan, J. (1949). “El estadio del espejo como formador de la función del yo [je] tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica”, em *Escritos*, 1. Op.cit., pp.86-93.

O *eu* especular é o primeiro acesso que o sujeito tem a “si próprio”, porém isso se dá através de uma *forma* que, simultaneamente, lhe confere uma imagem totalizada e o aliena de si mesmo – já que é do outro que lhe vem essa *imago*.

“(...) essa forma situa a instância do *eu*, ainda desde antes de sua determinação social, em uma linha de ficção, irreduzível para sempre pelo indivíduo somente; ou melhor, que só assintoticamente tocará o devir do sujeito (...)”⁷

Temos aí, por um lado, um *eu-ficção*, e por outro, um termo que se diferencia dele e a ele se contrapõe: o de *sujeito*. O que a construção do *Estádio do espelho* indica é que o *eu* é uma instância imaginária, situado – em termos freudianos – no plano do narcisismo do sujeito, e que não constitui guia de acesso à realidade, senão sob o preço de um extravio pelo desejo do Outro, que o constitui como objeto.

O *eu* freudiano que, desde o “Projeto” (1895), era encarregado do teste de realidade⁸ – ou seja, a distinção entre percepção e representação –,

⁷ Lacan, J. (1949). “El estadio del espejo ...”, em *Escritos*, 1. Op.cit., p.87.

⁸ Freud, S. (1895 [1950]). “Proyecto de psicología”, em *AE*, 1. Op.cit., pp.370-372. Cf. também: Freud, S. (1923). “El yo y el ello”, em *AE*, 19. Op.cit., p.30, n.2.

aparece no *Estádio do espelho* como *função de desconhecimento*. A esse respeito, Lacan declara em 1949:

“(...) [nossa experiência] nos afasta de conceber o *eu* como centrado sobre o *sistema percepção-consciência*, como organizado pelo “princípio de realidade” em que se formula o preconceito cientificista mais oposto à dialética do conhecimento – para indicarnos que partamos da *função de desconhecimento* que o caracteriza (...)”⁹

A constituição dialética do sujeito já pode ser apreendida neste texto lacaniano, uma vez que o sujeito se reconhece como imagem de si mesmo exatamente no ponto em que é alteridade. O sujeito clássico da representação, o *sujeito-olhar*, aparece aí desdobrado pelo olhar do Outro; e o que lhe retorna desse processo é uma divisão entre o olhar e a imagem. Ou seja, de um lado, o olhar como *metáfora* do sujeito – e não mais como idêntico ao sujeito –, e de outro, um *eu-imagem*.¹⁰

É importante marcar, ainda, que esse sujeito dialético – constituído em relação ao outro – articula-se a um esvaziamento de tudo o que seria

⁹ Lacan, J. (1949). “El estadio del espejo ...”, em *Escritos, I*. Op.cit., p.92.

¹⁰ Cf. Gaufey, G. “Représentation freudienne et signifiant lacanien”, em *Littoral, 14*. Op.cit., p.52.

suposto “natural” na realidade humana.¹¹ É exatamente porque essa *realidade* não dispõe do *instinto* para guiá-la – instinto que é da ordem animal, e não humana –, por isso, o homem se verá capturado nesse *desvio* pelo desejo do Outro, em sua busca do objeto de satisfação.

A partir desses pressupostos – quais sejam: o sujeito dialético, o *eu* como imagem e a realidade humana como *não-natural* – Lacan pode, nesse artigo, separar o *eu* do sistema percepção-consciência e do princípio de realidade.¹² Veremos que é também por intermédio do sujeito dialético – sujeito que se funda numa alteridade – que Lacan empreenderá um esvaziamento do inconsciente como *realidade*, como *dado*.¹³

No que toca a Freud, o fato de que a dimensão de alteridade esteja presente no próprio princípio do funcionamento do aparelho psíquico – por exemplo, no “Projeto”(1895), a referência ao “auxílio alheio” ou ao “indivíduo auxiliador” para realizar a “ação específica”¹⁴ – não implica que haja, aí, uma formalização adequada dessa dimensão do Outro na constituição subjetiva.

Cabe lembrar nesse ponto três aspectos importantes: o primeiro é que essa preocupação com o *sujeito* é correlativa a um determinado período histórico, em que se passou a questionar a *objetividade* da ciência

¹¹ Cf. Lacan, J. (1949). “El estadio del espejo ...”, em *Escritos*, I. Op.cit., p.89.

¹² Cf. Lacan, J. (1949). *Idem*, p.92.

¹³ Cf. Miller, J.A. “Las respuestas de lo real”, em *Aspectos del malestar en la cultura*. Buenos Aires, Ediciones Manantial, 1989, pp.12,13.

¹⁴ Freud, S. (1895 [1950]). “Proyecto de psicología”, em *AE*, I. Op.cit., pp.362, 363.

positivista, principalmente no que diz respeito às ciências humanas e sociais. Freud situa-se num tempo anterior a este momento, e portanto essa questão não se colocava assim para ele.

O segundo aspecto a ser lembrado é que essa concepção lacaniana dialética do sujeito deriva-se de algumas de suas formulações anteriores – por exemplo, sobre o conhecimento paranóico. Que Lacan tenha partido da paranóia¹⁵ e não da histeria – como Freud – é o que, provavelmente, explica que ele tenha se defrontado com a necessidade de demarcar o estatuto primordialmente *alteritário* do *eu*. O que não quer dizer que isso esteja ausente em Freud – muito pelo contrário –, porém que o eu-imago convive ambigualmente, na obra freudiana, com o eu-percepção-consciência, e o eu-agente do teste de realidade.

O terceiro aspecto a ser recordado é que a caracterização da realidade humana como *não-natural* – destacada no artigo lacaniano de 1949 –, deve vincular-se à pertinência inicial de Lacan ao paradigma estruturalista.¹⁶ O estruturalismo pretendia representar, em sua época, “a própria expressão da modernidade em ciências sociais.”¹⁷ Como esse movimento de pensamento reclamava para si uma cientificidade, teve que

¹⁵ Cf. a tese de Lacan de 1932 sobre a paranóia: *De la psicosis paranoica en sus relaciones con la personalidad*. México, Siglo veintiuno editores, 1985.

¹⁶ Cf. Dosse, F. *História do estruturalismo. I. O campo do signo, 1945/1966*. São Paulo, Editora Ensaio, 1993, pp.117-151; e especialmente a discussão desse autor sobre se Lacan é ou não estruturalista: idem, pp.146, 147.

¹⁷ Dosse, F. *História do estruturalismo. I. O campo do signo, 1945/1966*. Op. cit., p.129.

defrontar-se com o ideal empiricista da ciência vigente; porém como “o estruturalismo dedicava-se a objetos humanos, é em virtude disso que a oposição da natureza e da cultura lhe era principal.”¹⁸

Voltando à questão anterior – dessa indiferenciação *eu-sujeito* na obra freudiana –, poderíamos apontar como sua conseqüência clínica principal a promoção, empreendida pelos pós-freudianos – em especial os da *ego-psychology* –, do *ego* a sujeito da psicanálise. É claro que esta é uma leitura reducionista do texto de Freud, que ignora todas as nuances, complexidades e antinomias do conceito do *eu* na teoria freudiana.

No entanto, não se pode deixar de lado o fato de que o próprio Freud, ao atribuir um estatuto *negativo* ao *isso* por oposição ao *eu*¹⁹, confere a este último uma *dúbia positividade*.

É o que reencontramos, por exemplo, no artigo freudiano “Análise terminável e interminável” (1937), quando Freud afirma que: “a situação analítica consiste em aliar-nos (os psicanalistas) com o *eu* da pessoa *objeto* a fim de submeter setores não governados de seu *isso*, ou seja, de integrá-los na *síntese do eu*.”²⁰ Não é muito fácil evidenciar nesta passagem qual o estatuto de *eu* a que Freud se refere. A que *eu* deveria o psicanalista se aliar então?

¹⁸ Milner, J.C. *A obra clara. Lacan, a ciência e a filosofia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1996, p.75. O grifo é nosso.

¹⁹ Cf. Freud, S. (1933). “Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis”, em *AE*, 23. Op.cit., pp.68, 69.

²⁰ Freud, S. (1937). “Análisis terminable e interminable”, em *AE*, 23. Op.cit., p.237. O grifo é nosso.

Deixemos, contudo, esta pergunta em suspenso e avancemos, examinando alguns diferentes momentos da elaboração lacaniana do conceito de sujeito, e sua necessária inflexão sobre o conceito de inconsciente. Cabe ressaltar no entanto que, já desde esse primeiro momento do sujeito dialético ao qual acabamos de nos referir, inicia-se o processo lacaniano de esvaziamento do inconsciente freudiano como “realidade”, como “dado”²¹ – como *já aí*.

4.2 – O SUJEITO DO SENTIDO : INCONSCIENTE, VERDADE E HISTÓRIA

Em seu assim chamado “Discurso de Roma”(1953), Lacan vai apresentar a dualidade saussuriana: “fala”e “linguagem”, já em seu título: “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”.²²

Segundo Miller, o termo *sujeito* será introduzido por Lacan, nesse texto, como “*função*, partindo de uma dialética de intersubjetividade que

²¹ Cf. Miller, J.A. “Las respuestas de lo real”, em *Aspectos del malestar en la cultura*. Op.cit., p.13.

²² Lacan, J. (1953). “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”, em *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda., 1998, p.238.

(...) se opõe diametralmente ao estruturalismo, o qual, nessa época, ainda não havia tomado a forma pública que conheceu posteriormente.”²³

Coexistem portanto em paradoxo, no “Discurso de Roma”, as referências lacanianas a Lévi-Strauss²⁴ e à lingüística estrutural²⁵, por um lado; e ao termo *sujeito*, por outro. É que Lacan se vê na necessidade de subverter o paradigma estruturalista, que pretendia abolir o *sujeito* da estrutura – abolição esta que visava alcançar para o estruturalismo, situado do lado da cultura, o *status* científico das ciências da natureza.

E por que Lacan precisa do termo *sujeito* nesse momento? Sua intenção, ao longo de todo esse texto, é propor algo que vá além do *indivíduo*, além da especularidade narcísica em que a prática da psicologia do ego havia transformado a análise. “O sujeito vai muito mais além daquilo que o indivíduo experimenta *subjetivamente*.”²⁶

Trata-se, aí, do *sujeito* como correlativo ao *campo da linguagem*, mas realizando-se através da *função da fala*. Esta última constitui uma dimensão transindividual, que inclui o outro a quem a palavra se dirige. A “fala plena” distingue-se da “fala vazia”, uma vez que a segunda se reduz ao domínio imaginário da relação com o semelhante, enquanto a primeira

²³ Miller, J.A. “Las respuestas de lo real”, em *Aspectos del malestar en la cultura*. Op.cit., p.12. O grifo é nosso.

²⁴ Lacan, J. (1953). “Función y campo ...”, em *Escritos, I*. Op.cit., p.274.

²⁵ Lacan, J. (1953). Idem, pp.273, 277.

²⁶ Lacan, J.(1953). Idem, p.254.

implica – para além da dualidade²⁷ – a dimensão simbólica do reconhecimento.²⁸

A problematização da estrutura da fala – que não interessava à lingüística estrutural – é absolutamente necessária, na medida em que Lacan pretende tratar do dispositivo analítico: “é na intersubjetividade do nós que assume, que se mede em uma linguagem seu valor de fala”.²⁹

A fala é, então, o que introduz na linguagem a dimensão de intersubjetividade. Sabemos que essa dimensão já estava presente, como tal, na formulação sobre o *Estádio do espelho* a que nos referimos anteriormente; no entanto, é no “Discurso de Roma” que se estabelece, mais precisamente, a articulação entre *intersubjetividade, fala e linguagem*.

Temos, pois, nesse momento, um sujeito dialético que se correlaciona a um inconsciente – também dialético – , definido como “discurso do outro”³⁰: “o inconsciente é aquela parte do discurso concreto enquanto transindividual que falta à disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente”³¹.

²⁷ Lacan, J. (1953). “Función y campo...”, em *Escritos, I*. Op.cit., p.255.

²⁸ Cf. Lacan, J. (1953). Idem, pp.244, 286, 287. Ali, se encontra a célebre frase: “a linguagem humana constituiria pois uma comunicação onde o emissor recebe do receptor sua mensagem sob uma forma invertida” (p.287).

²⁹ Lacan, J. (1953). Idem, p.287.

³⁰ Lacan, J. (1953). Idem, p.254.

³¹ Lacan, J. (1953). Idem, p.248.

Além disso, *sujeito* e *inconsciente* são articulados, aí, a dois outros termos: *história* e *verdade*. O processo psicanalítico teria como objetivo a restauração da *verdade histórica*; mas essa *verdade* deveria ser assumida pelo sujeito em uma *fala plena*.

“É certamente esta *assunção pelo sujeito de sua história*, enquanto que está constituída pela fala dirigida ao outro, a que forma o fundo do novo método ao qual Freud dá o nome de psicanálise (...)”³²

“O *inconsciente é esse capítulo de minha história* que está marcado por um branco ou ocupado por um embuste: é o capítulo censurado. Mas a *verdade* pode voltar a encontrar-se; mais freqüentemente, já está escrita em outra parte.”³³

O estatuto dessa *verdade*, nesse período do ensino de Lacan, não é simples; no entanto, é provável que este se articule aos termos: *fala* e *sentido*. É o que se poderia depreender, quando o autor diz em seu *Seminário* (1953-1954): “toda fala formulada como tal introduz no mundo

³² Lacan, J. (1953). “Función y campo...”, em *Escritos*, I. Op.cit., p.247. O grifo é nosso.

³³ Lacan, J. (1953). Idem, p.249. O grifo é nosso.

o novo da emergência do sentido. Não é que ela se afirme como verdade, mas antes que introduz no real a dimensão da verdade”³⁴.

Pode-se supor, portanto, uma convergência entre os termos: *sentido* e *verdade*. Porém, não se trata de recuperar, na análise, um *sentido* ou uma *verdade* transcendentem à fala: trata-se de uma *verdade do inconsciente* imanente à *fala plena*.

Conseqüentemente, tanto o *sentido* como a *verdade* não podem ser pensados fora dessa dialética intersubjetiva da fala. Em outros termos, a *verdade* e o *sentido* que interessam à psicanálise só se formulam no ato de fala, e é necessário que o sujeito os assumam como parte de sua *história*.

Daí, Miller afirmar que se trata – nesse período do ensino de Lacan – de “um sujeito do sentido e sujeito de outro sujeito”; e também, que se encontra subjacente a “dependência do significante em relação ao significado”.³⁵ Continua ainda o autor:

“(...)este sujeito é antes de tudo sujeito do sentido, então não há *realidade* que lhe seja anterior. Pode ser que haja algo dado, mas é preciso que o

³⁴ Lacan, J. (1953-1954). *Le Séminaire, livre 1: Les écrits techniques de Freud*. Paris, Éditions du Seuil, 1975, p.289. No original, em francês: “toute parole formulée comme telle introduit dans le monde le nouveau de l’émergence du sens. Ce n’est pas qu’elle s’affirme comme vérité, mais plutôt qu’elle introduit dans le réel la dimension de la vérité.” Nesse Seminário, há uma ambigüidade do termo francês “parole”, que ora remete ao termo “fala”, ora ao termo “palavra”. Optamos, nessa passagem, por traduzir o termo “parole” por “fala”, já que algumas páginas mais adiante, podemos encontrar a frase: “*le mot me manque*” (p.295). Nesse último trecho, parece tratar-se – aí sim, mais claramente – do termo “mot” como correlativo ao termo “palavra”; a frase em português seria: “a palavra me falta”. No entanto, no Seminário em português, o tradutor optou – em ambas as passagens – por traduzir o termo francês “parole” pelo termo português “palavra” (cf. Lacan, J. (1953-1954). *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986, pp.299 e 305, respectivamente).

³⁵ Miller, J.A. “Las respuestas de lo real”, em *Aspectos del malestar en la cultura*. Op.cit., p.12.

sujeito o assumo. (...) *Toda realidade cede à exigência da formulação na fala.*³⁶

Se a *realidade* humana, no texto lacaniano sobre “O estádio do espelho”(1949), não era *natural*, em 1953 Lacan dá um passo a mais. No “Discurso de Roma”(1953), o inconsciente, que também não é *natural* – ou seja, não é *dado* – correlaciona-se ao termo, não de *realidade*, mas de *verdade*.³⁷ A esse respeito, comenta Miller:

“Com isso, *Lacan renova Freud mediante um conceito que não está em absoluto em Freud: com o inconsciente não se trata de realidade, mas de verdade. (...) o termo de verdade, cujo alcance em psicanálise é preciso valorizar: operar esse esvaziamento da realidade dada do inconsciente.*”³⁸

Poderíamos supor, então, que o termo freudiano *realidade* conferiria um aspecto de *dado* ao inconsciente, enquanto contraposto ao emprego lacaniano do termo *verdade*. A formulação de um inconsciente que se

³⁶ Miller, J.A. “Las respuestas de lo real”, em *Aspectos del malestar en la cultura*. Op.cit., p.12. O grifo é nosso.

³⁷ Lacan, J. (1953). “Función y campo ...”, em *Escritos, I*. Op.cit., p.246. Cf. também: Lacan, J. (1953-1954). *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Op.cit., pp.299-304.

³⁸ Miller, J.A. “Las respuestas de lo real”, em *Aspectos del malestar en la cultura*. Op.cit., pp.12, 13. O grifo é nosso.

articula a um sistema de traços de memória – presente desde os primeiros escritos de Freud – parece confirmar essa perspectiva, de algo a ser *reencontrado* no decorrer do processo analítico.

Por outro lado, se não há algo suposto *dado* no inconsciente – em termos freudianos: a *realidade psíquica edipiana* –, como pensar seu estatuto? Como sustentar a idéia de um inconsciente *ex nihilo*? Retomaremos posteriormente estas questões, já que merecem uma discussão mais cuidadosa e aprofundada.

Temos, pois, um segundo tempo do esvaziamento empreendido por Lacan da *realidade dada* do inconsciente. O primeiro momento – que apontamos na seção anterior, sobre o *Estádio do espelho* – havia sido a formulação lacaniana da constituição dialética do sujeito; ou seja, o início da distinção entre o eu-imago e o sujeito. O segundo movimento consistiu em articular essa primeira dialética à situação psicanalítica, supondo a intervenção do par fala-linguagem como terceiro elemento na relação narcísica. Dessa forma, os termos: *sujeito, inconsciente, verdade e história* aparecem organizados em torno da fala, na experiência analítica.

Vejamos a seguir alguns efeitos dessas formulações teóricas sobre a concepção do processo psicanalítico, nesse momento da doutrina lacaniana.

4.3 – INTERSUBJETIVIDADE E SITUAÇÃO ANALÍTICA

Caberia acrescentar agora somente algumas palavras sobre a posição em que é situado o analista, nessa época da obra lacaniana. É mais fácil começar apontando qual *não* é a posição recomendada ao psicanalista: este não é o outro narcísico da *two-bodies psychology*, a que Lacan se refere ao comentar a teoria de Balint e das relações de objeto.³⁹

A análise caracteriza-se – segundo a perspectiva lacaniana, nesse momento – por uma relação que une “dois sujeitos em sua verdade”⁴⁰, cabendo ao psicanalista um lugar de *eco* ao discurso do sujeito. O objetivo do tratamento é “o progresso do sujeito em seu ser”⁴¹, através da “realização do seu imaginário truncado”.⁴²

“ É pela via da assunção falada de sua história, que o sujeito se engaja na via da realização de seu imaginário truncado. Esta complementação do imaginário se realiza no outro, à medida que o sujeito o assume em seu discurso, enquanto o faz ouvir pelo outro. (...) Tudo o que se profere (...) do lado do sujeito, se faz ouvir (...) do lado do analista. O analista o ouve,

³⁹ Lacan, J. (1953-1954). *Le séminaire, livre 1: Les écrits techniques de Freud*. Op. cit., p.312.

⁴⁰ Lacan, J. (1955). “Variantes de la cura-tipo”, em *Escritos 1*. Op.cit., p.345.

⁴¹ Lacan, J. (1953-1954). *Le Séminaire, livre 1 ...* Op.cit., p.312.

⁴² Lacan, J. (1953-1954). *Ibid.*

mas, por sua vez, o sujeito também. O eco de seu discurso é simétrico ao especular da imagem.⁴³

“(…) a noção inconsciente do eu [moi] do sujeito. Este inconsciente é feito daquilo que o sujeito desconhece essencialmente de sua imagem estruturante, da imagem de seu eu [moi] – isto é, as cativações às fixações imaginárias que foram inassimiláveis ao desenvolvimento simbólico de sua história – isso quer dizer que era traumático.”⁴⁴

Encontramos, então, no *Seminário I* (1953-1954), um delineamento da situação analítica em que se unem as teorizações lacanianas anteriores: o *Estádio do espelho* (1949), e o “Discurso de Roma” (1953). O inconsciente realiza-se, nesse *Seminário*, através da assunção falada da história – como indicado no artigo de 53 –, porém, ele diz respeito ao fundamento imaginário da constituição subjetiva, desconhecido pelo sujeito – tal como teorizado no texto sobre o *Estádio do espelho* (1949).

O psicanalista é aquele ao qual cabe mediar o processo de simbolização, pelo sujeito, desse “imaginário truncado”; e isso, através de

⁴³ Lacan, J. (1953-1954). *Le Séminaire, livre I ...* Op.cit., p.312.

⁴⁴ Lacan, J. (1953-1954). *Ibid.*

um dispositivo intersubjetivo de fala, concebido como especular⁴⁵ – já que o “eco de seu discurso (do sujeito) é simétrico ao especular da imagem.”⁴⁶

A própria noção de inconsciente – que apontávamos anteriormente como correlativa aos termos: *sujeito, verdade, sentido e história* – tem como *verdade* “latente” a estruturação imaginária do eu, desconhecida pelo sujeito. Temos, pois – nesse momento –, um *inconsciente* cujo estatuto situa-se na fronteira dos registros: *simbólico e imaginário*. Veremos a seguir que esta concepção sofrerá modificações no decorrer do ensino de Lacan.

Sabemos que esta breve exposição abre uma série de questões, que não temos a pretensão de esgotar ou de resolver. Passemos, portanto, a examinar – a seguir – um outro momento da teorização lacaniana sobre o sujeito e o inconsciente, em que haverá um deslocamento do acento sobre a *dialética da fala*, para uma ênfase na *estrutura da linguagem*.

⁴⁵ No entanto, no *Discurso de Roma* (1953), Lacan situa o analista em posição dissimétrica ao analisando – “(...) o analista participa do escriba. Mas continua mestre e senhor da verdade da qual esse discurso é o progresso. É ele (...) que pontua (...) sua dialética. E nisso, ele é apreendido como juiz do mérito desse discurso.” – cf. Lacan, J. (1953). “Função e campo da fala e da linguagem ...”, em *Escritos*. Op. cit., p.314.

⁴⁶ Lacan, J. (1953-1954). *Le Séminaire, livre I* ... Op. cit., p.312.

CAPÍTULO 5

INCONSCIENTE E SUJEITO DO SIGNIFICANTE

5.1 – O INCONSCIENTE TEM ESTRUTURA DE LINGUAGEM

Em seu artigo “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” (1957)¹, Lacan efetua um deslocamento em que a ênfase – anteriormente concedida à fala – passa a situar-se do lado da estrutura da linguagem. O sentido do termo *letra* não é aí equivalente ao que irá

¹ Lacan, J. (1957). “La instancia de la letra en el inconsciente o la razón desde Freud”, em *Escritos*, 1. Op. cit., pp.473-508.

adquirir num momento posterior do ensino lacaniano – quando a *letra* irá se contrapor ao *significante*.²

Nesse texto, a letra é designada como “esse suporte material que o discurso concreto toma da linguagem”³, não ficando clara, portanto, a distinção entre *letra* e *significante*.⁴

Isto se justifica pelo fato de que o eixo principal, ao redor do qual gira a teorização lacaniana nesse momento, é “revisar a idéia de que o inconsciente é somente a sede dos instintos”⁵ – e para esse fim, não é necessário distinguir a *letra* do *significante*.

Também por essa razão, o termo *instância* aparece no título do artigo, sendo a “*instância da letra no inconsciente*” uma alternativa teórica que Lacan oferece, em lugar das *instâncias psíquicas* freudianas: *eu, isso e supereu*.

O que está em jogo, aí, é a afirmação lacaniana de que “é toda a estrutura da linguagem o que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente”.⁶ Além do mais, “a linguagem, com sua estrutura, preexiste à entrada que faz nela cada sujeito em um momento de seu desenvolvimento mental”⁷.

² Cf. Milner, J.C. *L'oeuvre claire. Lacan, la science, la philosophie*. Paris, Éditions du Seuil, 1995, pp.128-132.

³ Lacan, J. (1957). “La instancia de la letra ...”, em *Escritos, I*. Op.cit., p.475.

⁴ Cf. Milner, J.C. *L'oeuvre claire. Lacan, la science, la philosophie*. Op.cit., p.128.

⁵ Lacan, J. (1957). “La instancia de la letra ...”, em *Escritos, I*. Op. cit., p.475.

⁶ Lacan, J. (1957). *Idem*, p.474.

⁷ Lacan, J. (1957). *Idem*, p.475.

Há, pois, uma precedência da estrutura da linguagem em relação ao sujeito; ou seja, temos um sujeito “servo”⁸ da estrutura da linguagem – na “Instância da letra” (1957) –, que opacifica a anterior constituição dialética, por intermédio da fala dirigida ao outro – postulada no “Discurso de Roma” (1953).

A linguagem – pensada a partir da lingüística estrutural, principalmente de Saussure e de Jakobson – assume o lugar de alteridade simbólica que antecede o sujeito. Segundo Miller, a função do *dado* – que havia sido esvaziada pelo sujeito dialético – reaparece como um Outro-*já-ai* da estrutura, que preexiste ao sujeito.⁹ Cabe notar que isso criará tantos problemas, que Lacan se verá obrigado a corrigir essa formulação posteriormente, indicando que “o Outro não existe”¹⁰.

Sabemos que, já no “Discurso de Roma”, encontravam-se as referências a Saussure, Lévi-Strauss e Bourbaki, figuras maiores do estruturalismo, que representavam uma promessa de conquistar para a psicanálise um estatuto científico (cf. capítulo 4).

⁸ Lacan, J. (1957). “La instancia de la letra ...”, em *Escritos, I*. Op.cit., p.475.

⁹ Cf. Miller, J.A. “Las respuestas de lo real”, em *Aspectos del malestar en la cultura*. Op.cit., p.13. As operações de alienação e de separação – introduzidas por Lacan em 1964 – irão oferecer uma nova alternativa de solução para esse problema, na medida em que são circulares, ainda que não-simétricas e não-recíprocas. No entanto, também nessa posterior formulação, a bateria significante é considerada como *dada* de saída – ou de entrada. Cf. Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos ...* Op. cit., pp.196-203. Cf. ainda – no presente trabalho – o capítulo 6, onde se abordam essas operações de constituição do sujeito em relação ao campo do Outro.

¹⁰ Cf. Lacan, J. (1960). “Subversión del sujeto y dialéctica del deseo en el inconsciente freudiano”, em *Escritos, 2*. México, Siglo Veintiuno Editores, 1985, p.800. E também: Miller, J.A. “Las respuestas de lo real”, em *Aspectos del malestar en la cultura*. Op.cit., p.13.

Na “Instância da letra”(1957), a dívida com Saussure é reconhecida logo de saída, ao mesmo tempo que Lacan inverte o “algoritmo” do signo saussuriano, situando o significante na parte superior, e o significado embaixo da barra¹¹.

Tal procedimento lacaniano visa estabelecer a primazia do significante sobre o significado, tanto na constituição do sujeito e de seu mundo objetal, quanto no funcionamento do inconsciente:

“O significante não faz somente dar o invólucro, o recipiente da significação, ele a polariza, a estrutura, a instala na existência. Sem um conhecimento exato da ordem própria do significante e de suas propriedades, é impossível compreender seja o que for (...) da experiência psicanalítica.”¹²

“(...) o significante é o instrumento com o qual se exprime o significado desaparecido. É por essa razão que de novo dirigindo a atenção para o significante, nada mais fazemos do que voltar ao ponto de partida da descoberta freudiana.”¹³

¹¹ Cf. Lacan, J. (1957). “La instancia de la letra ...”, em *Escritos*, J. Op.cit., pp.476-479.

¹² Lacan, J. (1955-1956). *O Seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p.295.

¹³ Lacan, J. (1955-1956). *Idem*, p.252.

Além disso, Lacan reinterpreta a relação significante-significado – suposta biunívoca em Saussure – “como ordens distintas e separadas inicialmente por uma barreira resistente à significação”.¹⁴ O fato de que, para Saussure, o signo tivesse um caráter arbitrário – estando a relação significante-significado na dependência da convenção lingüística –, não implicava a admissão de duas ordens que pudessem funcionar distintamente.

Porém, essas formulações lacanianas – quais sejam: a de supor que o significante e o significado funcionam como duas ordens distintas, e que há uma primazia do primeiro sobre o segundo – não são gratuitas.

Seus antecedentes podem ser situados, por exemplo, em seu *Seminário sobre as psicoses (1955-1956)*¹⁵, já que é pela via do estudo da experiência psicótica, que Lacan se defronta com a possibilidade de “o significante e o significado se apresentarem sob uma forma completamente dividida”¹⁶.

Pois é exatamente na psicose, onde a desamarração significante-significado aparece como catástrofe do registro da significação, que se comprova que essa amarração é contingente, e não-natural. Ou seja, que

¹⁴ Lacan, J. (1957). “La instancia de la letra ...”, em *Escritos, I*. Op.cit., p.477.

¹⁵ Lacan, J. (1955-1956). *O Seminário, livro 3: as psicoses*. Op.cit.

¹⁶ Lacan, J. (1955-1956). *Idem*, p.303.

ela depende da operação – contingente – do dispositivo simbólico do complexo de Édipo.

Quando Lacan efetua essa separação entre as ordens do significante e do significado – que vão corresponder aos registros lacanianos: simbólico e imaginário, respectivamente –, e supõe uma primazia do significante sobre o significado, ele reformula a noção freudiana de *representação*, conferindo-lhe uma precisão conceitual que ela não possuía (cf. as discussões apresentadas nos capítulos 2, 3 e 4).

Ao mesmo tempo, o estatuto do conceito de inconsciente é reelaborado, tanto no que diz respeito a Freud, como no que se refere a um momento anterior da própria construção lacaniana – qual seja: a formulação do inconsciente como situado na fronteira *simbólico-imaginário*, que se pode depreender do *Seminário I* (cf. a argumentação a esse respeito, apresentada no capítulo 4).

O inconsciente, na época da “Instância da letra”(1957) – e já desde um pouco antes –, funciona de acordo com as leis saussurianas do significante; ou seja, trata-se de elementos não-substanciais que se encadeiam. Dizer que *o inconsciente tem estrutura de linguagem* implica em que não há uma significação primária, elementar, arcaica ou essencial que o constitui:

“O inconsciente não é o primordial, nem o instintual, e o único elementar que conhece são os elementos do significante.”¹⁷

“E ninguém deixará de fracassar se sustenta sua questão, enquanto não nos tenhamos desprendido da ilusão de que o significante responde à função de representar o significado, ou digamos melhor: que o significante deva responder de sua existência a título de uma significação qualquer.”¹⁸

Além disso, os mecanismos freudianos de *condensação* e *deslocamento* são relacionados por Lacan, segundo indicações aproximadas de Jakobson, às figuras retóricas da *metáfora* e da *metonímia*, respectivamente.¹⁹ É postulada, ainda, uma prevalência da segunda sobre a primeira, articulando-se o sintoma à metáfora, e o desejo à metonímia.²⁰

No que se refere ao sujeito, a formulação lacaniana da estrutura de linguagem do inconsciente implica um “*sujeito do significante*”, e não um

¹⁷ Lacan, J. (1957). “La instancia de la letra ...”, em *Escritos, I*. Op.cit., p.502.

¹⁸ Lacan, J. (1957). Idem, p.478.

¹⁹ Lacan, J. (1955-1956). *O Seminário, livro 3: as psicoses*. Op.cit., p.303.

²⁰ Lacan, J. (1957). “La instancia de la letra ...”, em *Escritos, I*. Op.cit., p.508.

“*sujeito do significado*”²¹ ou do *sentido* – tal como era o caso nos momentos iniciais da teorização de Lacan (cf. capítulo 4).

Contudo, o estatuto desse *sujeito do significante* não é simples. Milner aponta que essa *hipótese*²² lacaniana resulta em duas conseqüências: a primeira, que “a cadeia significante não é nada menos que a definição mais geral possível do pensamento, reenviado a suas propriedades minimais; dito de outro modo, *o significante é o pensamento sem qualidades*.”²³

A segunda conseqüência da *hipótese do sujeito do significante* é que: “*todo sujeito metafísico*”, “reenviado a suas propriedades estruturais e despojado das qualidades que lhe são estranhas (elas derivam antes da alma), (...) *deixa-se decifrar como o sujeito de um significante. A conjectura hiperestrutural emite então uma crença na metafísica.*”²⁴

O que Milner indica – através de uma brilhante, porém extensa argumentação, que não é possível desenvolver no presente trabalho – é que o procedimento lacaniano vai se aproximar de uma teoria transcendental²⁵: por um lado, ao propor um sujeito da estrutura que não possui nenhuma qualidade imaginária; e por outro, ao supor um

²¹ Cf. Lacan, J. (1957). “La instancia de la letra ...”, em *Escritos, I*. Op.cit., p.497.

²² Milner, J.C. *L'oeuvre claire...* Op.cit., p.106.

²³ Milner, J.C. *Idem*, p.107. O grifo é nosso.

²⁴ Milner, J.C. *Ibid.* O grifo é nosso.

²⁵ Cf. Milner, J.C. *Idem*, pp.107-112.

significante que subsiste mesmo após ter sido despojado de todo significado.

Em outros termos, Lacan procura elaborar uma teoria do pensamento “que não responda aos critérios imaginários e qualitativos do pensamento: coerência, terceiro excluído (...), negação etc.”²⁶ – já que tal é a caracterização freudiana do funcionamento inconsciente. Seu recurso à lingüística estrutural – e ao conceito de significante – pode ser visto como uma tentativa de formular “mecanismos de um pensamento não-reflexivo, não-consciente, não-aristotélico”²⁷. E continua Milner:

“A psicanálise deve então construir uma teoria do pensamento, que integre (...) como uma propriedade constitutiva, o pensamento disjunto de regulações imaginárias. *Em Freud, esta teoria é quase inteiramente negativa; o que há de positivo sobre esse ponto não merece o nome de teoria; no máximo um modelo energético ou biológico.* Em Lacan, reconhece-se a ambição de uma teoria *positiva*, que, para além do imaginário do pensamento, toque seu real.”²⁸

²⁶ Milner, J.C. *L'oeuvre claire ...* Op.cit, p.136.

²⁷ Milner, J.C. *Idem*, p.137.

²⁸ Milner, J.C. *Ibid.* O grifo é nosso.

Reencontramos, pois, o aspecto *negativo* da teoria sobre o inconsciente, que aparece em alguns momentos da obra freudiana (cf. capítulo 3). No entanto, se Lacan parece conseguir formular uma teoria *positiva* do inconsciente – através do recurso às hipóteses da *estrutura de linguagem do inconsciente*, e do *sujeito do significante* –, por outro lado ele chega a um impasse teórico, nesse exato momento em que supostamente teria atingido sua meta. Ou seja, ao invés de aproximar a psicanálise da ciência moderna, o empreendimento lacaniano acaba por trazer de volta a perspectiva filosófica metafísica.

Essa é uma razão – entre outras²⁹ – pela qual Lacan passará, posteriormente, a recorrer menos à lingüística, e mais à matemática, para traçar o eixo maior de uma teoria do pensamento não-imaginário.³⁰ Cabe notar que a matemática irá interessar a Lacan – segundo a leitura de Bourbaki – como *literalidade*, e não como quantidade ou demonstração. Em outros termos, haverá uma passagem progressiva, no ensino lacaniano, do *significante à letra* (posteriormente reduzindo-se ao *matema*).³¹

Após essa breve digressão a respeito das complexidades e vicissitudes do estatuto do *sujeito do significante*, na obra de Lacan,

²⁹ Cf. Milner, J.C. *L'oeuvre claire ...* Op.cit., pp.117-122.

³⁰ Cf. Milner, J.C. Idem, pp.132-146.

³¹ Milner considera essa passagem, na obra de Lacan, como: “do primeiro ao segundo classicismo”. Cf. Idem, pp.117-146.

retornemos ao exame desse conceito, no período correspondente ao artigo “A instância da letra” (1957).

Esse *sujeito do significante* só pode ser pensado – para além da estrutura sem sujeito da lingüística estrutural – numa relação com a fala, onde a alteridade aparece agora desdobrada, por Lacan, em: *Outro e outro*³².

A distinção lacaniana entre o grande Outro e o pequeno outro, na estrutura da fala, é correlativa a dois pares diferenciais: por um lado, o *Outro simbólico* e o *outro imaginário*; por outro, o *sujeito* e o *eu*.

O *Outro simbólico* articula-se ao sujeito do significante, ao inconsciente, e à dimensão simbólica da fala; enquanto o *outro imaginário* vincula-se ao sujeito do significado, ao eu-imagem, situando-se no plano narcísico da relação especular imaginária.³³

Graças à distinção entre o grande Outro e o pequeno outro, efetuada por Lacan a partir do *Seminário 2* (1954-1955), torna-se também mais precisa a diferença entre o *sujeito* – dimensão simbólica, que se articula ao inconsciente – e o *eu* – dimensão imaginária, ligada à relação narcísica.

Vale notar que a progressiva tentativa lacaniana de teorizar, mais apropriadamente, os registros *simbólico e imaginário* – *Outro simbólico*,

³² Lacan, J. (1957). “La instancia de la letra ...”, em *Escritos, I*. Op.cit., p.508.

³³ Cf. a representação gráfica disso no chamado “esquema L”: Lacan, J. (1954-1955). *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p.142.

outro imaginário ; sujeito (simbólico), eu [moi] (imaginário) – irá resultar numa formulação mais precisa do inconsciente. Cabe recordar que no *Seminário I* (1953-1954), por exemplo, o inconsciente ainda possuía um estatuto indiferenciado entre o *simbólico* e o *imaginário* (cf. capítulo 4).

Já na “Instância da letra”(1957) , o inconsciente passa a apresentar um estatuto claramente *simbólico*. Prosseguindo nesse mesmo caminho, Lacan afirmará no artigo: “Subversão do sujeito” (1960):

“O inconsciente, a partir de Freud, é uma cadeia de significantes que em algum lugar (em outra cena, escreve ele) repete-se e insiste para interferir nos cortes que lhe oferece o discurso efetivo e a cogitação que ele informa.”³⁴

Se o inconsciente é “uma cadeia de significantes”, é bastante evidente que estamos tratando – nessa ocasião – de uma dimensão simbólica, e não imaginária. Prossegamos agora, examinando mais alguns aspectos referentes ao estatuto do sujeito do significante, e sua relação ao *Outro* simbólico – já então definitivamente diferenciado do *outro* imaginário, o *outro*-semelhante. Veremos, também, mais adiante, que essas

³⁴ Lacan, J. (1960). “Subversión del sujeto y dialéctica del deseo en el inconsciente freudiano”, em *Escritos*, 2. Op.cit., p.779.

formulações do *sujeito do significante* e do *Outro simbólico* terão incidência fundamental sobre a estrutura da situação analítica, sendo estas os antecedentes da elaboração lacaniana do conceito: *sujeito suposto saber*.

5.2 – O SIGNIFICANTE REPRESENTA O SUJEITO PARA OUTRO SIGNIFICANTE

É interessante notar que a referência ao *sujeito do significante* não indica que o significante represente o sujeito. Trata-se de um sujeito – inconsistente – *assujeitado* à estrutura de linguagem que o antecede. Em “Subversão do sujeito”(1960), Lacan esclarece:

“Nossa definição do significante (não há outra) é: um significante é o que representa o sujeito para outro significante. (...) Posto que nada é representado senão *para*.”³⁵

³⁵ Lacan, J. (1960). “Subversión del sujeto y dialéctica del deseo en el inconsciente freudiano”, em *Escritos*, 2. Op.cit., p.799. O grifo é nosso.

Formula-se aí um *sujeito* que se apresenta como dividido entre dois significantes, já que nenhum significante o representa estritamente, senão que o faz para outro significante. Seu estatuto correlaciona-se ao da enunciação do discurso – ou seja, situa-se para além do enunciado.³⁶

A esse respeito, Lacan propõe “partir da definição estritamente lingüística do Eu [Je] como significante: na qual é somente o *shifter* ou indicativo que, no sujeito do enunciado, designa o sujeito enquanto aquele que fala realmente (...) designa o sujeito da enunciação.”³⁷

Quanto ao Outro, este é definido – também no artigo “Subversão do sujeito” (1960) – simultaneamente como “lugar do significante”³⁸ e como “testemunho da Verdade”³⁹. Trata-se do Outro simbólico que “como sede prévia do puro sujeito do significante ocupa ali a posição mestra, inclusive antes de vir à existência, para dizê-lo com Hegel e contra ele, como Mestre absoluto.”⁴⁰

O Outro é Mestre absoluto – com Hegel – porque é do Outro, como lugar da linguagem, que vêm inicialmente os significantes do sujeito, a começar pelo seu nome próprio; mas o Outro não é Saber absoluto – contra Hegel – já que a estrutura simbólica é incompleta, não se fecha sobre si

³⁶ Cf. o grafo apresentado em Lacan, J. (1960). “Subversión del sujeto ...”, em *Escritos*, 2. Op.cit., p.797.

³⁷ Lacan, J. (1960). “Subversión del sujeto ...”, em *Escritos*, 2. Op. cit., p.779.

³⁸ Lacan, J. (1960). *Idem*, p.793.

³⁹ Lacan, J. (1960). *Idem*, p.786.

⁴⁰ Lacan, J. (1960). *Ibid*.

mesma. Ou seja, não há Verdade última nem Sentido absoluto. É o que diz Lacan no mesmo artigo (1960):

“(...) S(~~A~~) (...) significante de uma falta no Outro, inerente à sua função mesma de ser o tesouro do significante. Isto na medida em que ao Outro se lhe pede que responda do valor desse tesouro. (...) A falta de que se trata é certamente o que já formulamos: que não há um Outro do Outro.”⁴¹

Estabelece-se, pois, um sujeito que é *falta a ser* – já que nenhum significante o representa inteiramente –, correlativo a um Outro da linguagem, *descompletado* pela própria presença desse sujeito não-representável. Essa parte do sujeito, que escapa à possibilidade de representação na linguagem, vai ser relacionada por Lacan ao termo *gozo* – e articulada ao campo da satisfação pulsional.⁴²

A construção do objeto *a*, no ensino lacaniano, vai corresponder a uma tentativa de formular teoricamente esse ponto de *gozo*, ponto *real* da estrutura subjetiva, que escapa à linguagem – ao significante. Esse

⁴¹ Lacan, J. (1960). “Subversión del sujeto ...”, em *Escritos*, 2. Op. cit., p.798.

⁴² Cf. Lacan, J. (1960). *Idem*, pp.797-802.

desenvolvimento é bastante complexo, e por isso será retomado mais adiante.

5.3 – EFEITOS SOBRE A CLÍNICA

Essas reformulações e reelaborações conceituais de Lacan terão, por sua vez, efeitos sobre a concepção da situação analítica: esta não mais será pensada como dialética intersubjetiva, como “relação de sujeito a sujeito”⁴³. A ênfase vai ser deslocada para a ausência de simetria entre os participantes do processo psicanalítico. No momento, propomos discutir – mais especificamente – a situação analítica, balizada pelo lugar do psicanalista na transferência.

O lugar de ouvinte do analista introduz uma dissimetria na relação analítica; e isto porque Lacan “toma emprestado de Hegel, via Kojève, a estrutura da fala, que funda na mediação, (...) não há simetria entre o locutor e o ouvinte, já que o ouvinte está em uma posição de mestre porque decide o sentido do que o locutor tenha podido dizer.”⁴⁴

⁴³ Cf. Lacan, J. (1951). “Intervención sobre la transferencia.”, em *Escritos, 1*. Op.cit., pp.204-205.

⁴⁴ Miller, J.A. “S’truc dure”, em *Matemas II*. Op.cit., p.100. Cf. também: Lacan, J. (1960). “Subversión del sujeto...”, em *Escritos, 2*. Op.cit., p.786.

Portanto, na medida em que não se trata de uma relação simétrica entre os dois participantes da experiência analítica, a posição do analista como ouvinte será caracterizada como correlativa à dimensão do Outro – ouvinte que decide o sentido do que é dito –, e que se diferencia do outro-semelhante – ao qual nos dirigimos em nossas conversas cotidianas. Miller comenta o seguinte, a esse respeito:

“Obviamente quem parece fundamentalmente em atividade na experiência analítica é o paciente. Mas se deve ver (...) que o ouvinte, sua resposta, seu aval, sua interpretação decidem o sentido do que é dito e (...) a própria identidade de quem fala. A esse respeito, existe o que Lacan não vacila em chamar de um poder, o poder do analista sobre o sentido (...) Na psicanálise (...) a própria estrutura da relação é dissimétrica, pois um entrega o material, enquanto o outro tem por função estrutural interpretar esse material, escutá-lo, recebê-lo, apreciá-lo (...)”⁴⁵

A partir da hipótese lacaniana da estrutura de linguagem do inconsciente, trata-se de distinguir a posição do analista como *Outro*

⁴⁵ Miller, J.A. *Percurso de Lacan, uma introdução*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992, pp.72,73.

simbólico – lugar de endereçamento das cadeias significantes do analisando, a partir de onde este pode encontrar seu verdadeiro estatuto como sujeito do inconsciente –, do lugar do analista como *outro imaginário* – fonte de significações, na relação dual, narcísica. A esse respeito diz Lacan, em 1955:

“O manejo atual da relação de objeto, no quadro de uma relação analítica concebida como dual, está fundado no desconhecimento da autonomia da ordem simbólica. (...) A relação simbólica não é nem por isso eliminada, pois que se continua falando (...) mas resulta desse desconhecimento que o que no sujeito demanda fazer reconhecer-se no plano próprio da troca simbólica autêntica (...) é substituído por um reconhecimento do imaginário, da fantasia. Autenticar assim tudo o que no sujeito é da ordem do imaginário é (...) fazer da análise a antecâmara da loucura (...)”⁴⁶

Percebe-se então que a elaboração teórica do lugar do analista na doutrina lacaniana caminha – nesse momento – no sentido de aproximar a

⁴⁶ Lacan, J. (1955-1956). *O Seminário, livro 3: as psicoses*. Op. cit., p.23.

função do analista à do Outro simbólico, do Outro que não se conhece, que não vemos diante de nós. Trata-se então de um lugar de endereçamento do discurso do analisando.

Ao tentar situar o eixo da transferência – fundamental para se teorizar a posição do analista –, Lacan procede a uma diferenciação entre os três registros em que se desenrola a experiência transferencial: o *imaginário*, correlativo aos aspectos de sugestão e de paixão amorosa ou agressiva, que podem funcionar como resistência ao trabalho associativo⁴⁷; o *real*, que é vinculado, inicialmente, ao “sentimento da presença” do analista, e que também opera do lado da resistência⁴⁸; e o simbólico, que se liga à própria emergência da cadeia associativa, a partir do convite que é feito ao paciente de dizer tudo o que lhe vem à mente.

Com esse procedimento lacaniano, a *análise das resistências* – que havia sido estimulada em determinada época, inclusive pelo próprio Freud⁴⁹ – passa a fazer parte de um desvio da posição do analista, em direção ao eixo *imaginário* da transferência.

Pela mesma razão, não se trata para o analista – em última instância – de *compreender* ou atribuir significações ao material discursivo que lhe é oferecido. Lacan chega a afirmar em 1964:

⁴⁷ Lacan, J. (1954-1955). *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Op.cit., p.156.

⁴⁸ Lacan, J.(1953-1954). *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Op.cit., p.54.

⁴⁹ Freud, S. (1914). “Recordar, repetir e reelaborar”, em *AE, 12*. Op.cit., pp.149,150.

“(...) o inconsciente só tem sentido no campo do Outro (...) não é o efeito de sentido o que opera na interpretação, mas a articulação no sintoma dos significantes (sem nenhum sentido) que se encontram ali aprisionados.”⁵⁰

Na medida em que Lacan postula que a vertente *simbólica* da transferência é o eixo em torno do qual gira o trabalho próprio a ser realizado, para a atualização da cadeia significante inconsciente, o autor isolará – em 1964 – uma determinada *função simbólica* na transferência. Esta será nomeada: *sujeito suposto saber*, sendo situada como o fundamento da transferência.⁵¹

Mas o que vem a ser, afinal, esse *sujeito suposto saber*? Inicialmente, poderíamos pensar que se trata do psicanalista, como *sujeito*, ao qual o paciente supõe que saiba algo sobre a significação de seu

⁵⁰ Lacan, J. (1964). “Posición del inconsciente”, em *Escritos*, 2. Op.cit., p.821. No entanto, essa citação só toma seu valor ao se relacionar esse procedimento interpretativo à lógica da operação de alienação, enquanto primária na constituição do sujeito (cf. Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos ...* Op. cit., pp. 196-203). Cabe ressaltar, todavia, que a interpretação significativa não deixa de ter seu lugar, num primeiro tempo da análise. A esse respeito, Lacan afirma em 1964 – “a alienação tem por consequência que a interpretação não tem de modo algum sua última instância no fato de ela nos livrar as significações da via onde caminha o psíquico que temos diante de nós. Esta importância é apenas de prelúdio. A interpretação não visa tanto o sentido quanto reduzir os significantes a seu não-senso, para que possamos encontrar os determinantes de toda a conduta do sujeito.”(Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos...* Op. cit., pp. 200, 201; o grifo é nosso) Cf. ainda no presente trabalho, o capítulo 6, onde se aborda esse alcance de *não-senso* da interpretação, determinado pela alienação original do sujeito aos significantes – *não senso* – do Outro.

⁵¹ Cf. Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Op.cit., p.220.

sintoma – de seu sofrimento. E por isso, o analisando põe-se a falar tudo o que lhe vem à cabeça, em obediência à demanda do analista.

Porém, esse conceito, o *sujeito suposto saber*, é antes uma *conseqüência* da regra fundamental da análise – a de dizer tudo sem reter nada, sem censura. Ele é, então, uma *conseqüência* da estrutura da situação analítica, e não uma condição *a priori* do encontro entre o analista e seu paciente. A esse respeito, Miller e Cottet comentam, respectivamente:

“Sujeito suposto saber não é de modo algum, como se imagina, que o psicanalista (...) imagine que o psicanalista sabe tudo. Pode inclusive, na maioria dos casos, estar um pouco decepcionado com seu terapeuta, comparado à idéia que tinha dele. (...) Pode até desconfiar de seu psicanalista e, em vez de supô-lo tão sábio, colocar sua capacidade em dúvida. Com freqüência, decerto, não está necessariamente equivocado.”⁵²

“(...)Lacan procura distinguir totalmente o indivíduo psicanalista (...) e as razões que resultam da transferência, dessa transferência (...) do saber inconsciente ao Outro.

⁵² Miller, J.A. *Percurso de Lacan. Uma introdução*. Op.cit., p.69.

Isso deixa, então, o *significante do psicanalista sempre à descrição do analisando. Por isso, o sujeito psicanalista é sempre uma suposição e não um real.*⁵³

Conclui-se, portanto, que o *sujeito suposto saber* é um lugar *simbólico*, correlativo ao *Outro simbólico* – que havíamos mencionado anteriormente. Assim como este último, ele não é uma outra *pessoa* – nem mesmo um outro *sujeito* –, mas simplesmente uma dimensão de alteridade suposta pela própria estrutura da fala.

O saber inconsciente, vivido pelo sujeito como alteridade – como um Outro saber que ele desconhece – será então transferido ao analista no lugar do *Outro simbólico*, lugar do *saber inconsciente*, do *sujeito suposto saber*.

A situação analítica comporta duas pessoas; porém “como sujeito, efeito de significante, só há um. Há o sujeito com seu desejo, o *sujeito dividido*, que por si só engendra esse efeito de sujeito chamado *sujeito suposto saber*.”⁵⁴ E Lacan esclarece ainda:

“Enquanto o analista é suposto saber, ele é suposto saber também partir ao encontro do desejo inconsciente. (...) esse

⁵³ Cottet, S. *Estudos clínicos de Serge Cottet*. Salvador, Editora Fator, 1988, p.70. O grifo é nosso.

⁵⁴ Cottet, S. *Idem*, p.71. O grifo é nosso.

desejo (...) é precisamente um ponto que só é articulável pela relação do desejo ao desejo. (...) O desejo do homem é o desejo do Outro.”⁵⁵

Abordaremos, posteriormente, as conseqüências clínicas dessa formulação lacaniana dialética sobre o desejo – conseqüências estas que irão incidir sobre a estrutura da transferência, em sua relação ao desejo do analista. Marcar-se-á, aí, um ponto de fundamental inovação quanto à perspectiva freudiana, concernente ao desejo inconsciente na experiência psicanalítica (cf. capítulo 9).

Verifica-se então que a entrada em análise implica o funcionamento desse dispositivo que, mediante a livre associação, institui o analista no lugar do *sujeito suposto saber* – e poderíamos também acrescentar, do *sujeito suposto desejar*.⁵⁶

Tal situação explica-se pela contingência de que o analisando somente pode ter algum acesso a seu saber e seu desejo inconscientes por meio desse desvio pelo lugar do Outro; esse desvio, essa alienação, nada mais são do que o próprio fato da divisão subjetiva. Ou seja, o sujeito não tem acesso a seu inconsciente senão como uma alteridade, uma heterogeneidade.

⁵⁵ Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Op.cit., pp.222,223.

⁵⁶ Cf. Cottet, S. *Estudos clínicos de Serge Cottet*. Op.cit., p.70.

Nesse período da construção lacaniana sobre a experiência psicanalítica – ou seja, o do analista como *sujeito suposto saber* –, encontram-se, pois, reunidas as hipóteses dialética e estruturalista da constituição subjetiva. Em outros termos: inconsciente dialético – que se realiza através do dispositivo da fala –, e inconsciente com estrutura de linguagem⁵⁷.

Resumindo o que vimos até agora, temos que: num primeiro momento da teorização de Lacan, formula-se a relação analítica como *intersubjetividade* (cf. capítulo 4). Num segundo tempo, o lugar do analista é referido ao *Outro simbólico*, posteriormente reduzido a uma pura existência de significante, e nomeado especificamente: *sujeito suposto saber* – este último conceito é apontado como o fundamento da transferência, da entrada no processo analítico, o que não quer dizer que o analista deva *identificar-se* a essa posição de *sujeito suposto saber*. Veremos, depois, que há um terceiro momento na formulação teórica lacaniana sobre o lugar do analista, em que este deverá se transformar em algo para além do *sujeito suposto saber*.

Propomos que esses três momentos da construção lacaniana sobre a posição do psicanalista são correlativos – respectivamente – a três outros tempos de elaboração conceitual: o *sujeito-do-sentido*, o *sujeito-do-*

⁵⁷ Cf. Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos ...* Op. cit., pp.228,229.

significante, e o *objeto a*. Em outros termos, sugerimos que há uma articulação entre as concepções de *sujeito* e *inconsciente*, por um lado; e *direção do tratamento* e *posição do psicanalista*, por outro.

Passemos agora ao exame da construção do conceito *objeto a*, na teoria lacaniana – correlativo à *dimensão real da experiência subjetiva*. Isso se torna necessário, uma vez que a introdução desse conceito implicará em novas formulações sobre: a posição do inconsciente, o lugar a ser ocupado pelo analista na situação transferencial, e o término da análise. Veremos que se delineaia, a partir desse termo de Lacan – o *objeto a* –, uma diferença fundamental em relação à clínica freudiana, em particular no que toca ao final da análise.

CAPÍTULO 6

OBJETO *a* E DESTITUIÇÃO SUBJETIVA

6.1 – A DIMENSÃO REAL DA EXPERIÊNCIA SUBJETIVA

Ao nos referirmos – nos capítulos 4 e 5 – ao emprego do termo *sujeito*, no decorrer da elaboração lacaniana sobre o estatuto do inconsciente, vimos como esse primeiro conceito foi se articulando progressivamente à fala e à linguagem. A dimensão de alteridade correlativa ao sujeito já se encontrava formulada desde os tempos do

Estádio do Espelho (1949) , sendo posteriormente vinculada ao registro simbólico – e mais precisamente, à estrutura de linguagem do inconsciente.

Apontávamos também que, a partir de um determinado momento da trajetória lacaniana, foi se indicando – gradualmente – o ponto de limite da linguagem, na sua possibilidade de simbolização. No texto “Subversão do sujeito”(1960), por exemplo, Lacan sublinha claramente essa falta de significante, que permitiria ao sujeito “pensar-se esgotado por seu *cogito*, isto é, o que é impensável”¹.

Trata-se aí, portanto, de uma tentativa de formulação teórica do registro *real* da experiência subjetiva – *real*, como aquilo que escapa ao simbólico e ao imaginário. Esse registro possuía um estatuto fundamentalmente *negativo* no início da doutrina lacaniana; ou seja, o *real* remetia àquilo que *não* era nem *simbólico*, nem *imaginário*.

Ao referir-se ao que “falta ao sujeito para pensar-se esgotado por seu *cogito* (...) o que é impensável”², Lacan situa, nesse lugar, o termo *gozo*. Este é um conceito bastante complexo na obra lacaniana – com uma série de nuances, reformulações, e mesmo de paradoxos. Consideraremos, para os fins de nossa discussão, o *gozo* como equivalente aproximado do termo freudiano *satisfação* {*Befriedigung*} pulsional.

¹ Lacan, J. (1960). “Subversión del sujeto ...”, em *Escritos*, 2. Op.cit., p.799.

² Lacan, J. (1960). *Ibid.*

Porém, a pergunta que se poderia colocar agora é: qual o interesse de referir-se ao *gozo*, já que nossa pesquisa visa fundamentalmente estabelecer o estatuto do inconsciente nas obras de Freud e de Lacan? Qual a relação entre o *gozo* e o inconsciente? Ou entre o *gozo* e o sujeito?

Lembremos que nossa hipótese inicial havia sido a de que a elaboração lacaniana sobre o inconsciente tinha como contraponto o termo de sujeito (cf. capítulo 4). Na medida em que o sujeito era abordado pela via do sentido – num momento inicial da doutrina de Lacan –, verificamos que isso tinha conseqüências tanto sobre o estatuto do inconsciente, como sobre a experiência psicanalítica (cf. capítulo 4). O mesmo acontecia quando o sujeito era tratado como *sujeito do significante* – ou seja, isso tinha implicações específicas para o inconsciente e a clínica (cf. capítulo 5).

Nossa suposição, agora, é de que a teorização lacaniana relativa à vertente *real* da experiência subjetiva terá incidências particulares sobre as coordenadas da clínica e do inconsciente lacanianos.

Quando Lacan se refere ao ponto de falta na estrutura da linguagem – nomeando-o inicialmente $S(\bar{A})$ ou $[-1]^3$ – indica um para-além da linguagem, na dimensão subjetiva. Que Freud tenha falado disso sob a forma do *umbigo do sonho*, do *Urvater* ou da *Urverdrängung*⁴ – como pontos não-assimiláveis na cadeia associativa – não é o mesmo que

³ Lacan, J. (1960). “Subversión del sujeto ...”, em *Escritos*, 2. Op.cit., p.799.

⁴ Cf. Millot, C. *Nobodaddy, a histeria no século*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1989, pp.58,59.

formular um conceito *positivo* sobre essa dimensão *real* da estrutura psíquica.

Em outros termos, indicar o *impossível* a ser simbolizado – no aparelho psíquico ou na experiência subjetiva – não é o mesmo que criar um *índice* para esse *impossível*. Os números complexos constituem um avanço na matemática, por exemplo, na exata medida em que oferecem – graças ao índice *i* – um caráter positivo à *impossibilidade*: raiz quadrada de [-1]. Ou seja, é *impossível*, mas podemos operar e fazer cálculos com esse índice *i*. Não é à toa que Lacan cita precisamente esse exemplo – em 1960 – ao abordar a questão da falta de significante para o gozo.⁵

E qual será, então, esse índice conceitual *positivo* que Lacan procurará oferecer, para a formalização daquilo que ele chama registro *real* – ou “impensável”⁶ – da dimensão subjetiva?

Parece que esse conceito é o *objeto a* lacaniano, que constitui um contraponto – ao mesmo tempo – ao sujeito e ao inconsciente. Situa-se como excêntrico e – ao mesmo tempo – causa a constituição de ambos. É o correlato – de modo aparentemente paradoxal – da pulsão, do gozo e do desejo.

A questão que interessa à nossa pesquisa é: qual o efeito da construção desse conceito sobre as formulações lacanianas do sujeito e do

⁵ Lacan, J. (1960). “Subversión del sujeto ...”, em *Escritos*, 2. Op.cit., p.801.

⁶ Lacan, J. (1960). *Idem*, p.799.

inconsciente? E sobre a operação psicanalítica ? Há alguma mudança, na clínica lacaniana, a partir da introdução desse conceito? E se não há, para que ele serve?

Anteciparemos, parcialmente, nossa hipótese a esse respeito: a produção do *objeto a* vai corresponder a uma passagem no decorrer de uma experiência de análise, do *sujeito do significante à destituição subjetiva* – esta última como o correlato da *pulsão*.⁷

Passemos, agora, a um breve exame do complexo processo de construção desse *objeto a* – denominado posteriormente: *objeto causa do desejo* –, na doutrina lacaniana.

6.2 – A CONSTRUÇÃO DO OBJETO a

6.2.a – OBJETO DO DESEJO E OBJETO DA FANTASIA

O *objeto a* surge a partir de um certo momento da teoria lacaniana, não se encontrando aí desde o início. Trata-se de um conceito que vai sendo construído por Lacan, segundo uma necessidade que lhe será

⁷ Essa hipótese poderia se confirmar através da referência à passagem do discurso histórico – onde o sujeito dividido ocupa o lugar do agente –, para o discurso analítico – no qual o objeto *a* está no lugar de agente. Lacan propõe que essa passagem seria correspondente ao percurso de uma análise. Cf., por exemplo: Lacan, J. (1969-1970). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Op.cit., pp.21,87,99-102.

suscitada por alguns impasses da teoria e da clínica psicanalítica. A esse respeito, comenta Millot:

“O objeto *a*, causa do desejo, está ausente dos primeiros Seminários de Lacan, mas não a notação *a*, que representa o pequeno outro, o semelhante, primeiro objeto de desejo e de identificação (...) O objeto *a* será mais tarde radicalmente diferenciado do *a* da relação especular. Nem por isso deixa de ser herdeiro daquela primeira elaboração.”⁸

Desde suas primeiras formulações sobre a questão do desejo, Lacan aponta que seu objeto é – para dizer o mínimo – problemático. Ou seja, não se pode pensar o desejo em psicanálise, imaginando um objeto que lhe seria adequado e que traria um apaziguamento ao sujeito. Tal abordagem lacaniana está na linha da descoberta de Freud, que postula que o objeto é sempre um objeto reencontrado, nunca idêntico ao primordialmente percebido.

⁸ Millot, C. *Nobodaddy, a histeria no século*. Op.cit., p.55.

A diferenciação entre as categorias da *necessidade*, do *desejo* e da *demanda*, empreendida por Lacan, contribui para conferir uma maior precisão ao estatuto do desejo.⁹

Na medida em que as necessidades – míticas em seu estado *puro* para o sujeito humano – vão estar modificadas pela sua mediação significativa na demanda, é compreensível que se estabeleça uma hiância, uma perda da suposta cooptação da necessidade ao objeto de satisfação. Dito de outra forma, a palavra cria um *espaço* entre o sujeito e o objeto de sua satisfação. “A demanda em si se refere a outras coisas que às satisfações que reclama.”¹⁰

Essa defasagem no âmbito da satisfação – que resulta da radical dependência do sujeito em relação ao campo da linguagem, ao campo do Outro – engendra um fator diferencial, que é o motor do trabalho mencionado por Freud a respeito da pulsão.¹¹ Esta, então, é uma força constante, pelo fato de o sujeito humano caracterizar-se como falante – o que constitui o objeto como perdido desde sempre, e leva a aspiração de satisfação pulsional “plena”¹² a não ser mais que o núcleo fantasmático da compulsão à repetição.

⁹ Cf. Lacan, J. “La significación del falo”, em *Escritos*, 2. Op.cit., p.670.

¹⁰ Lacan, J. (1958). *Ibid.*

¹¹ Cf. Freud, S. (1915). “Pulsiones y destinos de pulsión”, em *AE*, 14. Op.cit., p.117.

¹² Cf. Freud, S. (1920). “Más allá del principio de placer”, em *AE*, 18. Op.cit., p.42.

A abordagem do desejo aparece, então, articulada à pulsão, à demanda, e à necessidade, a ponto de ser ele definido como: “(...) nem o apetite da satisfação, nem a demanda de amor, mas a diferença que resulta da subtração do primeiro à segunda, o fenômeno mesmo da sua clivagem {*Spaltung*}”.¹³ Dessa formulação do desejo, advém a relação deste último ao objeto; a esse respeito, Lacan indica no *Seminário: a ética da psicanálise* (1959-1960):

“(...) o desejo nada mais é que a metonímia do discurso da demanda. É a mudança como tal. (...) Essa relação propriamente metonímica de um significante ao outro que chamamos de desejo, não é o novo objeto, nem o objeto anterior, é a própria mudança de objeto em si.”¹⁴

Temos então uma primeira concepção lacaniana do *desejo* como *metonímico* – como o que desliza de um significante a outro no discurso da demanda – e, correlativamente, um *objeto do desejo* também *metonímico*. Trata-se de um objeto que se relaciona a uma *falta* fundamental – *falta* que

¹³ Lacan, J. (1958). “La significación del falo”, em *Escritos*, 2. Op.cit., p.671.

¹⁴ Lacan, J. (1959-1960). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988, p.352.

diz respeito à satisfação – e, conseqüentemente, um objeto cujo caráter de *não-fixidez* remete ao fato de que nenhum objeto como tal satisfaz de maneira plena. Já no *Seminário: a relação de objeto* (1956-1957), Lacan afirmava:

“(...)o objeto jamais será senão um objeto reencontrado (...) e ficará marcado pelo estilo primeiro do objeto. Portanto, (...) existe sempre discordância do objeto reencontrado com o objeto procurado.”¹⁵

Segundo Millot, “neste ponto de sua elaboração, Lacan outorga ao desejo uma infinitude que recusará ulteriormente, bem como a seu objeto uma dimensão de engodo ao qual ele oporá o caráter real do objeto *a*.”¹⁶ Conclui-se portanto que, na passagem do primeiro ao segundo momento da teorização lacaniana sobre o desejo, este passa de *infinito* a *finito* pela mediação de um conceito: o objeto *a*.

E como isso se dá então? No *Seminário: a transferência* (1960-1961), Lacan demarca esse objeto *a* como o objeto da fantasia, indicando aí um ponto de *fixidez* – para além do deslizamento inerente à cadeia

¹⁵ Lacan, J. (1956-1957). *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995, p.52.

¹⁶ Millot, C. *Nobodaddy, a histeria no século*. Op.cit., p.57.

simbólica –, onde o sujeito se situa como *fixado* ao objeto. Os termos são os seguintes:

“É na (...) medida em que algo se apresenta como revalorizando o tipo de deslizamento infinito, o elemento dissolutivo trazido ao sujeito, por si mesma, pela fragmentação significativa, que ele assume valor de objeto privilegiado, que estanca esse deslizamento infinito. *Um objeto pode assumir também, com relação ao sujeito, esse valor essencial que constitui a fantasia fundamental. O próprio sujeito se reconhece ali como detido ou (...) fixado. Nessa função privilegiada nós o chamamos a.*”¹⁷

Por outro lado, em 1959, Lacan já formulara com mais clareza a articulação entre: *objeto a*, *falta de significante*, *gozo* e *dimensão real da subjetividade*. Sabemos que a mesma vinculação reaparecerá no texto “Subversão do sujeito” (1960) – como mencionamos anteriormente. Diz então o autor, em 59:

“O objeto *a* é o apoio que o sujeito se dá na medida em que

¹⁷ Lacan, J. (1960-1961). *O Seminário, livro 8: a transferência*. Op.cit., p.172. O grifo é nosso.

ele falha na sua designação de sujeito. É por causa disso que, no discurso do Outro que é o inconsciente, alguma coisa faz falta ao sujeito, a saber, o que representaria no simbólico o gozo, que o sujeito emprega nessa designação alguma coisa que se toma às suas custas de sujeito real vivo.”¹⁸

O estatuto desse objeto *a*, “que estanca o deslizamento infinito”¹⁹ da cadeia significante, não pode ser ele mesmo o de um significante. Portanto, esse objeto é alguma coisa que está *para além da cadeia simbólica*. Ou seja, liga-se a algo que escapa à ordem simbólica, algo que está do lado do *real*, do *real do corpo*, e – mais precisamente – do *real do gozo do corpo*.

6.2.b – O OBJETO *a* COMO RESTO

O objeto *a* não é, entretanto, um conceito apreensível de maneira direta e imediata. Há que pensá-lo como *resto* que não é abarcado pelo simbólico, quando se trata de nomear o *ser* do sujeito. Dito de outro modo – e como já indicamos anteriormente – o sujeito não é totalmente

¹⁸ Lacan, J. (1958-1959). *El deseo y su interpretación*. Seminário inédito, lição de 13/5/59.

¹⁹ Lacan, J. (1960-1961). *O Seminário, livro 8: a transferência*. Op. cit., p.172.

representável pelo significante; há algo, o *gozo*, que resiste à operação de simbolização empreendida pela estrutura de linguagem. O objeto *a* é, pois, aquilo que aponta para o limite, para o ponto de falha da estrutura significante. Sobre isso, Millot comenta:

“O objeto *a* vem (...) funcionar no lugar onde a existência do Outro falha, neste ponto de não simbolização do gozo que designa tanto o *Urvater* quanto o *Urverdrängt* freudiano. Como observa Lacan (...) é no nível do recalque originário, lá onde se constitui o sujeito no lugar do Outro, que se estrutura o objeto *a*, visto que o sujeito (...) não tem representante adequado no simbólico.”²⁰

Relembremos, nesse ponto, a problemática questão – anteriormente discutida no presente trabalho (cf. capítulo 5) – sobre a existência do Outro da estrutura da linguagem, como prévia ao sujeito. É que restituía o *Outro-já-aí* da estrutura, após ter sido este esvaziado pelo sujeito dialético, num momento inicial da doutrina lacaniana. Sabemos também que Lacan corrigiu posteriormente esta afirmação, dizendo: “o Outro não existe”.²¹

²⁰ Millot, C. *Nobodaddy, a histeria no século*. Op.cit., pp.58,59.

²¹ Lacan, J. (1960). “Subversión del sujeto ...”, em *Escritos*, 2. Op.cit., p.800.

Se “o objeto *a* vem funcionar no lugar onde a existência do Outro falha”²², ele é também aquilo através do qual se verifica – no decorrer da experiência analítica – que “o Outro não existe.” É importante destacar que o objeto *a* não é, por sua vez, prévio ao sujeito, não é um *objeto-já-ai* da estrutura – o que reconstruiria, num outro lugar, a *realidade dada* da subjetividade no âmbito psicanalítico.

Ele deve ser pensado, fundamentalmente, como objeto *resto* de uma operação – operação de fundação do sujeito e do inconsciente, a partir do campo do Outro²³; mas também operação psicanalítica, por intermédio da qual esse processo de constituição do sujeito se reatualizará na transferência²⁴. Retomaremos mais adiante essa questão sobre a função do objeto *a* na experiência clínica.

6.2.c – ALIENAÇÃO E SEPARAÇÃO

A constituição do sujeito a partir do campo do Outro é tratada por Lacan – no *Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964) e no artigo “Posição do inconsciente” (1964) – através de uma operação que se passa em dois tempos: o da *alienação* e o da *separação*.

²² Millot, C. *Nobodaddy, a histeria no século*. Op.cit., pp.58,59.

²³ Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos ...*. Op.cit., pp.193-230.

²⁴ Cf.Lacan, J. (1964). “Posición del inconsciente”, em *Escritos*, 2. Op. cit., p.823.

Trata-se de um desenvolvimento teórico bastante complexo, do qual só vamos citar alguns poucos aspectos fundamentais, que interessam ao desenvolvimento de nossa presente argumentação – qual seja, a da construção do objeto *a*.

No tempo da alienação, o sujeito desaparece – *afânise*²⁵ – sob o golpe do significante, para não ser mais que o significante no qual se converte. Há uma perda original do sujeito em seu *ser*, já que a palavra mata a coisa. “O efeito de linguagem é a causa introduzida no sujeito. Graças a esse efeito não é causa de si mesmo (...)”²⁶; “(...) a alienação reside na divisão do sujeito que acabamos de designar em sua causa.”²⁷. “A alienação (...) condena o sujeito a só aparecer nessa divisão (...), se ele aparece de um lado como sentido, produzido pelo significante, do outro ele aparece como *afânise*”²⁸.

O segundo tempo da operação, denominado *separação*, é o que permite ao sujeito defrontar-se com sua própria perda original, através da falta com que se depara no Outro – sob o modo do desejo do Outro. Esse ponto de opacidade é o que reenvia ao mais-além do significante, ao *ser* que o sujeito perdera em sua articulação à linguagem²⁹.

²⁵ Cf. Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos...* Op.cit., p.197.

²⁶ Lacan, J. (1964). “Posición del inconsciente, em *Escritos*, 2. Op.cit., p.814.

²⁷ Lacan, J. (1964). *Idem*, p.820.

²⁸ Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos...* Op. cit., p.199.

²⁹ Cf. Lacan, J. (1964). “Posición del inconsciente, em *Escritos*, 2. Op.cit., pp.821-823.

Mas não se trata – nesse tempo da *separação* – de recuperar o *ser* ou o *gozo* originalmente perdidos, tal como o neurótico gostaria. Trata-se antes de fazer funcionar esse *ser* perdido pelo sujeito, como *objeto causa do desejo*. É precisamente aí que entra o objeto *a*, já que “*pela função do objeto a, o sujeito se separa, deixa de estar ligado à vacilação do ser, ao sentido que constitui o essencial da alienação*”³⁰. Dito de outro modo, o sujeito se separa do “*ser ou não ser*”, ao redor do qual gravita o neurótico em sua impotência.

Na medida em que o objeto *a* é definido, por Lacan, como objeto – por excelência – que a pulsão contorna em sua busca de satisfação³¹, isso o torna apto à função de designar essa parte perdida do *ser* do sujeito, esse *gozo* pulsional sem qualquer *sentido*.

Caberia apenas apontar, nesse momento, que essas formulações lacanianas sobre as operações de alienação e de separação irão incidir na experiência clínica, reorientando o próprio alvo da interpretação analítica – esta última concebida, por Freud, como visando fundamentalmente a decifração de um sentido ou significação. Eis o que Lacan indicará em 1964 a esse respeito:

“A alienação tem por
conseqüência que a

³⁰ Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais*. Op. cit., p.243. O grifo é nosso.

³¹ Cf. Lacan, J. (1964). *Idem*, pp.169,170.

interpretação não tem de modo algum sua última instância no fato de ela nos livrar as significações da via onde caminha o psíquico que temos diante de nós. A interpretação não visa tanto o sentido quanto reduzir os significantes a seu não-senso, para que possamos reencontrar os determinantes de toda a conduta do sujeito.”³²

“A interpretação não é aberta a todos os sentidos. Ela não é de modo algum não importa qual. É uma interpretação significativa, e que não deve faltar. Isto não impede que não seja essa significação que é, para o advento do sujeito, essencial. O que é essencial é que ele veja, para além dessa significação, a qual significante – não-senso, irreduzível, traumático – ele está, como sujeito, assujeitado.”³³

Retomemos, agora, o desenvolvimento anterior sobre o objeto *a*. Em “Posição do inconsciente”(1964), esse objeto aparece sob quatro formas: seio, fezes, olhar e voz.³⁴ Ele situa-se, então, como objeto “caído do corpo”³⁵, promovendo assim a erogenização dos orifícios corporais

³² Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos ...* Op. cit., p.201.

³³ Lacan, J. (1964). *Idem*, p.237.

³⁴ Lacan, J. (1964). “Posição do inconsciente”, em *Escritos*, 2. Op.cit., pp.827,828. Cf. também: Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Op.cit., pp.228,229.

³⁵ Millot, C. *Nobodaddy, a histeria no século*. Op.cit., p.59.

correspondentes: boca, ânus, fenda palpebral e ouvido. Millot comenta o seguinte a esse respeito:

“(...) esse objeto (...) é estruturado à imagem da falta que vem representar como objeto de *corte*. O que torna o objeto *a* (...) apto para funcionar como equivalente do gozo é a estrutura topológica (...) de borda homóloga à estrutura topológica do Outro. (...) Se o simbólico é furado pela falta de significante que lhe é central, a pulsão que põe em jogo o objeto *a*, o qual ela contorna, origina-se dos orifícios do corpo (...) O objeto *a* tem a mesma estrutura desses orifícios: de pulsação, de fenda, de corte também, como objeto caído do corpo, objeto de perda por essência.”³⁶

Se tratamos até aqui da construção do conceito *objeto a*, na doutrina lacaniana, é porque ele implica uma reelaboração no estatuto do desejo, e um para-além do *sujeito do significante* (cf. capítulo 5) – com um acento sobre a articulação: linguagem-corpo pulsional. Ou melhor, sobre a

³⁶ Cf. Millot, C. *Nobodaddy, a histeria no século*. Op.cit., p.59.

articulação do furo da linguagem com os furos do corpo – a partir dos quais a pulsão contorna o objeto *a*.

Veremos que esse “objeto de corte”, ou de “perda” – ou ainda “objeto caído”³⁷ – será correlativo: por um lado, a um inconsciente concebido fundamentalmente como *corte*, como *hiância*; por outro, a um sujeito *assujeitado* à pulsão. Isso de algum modo se confirma, por exemplo, no texto “Posição do inconsciente”(1964), onde os termos: *pulsão* – que evoca a pulsão –, *hiância*, *borda*³⁸ e, principalmente, *corte*³⁹ aparecem articulados ao inconsciente.

Procuraremos, agora, tecer algumas breves considerações a respeito dessa utilização lacaniana do termo *corte* para referir-se ao inconsciente, nesse último artigo mencionado (1964). Examinaremos também, posteriormente, algumas conseqüências da construção do objeto *a* para a clínica psicanalítica.

6.3 – O INCONSCIENTE COMO CORTE

Caberia inicialmente apontar que os antecedentes dessa concepção lacaniana sobre o inconsciente – ou seja, o inconsciente como *corte* –

³⁷ Cf. Millot, C. *Nobodaddy, a histeria no século*. Op.cit., p.59.

³⁸ Lacan, J. (1964). “Posición del inconsciente.”, em *Escritos*, 2. Op.cit., p.817.

³⁹ Lacan, J. (1964). *Idem*, p.818.

encontram-se provavelmente no *Seminário: a identificação* (1961-1962), onde Lacan passa a trabalhar as superfícies topológicas: toro, faixa de Moebius e *cross-cap*. “É então do corte que Lacan parte para deduzir a superfície, e não o inverso.”⁴⁰

Interessa-nos somente indicar que os termos *borda*⁴¹ ou *corte*⁴² que serão referidos ao inconsciente, no artigo “Posição do inconsciente” (1964), não podem ser desvinculados das pesquisas topológicas de Lacan. É claro que o lugar que a topologia ocupa no ensino lacaniano mereceria uma pesquisa específica – a qual não temos nem a pretensão nem a competência para empreender. Destacaremos apenas alguns elementos relativos aos estudos topológicos lacanianos que tenham pertinência ao tema de nossa investigação.

Cabe ressaltar que, nesse último artigo (1964), Lacan define o inconsciente como: “o *corte em ato*” entre o domínio do sujeito e o do Outro.⁴³ No entanto, não nos parece que a caracterização lacaniana do inconsciente como *corte* se oponha à concepção anterior sobre sua *estrutura de linguagem*. Tal posição pode ser apoiada, por exemplo, pelo que Lacan afirma no *Seminário: a identificação* (1961-1962): “um significante, em sua essência mais radical, só pode ser encarado como

⁴⁰ Darmon, M. *Ensaio sobre a topologia lacaniana*. Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1994, p.131.

⁴¹ Lacan, J. (1964). “Posición del inconsciente”, em *Escritos*, 2. Op.cit., p.817.

⁴² Lacan, J. (1964). *Idem*, p.818.

⁴³ Lacan, J. (1964). *Ibid.*

corte numa superfície.”⁴⁴ Dito de outro modo: não existe antinomia entre *corte* e *significante*; há antes uma homologia.

Por outro lado, o termo *corte*, apesar de poder ser reencontrado no próprio emprego freudiano da palavra *psicanálise* – análise ou divisão da psique –, não é enfatizado como tal na elaboração conceitual freudiana sobre o inconsciente. Talvez isso se deva ao fato de que a *representação* freudiana não faz *corte*, ao passo que o *significante* é, para Lacan, *corte* numa superfície .

Quanto à definição lacaniana do inconsciente como: “corte em ato” entre o domínio do sujeito e o do Outro⁴⁵, isso provavelmente diz respeito ao registro do *ato* analítico, na experiência clínica. Retomaremos posteriormente esse termo *corte* – referido ao inconsciente –, procurando articulá-lo aos *cortes* ou *escansões* promovidos pelo psicanalista – concernentes ao *tempo lógico* lacaniano.

Vale salientar que o recurso lacaniano à topologia – enquanto estudo dos cortes e das superfícies – implicará em novas formulações sobre a operação psicanalítica:

“(…) a consideração da estrutura como topológica conduz a uma concepção radicalmente específica do ato

⁴⁴ Lacan, J. (1961-1962). *A identificação*. Seminário inédito, lição de 16/5/62. Cf. também: Darmon, M. *Ensaio sobre a topologia lacaniana*. Op.cit., p.131.

⁴⁵ Lacan, J. (1964). “Posición del inconsciente”, em *Escritos*, 2. Op.cit., p. 818.

analítico. Não se trata mais, efetivamente, de esvaziar um saco, o inconsciente, até a última gota, a fórmula significante primordial, num processo podendo então ser regulado *a priori*, burocratizado (...) mas de uma experiência singular de transferência, no decorrer da qual uma modificação de estrutura topológica está em jogo, e com relação à qual a responsabilidade do analista é total.”⁴⁶

A crítica à geometria do *saco* no aparelho psíquico freudiano, com sua distinção interior-exterior, pode ser reencontrada na própria obra de Lacan, quando ele comenta a segunda tópica – em 1974:

“(...) como fez Freud, querendo ou não, na sua segunda tópica que se sustenta em uma geometria do saco (...) Esta geometria do saco (...) está no nível da topologia. Com essa pequena diferença que (...) isso se rabisca em uma superfície, sobre a qual somos obrigados a trazer o saco. Uma superfície que faz uma rodela, havendo nesta um interior e um exterior.”⁴⁷

⁴⁶ Darmon, M. *Ensaio sobre a topologia lacaniana*. Op. cit., p.145.

⁴⁷ Lacan, J. (1974-1975). *R.S.I.* Seminário inédito, lição de 10/12/74.

A banda de Moebius, superfície que une o direito e o avesso – portanto, não tem interior ou exterior –, é empregada por Lacan para designar o sujeito do inconsciente. Tal procedimento oferece uma alternativa à geometria da esfera, ou do saco, apresentada por Freud.

Além disso, a própria faixa de Moebius é definida como puro corte, em mais de um momento do ensino lacaniano⁴⁸; no entanto, isso implica uma demonstração complexa que nos distanciaria de nosso tema principal.⁴⁹

Cabe destacar apenas que essa referência lacaniana ao inconsciente como *corte* no artigo “Posição do inconsciente”(1964) – mencionado acima – insere-se num percurso topológico das superfícies, que se afasta radicalmente de qualquer *psicologia das profundidades*. Sabemos que o inconsciente como profundidade da psique⁵⁰ pôde ser depreendido da obra freudiana, com apoio – inclusive – nos próprios esquemas gráficos da segunda tópica.

Após essas brevíssimas indicações, passemos agora ao exame de alguns efeitos da construção do objeto *a* para a clínica – quais sejam: sobre

⁴⁸ Cf. Lacan, J. *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Seminário inédito, lição de 14/12/76. Cf. também: Darmon, M. *Ensaio sobre a topologia lacaniana*. Op. cit., p.130: “essa equivalência entre corte e faixa de Moebius dá um suporte não-substantificado ao que Lacan entende por sujeito barrado como puro corte.”

⁴⁹ Cf. a esse respeito: Darmon, M. *Ensaio sobre a topologia lacaniana*. Op. cit., pp.127-131.

⁵⁰ A referência à psicanálise como *psicologia do profundo* foi feita – em realidade – por Bleuler, porém Freud não desautorizou essa idéia: cf. Freud, S. (1914). “Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico”, em *AE, 14*. Op.cit., p.40. Cf. também: Freud, S. (1915). “Lo inconciente”, em *AE, 14*. Op. cit., p.169.

o lugar do psicanalista na situação transferencial, e sobre o final da análise. Veremos que isso diz respeito – ao mesmo tempo – ao destino do *sujeito* na experiência analítica lacaniana, e a uma singularidade no que toca à concepção freudiana relativa ao término do processo psicanalítico.

6.4 – O ANALISTA NA FUNÇÃO DO OBJETO *a*

6.4.a – DO SUJEITO SUPOSTO SABER AO OBJETO *a*

É importante destacar que não nos propomos a uma discussão sobre o final de análise na obra lacaniana, em geral – mesmo porque há numerosas passagens e nuances a esse respeito, que exigiriam uma exposição mais detalhada. Optamos por circunscrever nossa abordagem ao momento a partir do qual Lacan passa a articular a posição do analista à do objeto *a*. Sobre isso, comenta Cottet:

“(...) sobre o que quer dizer o analista neste lugar de objeto *a*. Esta é uma formulação que pertence a um período do ensino de Lacan (...) o dos anos 70. Tratar-se-á de saber a que tipos de problemas isto responde, pois colocar o analista no lugar de objeto é um paradoxo. Estávamos, até então, habituados a algo absolutamente distinto, isto é,

a que o analista opere de um outro lugar, de um lugar simbólico, do lugar do Outro (...)"⁵¹

Vimos anteriormente (cf. capítulo 5) que se poderia escandir a teoria lacaniana sobre o lugar do analista em três tempos: o primeiro momento, correspondente à *relação intersubjetiva*; um segundo tempo, em que o analista operava a partir do lugar do Outro simbólico, do lugar do *sujeito suposto saber*; e finalmente, uma terceira fase em que se postula para o psicanalista uma posição diferente desta última – do *sujeito suposto saber*⁵² –, e que Lacan irá articular, a partir do *Seminário: o ato psicanalítico* (1967-1968), à função do objeto *a*.⁵³

Fazendo eco a Cottet, perguntamo-nos a que tipo de problemas responde essa mudança que se opera sobre a posição do analista, na doutrina lacaniana. E a resposta aponta no sentido de uma tentativa de solução das dificuldades suscitadas pelo final da análise. A respeito desse embaraço da teoria psicanalítica, Lacan observa em 1963:

“(...) na medida em que a situação do desejo (...) não é entretanto, em Freud, verdadeiramente articulada, o fim da análise choca-se com alguma coisa que toma o signo, implicado na relação fálica: o

⁵¹ Cottet, S. *Estudos clínicos de Serge Cottet*. Op.cit., p.69.

⁵² Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos ...* Op.cit., p.253.

⁵³ Cf. Lacan, J. (1967-1968). *O ato psicanalítico*. Seminário inédito, lição de 10/1/67.

ϕ , enquanto ele funciona estruturalmente como $[-\phi]$, já que ele é o correlato essencial da satisfação. *Se ao final da análise freudiana, o paciente, seja homem ou mulher, reclama-nos o falo que nós lhe devemos, isso é em função de uma insuficiência na distinção entre a relação do desejo ao seu objeto fundamental [o objeto a], e a falta de que se trata como constituinte da satisfação.*⁵⁴

Lacan opera, portanto, uma distinção entre duas dimensões. A primeira é a da *falta*, correspondente à *satisfação*, cujo correlato é o *falo* – ausente como órgão, mas presente como o único significante do sexo no inconsciente, para ambos os sexos; o que o torna também o índice da *falta* de um representante adequado para a diferença entre os sexos. A segunda dimensão é a do *desejo*, que se liga à função do *objeto parcial*, do objeto *a*, como *resto*, como resíduo que escapa à possibilidade de simbolização.

O *rochedo da castração*⁵⁵, obstáculo com o qual Freud se choca ao termo de suas análises, implica um desconhecimento da função do objeto *a*, causa do desejo, permanecendo o sujeito fixado à demanda fálica – e supondo, ilusoriamente, que a hiância existente na relação entre os sexos

⁵⁴ Lacan, J. (1962-1963). *L'angoisse*. Seminário inédito, lição de 15/5/63. O grifo é nosso.

⁵⁵ Cf. Freud, S. (1937). “Análisis terminable e interminable”, em *AE*, 23. Op.cit., pp.251,253.

poderia ser preenchida por algum objeto. Daí resulta essa peculiar posição transferencial, de reivindicação fálica do analisando em direção ao analista, no fim da análise freudiana.⁵⁶

É preciso enfatizar, no entanto, que o fato de que Lacan articule a posição do analista à do objeto *a* – na estrutura – não implica um abandono de sua teoria anterior sobre o psicanalista, no lugar de *sujeito suposto saber*. Ao contrário, quando Lacan vincula o analista à função do objeto *a* – no *Seminário: o ato psicanalítico* (1967-1968) –, o faz precisamente em contrapartida ao *sujeito suposto saber* :

“O final da análise consiste na queda do sujeito suposto saber, e sua redução ao advento desse objeto *a*, como causa da divisão do sujeito, que vem ao seu lugar. Aquele que, fantasmaticamente, joga a partida com o psicanalisando, como sujeito suposto saber, (...) o analista, é aquele (o analista) que vem, ao termo da análise, a suportar não ser nada mais que este resto. Esse resto da coisa sabida que se chama o objeto *a*.”⁵⁷

Caberia aqui a pergunta sobre por que é necessária a queda do *sujeito suposto saber*, ao término do processo analítico. Dizer que a

⁵⁶ Cf. Freud, S. (1937). “Análisis terminable e interminable”, em *AE*, 23. Op.cit., pp.251,253.

⁵⁷ Lacan, J. (1967-1968). *O ato psicanalítico*. Seminário inédito, lição de 10/1/67.

perpetuação do *sujeito suposto saber* – função pivô da transferência⁵⁸ – prolonga a transferência ao infinito é uma maneira tangencial de responder a esta questão. Para perceber em que consiste essa queda, essa “liquidação”⁵⁹ que o analista encarna no decorrer da experiência analítica, é preciso reportar-se aos efeitos que são correlativos a essa posição do psicanalista.

É interessante notar que esse lugar de *sujeito suposto saber* facilita a superposição do analista com um Outro Ideal ou modelo para o analisando, decorrendo deste fato os efeitos de *identificação* e de *amor*⁶⁰, de que o analista é alvo nessa posição. Sobre isso, Lacan indica:

“(…)só se pode tratar, se o termo liquidação tem sentido, da liquidação permanente dessa tapeação pela qual a transferência tende a se exercer no sentido do fechamento do inconsciente. Eu lhes expliquei seu mecanismo ao referi-lo à relação narcísica pela qual o sujeito se faz objeto amável. Por sua referência àquele que deve amá-lo, ele tenta induzir o Outro numa relação de miragem na qual o convence de ser amável. (...) Freud designa sua terminação natural

⁵⁸ Cf. Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos ...* Op.cit., p.220.

⁵⁹ Lacan, J. (1964). *Idem*, p.253.

⁶⁰ Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais ainda*. Op.cit., p.91. A citação é: “aquele a quem eu suponho o saber, eu o amo.”

nessa função que tem por nome *identificação*.”⁶¹

Resulta, portanto, que a queda do *sujeito suposto saber* é necessária, na medida em que o analista, nessa posição, suscita o efeito do amor de transferência; o paciente tende a colocar o psicanalista no lugar de seu *Ideal do eu*, e – da mesma forma – termina por identificar-se àquele.

Compreende-se então que, para superar essa tendência que impulsiona no sentido da identificação na experiência analítica, o analista precise situar-se a partir de um lugar que desmonte qualquer possibilidade de identificação. A esse respeito, Lacan esclarece:

“(…) toda concepção da análise que se articule (...) definindo o fim da análise como identificação ao analista, faz por isso mesmo a confissão de seus limites. (...) *Há um mais-além para essa identificação, e esse mais além se define pela relação e pela distância do objeto a minúsculo ao I maiúsculo idealizante da identificação.*”⁶²

É no ponto em que o objeto *a* se apresenta “no campo da mensagem narcísica do desejo, como objeto indeglutível (...) que resta atravessado na

⁶¹ Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos ...* Op.cit., p.253. O grifo é nosso.

⁶² Lacan, J. (1964). Idem, pp.256, 257. O grifo é nosso.

garganta do significante, é nesse ponto de falta que o sujeito tem que se reconhecer.”⁶³

Na medida em que o objeto *a* situa-se como objeto *real* – não recoberto pelo significante, objeto que a pulsão contorna em sua busca de satisfação –, nessa medida ele se diferencia de qualquer Ideal significante, a partir do qual o sujeito poderia identificar-se.

Em outros termos, no decorrer desse processo em que o analista passa de *sujeito suposto saber* – correlativo ao “I maiúsculo idealizante da identificação”⁶⁴ – à posição de objeto *a*, o analisando confronta-se, nesse mesmo movimento, com um ponto de falta radical, impossível de ser reduzido a qualquer identificação. E é exatamente nesse ponto residual de gozo que se encontra a causa de seu desejo e de sua divisão.

6.4.b – TRAVESSIA DA FANTASIA E DESTITUIÇÃO SUBJETIVA

Porém, para compreendermos melhor essa passagem do analista da função de *sujeito suposto saber* à do objeto *a*, é preciso que examinemos –

⁶³ Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos ...* Op.cit., p.255.

⁶⁴ Lacan, J. (1964). *Idem*, p.257.

ainda que de maneira muito breve – qual a operação que se realiza sobre a fantasia, operação esta que Lacan chama de *travessia da fantasia*.

Lembremos que o objeto *a* foi particularizado como um conceito no ensino de Lacan, ao mesmo tempo em que foi articulado ao objeto da fantasia, ao qual o sujeito estava fixado.⁶⁵ Esse objeto *a* – objeto da fantasia – tinha um estatuto de *fixidez*, que se opunha à primeira caracterização lacaniana do objeto *metonímico* do desejo, correlativo este último ao deslizamento infinito da cadeia significante (cf. seção 6.2.a).

Quando se diz que o analista deve passar a ocupar o lugar de objeto *a*, será que se está aludindo a que o psicanalista deva situar-se como esse objeto *a* da fantasia? Vejamos a resposta de Cottet a este respeito:

“Será que se pode dizer que o analista continua a fantasia e, que, até mesmo, dá forma à fantasia, ou (...) que faça parte da fantasia? É preciso dizer claramente que não, Lacan, bem cedo, criticou essa posição, a do analista objeto na fantasia. Particularmente ele tomou posição quanto à relação de objeto, a respeito de Melanie Klein e Bouvet. Esta tendência da psicanálise, para Lacan, conduz a uma ficção imaginária, ou seja, de que o fim da cura consistiria na introjeção do psicanalista. É

⁶⁵ Cf. Lacan, J. (1960-1961). *O Seminário, livro 8: a transferência*. Op.cit., p.172.

uma concepção antropofágica da Psicanálise.”⁶⁶

Encontramos, portanto, no arcabouço da fantasia, o sujeito conjugado a seu objeto de gozo – tendo este último um estatuto imaginário.⁶⁷ Podemos correlacionar essa posição – na fantasia – àquilo que Freud denominou *fixação* da libido, em que o neurótico está aprisionado a uma inércia de gozo.

O final da análise, por outro lado, implica um *desprendimento* do sujeito em relação a seu objeto de gozo, revelando-se em consequência a estrutura de divisão do sujeito – esta divisão encontrava-se tamponada pela coagulação neurótica ao objeto, na fantasia. Nesse mesmo movimento, revela-se também o estatuto *real* do objeto, ou seja, um objeto que se apresenta como *vazio de representação simbólica* ou *imaginária*.

Tal processo, denominado por Lacan: *destituição subjetiva* ou *travessia da fantasia*⁶⁸, tem como resultado um “desnudamento da pulsão”⁶⁹ – o qual, por sua vez, implica uma queda das posições identificatórias e uma *abertura do sujeito* à pulsão. Daí, o termo *destituição subjetiva*, que coloca o complexo problema: qual o estatuto

⁶⁶ Cottet, S. *Estudos clínicos de Serge Cottet*. Op.cit., p.74.

⁶⁷ Cf. Lacan, J. (1960). “Subversión del sujeto ...”, em *Escritos*, 2. Op.cit., pp.795-797. Aí se encontra a escritura matemática da fantasia: $\$ \leftrightarrow a$ (p.796).

⁶⁸ Cf. Miller, J.A. “Acto e inconsciente”, em *Acto e interpretación*. Buenos Aires, Ediciones Manantial, 1984, p.16. A citação é a seguinte: “(...)a travessia do fantasma não é a chave da análise, senão que quer dizer desnudar a pulsão, abrir assim ao sujeito o caminho do ato onde encontra sua certeza de gozo.”

⁶⁹ Cf. Miller, J.A. *Ibid.*

desse sujeito “que passou pela experiência dessa relação, opaca na origem, à pulsão?”⁷⁰

E Lacan se pergunta ainda – em 1964 –: “como um sujeito que atravessou a fantasia radical pode viver a pulsão? Isto é o mais-além da análise e jamais foi abordado (...)”⁷¹. Ele acredita portanto – e já a partir dessa época – que a pesquisa sobre esse processo “só é abordável, no nível do analista, na medida em que seria exigido dele ter precisamente atravessado, em sua totalidade, o ciclo da experiência analítica”⁷². A proposta lacaniana do *passé* é o dispositivo – polêmico – que tenta dar conta dessa problemática, ou seja, do estatuto do sujeito no final da análise.

Retomando a *travessia da fantasia*, verificamos que esse percurso – que culmina no término da análise – realiza-se por intermédio do *corte separador*, empreendido pela operação analítica, que permite ao sujeito *descolar-se* do objeto, ao qual estava neuroticamente fixado. Operação analítica de *corte* esta que implica a libido, já que – não por acaso – esta última é definida por Lacan, em 1964, como *lâmina*⁷³.

⁷⁰ Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos ...* Op.cit., p.258.

⁷¹ Lacan, J. (1964). Ibid.

⁷² Lacan, J. (1964). Ibid.

⁷³ Cf. Lacan, J. (1964). *Idem*, pp.186-188.

Isto se torna possível, ao menos teoricamente, na medida em que o objeto *a* pode passar da *função de mais-de-gozar*⁷⁴, ou de excesso de gozo, ou ainda de fixação libidinal – na fantasia –, para a *função de resto de gozo* – no final da análise. A partir dessa *função de resto – de gozo subtraído* –, o objeto *a* funcionará então como causa do desejo para o sujeito.

Por essa via, poderíamos pensar que a “intensidade” da pulsão, que resiste a ser simbolizada como tal – e a qual Freud evocava como dificuldade para a conclusão da análise⁷⁵ –, funcionaria como impulso, e não como obstáculo ao final da análise. Através da formalização dessa *quantidade pulsional* no conceito *objeto a*, esta passaria a operar, no decorrer da experiência psicanalítica, não como inércia de gozo ou – em termos freudianos – como “viscosidade da libido”⁷⁶, porém como *causa do desejo*.

Da mesma forma, se Freud considera que a análise deveria assegurar uma “sujeição da pulsão”⁷⁷, compreende-se que seu encaminhamento responde a um certo embaraço teórico – inserido, é claro, no contexto epistemológico em que ele estava situado – para lidar com aquilo que, na experiência analítica, situa-se em parte para além da *cadeia* significativa,

⁷⁴ Cf. Lacan, J. (1969-1970). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Op.cit., p.75. E também: Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais ainda*. Op.cit., p.27.

⁷⁵ Cf. Freud, S. (1937). “Análisis terminable e interminable”, em *AE*, 23. Op. cit., p.223.

⁷⁶ Freud, S. (1937). *Idem*, p.243.

⁷⁷ Freud, S. (1937). *Idem*, p.227. O termo utilizado é {*Bändigung*} , que pode significar: ‘sujeição’, ‘domesticação’; o verbo correspondente é {*bändigem*} que tem os sentidos de: ‘domar’, ‘reprimir’. No mesmo artigo (p.232), Freud utiliza a expressão: “governo sobre o pulsional”, que confirma a utilização anterior (p.227) da expressão: “sujeição da pulsão”.

ou seja: a pulsão. Em outros termos, uma dificuldade para manejar o registro *real* da dimensão subjetiva, na medida em que este não se encontrava formalizado como tal, na doutrina freudiana.

Por outro lado, poderíamos concluir – a partir do que foi exposto – que a perspectiva lacaniana quanto ao objetivo da análise diferencia-se radicalmente da “*sujeição da pulsão*”, aproximando-se mais de uma “*abertura do sujeito à pulsão*”⁷⁸.

Se nossa exposição parece incompleta e insuficiente a esse respeito, é por razões relativas, em parte, a possíveis limitações de nossas próprias elaborações teóricas; e por outra parte, a dificuldades intrínsecas, tanto à abordagem do objeto *a*, como à complexa problemática do fim de análise – para a psicanálise em geral.

No entanto, nossa intenção é traçar somente alguns contornos a partir dos quais determinadas perguntas possam ser melhor situadas, pretendendo deixar sempre um *resto* a ser melhor trabalhado – sem o qual a pesquisa perderia sua *causa* e sua *graça*.

⁷⁸ Cf. Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos*. Op.cit., p.259.

PARTE IV

A RETOMADA PELO AVESSE DO PROJETO

FREUDIANO

CAPÍTULO 7

PARA ALÉM DO COMPLEXO DE ÉDIPO

7.1 – A RETOMADA PELO AVESSE DO PROJETO

FREUDIANO

Em 1966, Lacan introduz uma expressão que diz respeito ao seu modo de articulação com a obra freudiana. Nessa ocasião – num texto que se intitula *De nossos antecedentes*, incluído em seus *Escritos* –, caracteriza seu empreendimento como “a retomada pelo avesso do projeto freudiano”¹.

¹ Lacan, J. (1966). “De nossos antecedentes”, em *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998, p.72.

No contexto onde essa citação se localiza, faz-se referência ao artigo lacaniano “Para além do princípio de realidade”(1936)², em que se tratava de interrogar o “Para além do princípio do prazer” (1920) freudiano. E a pergunta é a seguinte, em 1966: “romperá Freud ali o jugo graças ao qual sustenta esse princípio, por geminá-lo ao princípio de realidade?”³

A “retomada pelo avesso do projeto freudiano” poderia vincular-se, então, a uma problematização do termo *realidade* na perspectiva psicanalítica, a partir das categorias lacanianas: *imaginário*, *simbólico* e – posteriormente – *real*⁴. Sobre isso, Miller comenta:

“O que é o mais além do princípio da realidade? (...) podemos dizer que Lacan buscava o real mais além do princípio de realidade. Buscava uma definição do ato analítico que fosse mais além do processo secundário, para ir em direção ao real. E, de certo modo, não dá a entender que Freud outorgava ao ato analítico um mais além da realidade, que apesar de ter entrevisto o mais além do princípio do prazer, o ato analítico em Freud não ia mais além do processo secundário. É ao final de seu caminho que Freud encontrou a pulsão de morte. Retomar o projeto

² Lacan, J. (1936). “Para além do ‘Princípio de realidade’ ”, em *Escritos*. Op. cit., pp.77-95.

³ Lacan, J. (1966). “De nossos antecedentes”, em *Escritos*. Op. cit., p.71.

⁴ Cf. Lacan, J. (1966). *Idem*, pp.71-73.

freudiano pelo avesso pode significar tomar como ponto de partida o que foi ponto de chegada de Freud, quer dizer, repensar a psicanálise a partir da pulsão de morte.”⁵

O trecho em que Lacan alude ao ato analítico – no texto “De nossos antecedentes” (1966) – indica a suposição de “que ele [o ato analítico] transcende o processo secundário para atingir uma realidade que não se produz ali (...)”.⁶ Ainda que não se faça uma comparação direta aí com o ato analítico freudiano, pode-se crer que isso esteja implícito, na medida em que esse parágrafo vem logo em seqüência à mencionada expressão: “*retomada pelo avesso do projeto freudiano*”.

Alguns anos mais tarde, no *Seminário: o avesso da psicanálise* (1969-1970), essa mesma expressão é empregada por Lacan em um outro contexto. O autor refere-se ao texto de 1966 – citado acima – e se pergunta:

“(...) *uma retomada pelo avesso*. O que isso quer dizer? Ocorreu-me com muita insistência no ano passado distinguir o que está em

⁵ Miller, J.A. (1991). *Seminário: o desejo de Lacan*. Salvador, Escola Brasileira do Campo Freudiano - Seção Bahia, 1995, pp. 29,30.

⁶ Lacan, J. (1966). “De nossos antecedentes”, em *Escritos*. Op. cit., p.72.

questão no discurso como uma estrutura necessária que ultrapassa em muito a palavra, sempre mais ou menos ocasional. O que prefiro (...) é um discurso sem palavras.”⁷

Este é o Seminário em que Lacan introduz os *matemas* dos quatro discursos; por isso, fala do “*que está em questão no discurso como estrutura necessária, que ultrapassa em muito a palavra*” – ou seja, as quatro letras que se deslocam em torno de quatro lugares, com isso definindo quatro modos de discurso.⁸

O *discurso analítico* é aí introduzido, tendo como seu avesso o *discurso do mestre*⁹ – ou seja, o da dominação ou da mestria. Os dois outros discursos são: o do *universitário* – que suporta o discurso da ciência¹⁰ – e o da *histórica*. Além disso, no próprio movimento em que se distingue a “*estrutura necessária*” de um discurso, trata-se também – nesse mesmo Seminário (1969-1970) – de empreender uma passagem do *mito à estrutura*.¹¹

E os mitos que estão em jogo, nessa ocasião, são os do parricídio na perspectiva freudiana: *Édipo*, *Totem e tabu* e *Moisés e o monoteísmo*. As

⁷ Lacan, J. (1969-1970). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Op. cit., pp.10,11.

⁸ Cf. Lacan, J. (1969-1970). *Idem*, pp.27-78.

⁹ Lacan, J. (1969-1970). *Idem*, p.81.

¹⁰ Lacan, J. (1969-1970). *Idem*, p.97.

¹¹ Lacan, J. (1969-1970). *Idem*, p.111.

críticas de Lacan se orientam no sentido de abordar essas construções ficcionais como um “conteúdo manifesto”¹² – dito de outro modo, apontar o seu caráter sintomático: ao mesmo tempo, de revelação e de encobrimento da verdade.

“Há então esse mito de Édipo tomado de Sófocles. E também a conversa fiada (...) o assassinato do pai da horda primitiva. É bastante curioso que seu resultado seja exatamente o contrário. (...) Ninguém parece ter-se pasmado nunca com essa coisa curiosa – a que ponto *Totem e tabu* nada tem a ver com o uso corrente da referência sofocleana. (...) O cúmulo dos cúmulos é *Moisés*. Por que é preciso que Moisés tenha sido morto? E o pior é que Freud nos explica – é para que Moisés volte nos profetas, sem dúvida pela via do recalque, da transmissão mnêmica através dos cromossomas (...)”¹³

“(...) é verdadeiramente abusivo colocar tudo na mesma linha do Édipo. O que é que Moisés, em nome de Deus (...) tem a ver com Édipo e o pai da horda primitiva? Com certeza deve existir alguma coisa relativa ao

¹² Lacan, J. (1969-1970). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Op. cit., p.106.

¹³ Lacan, J. (1969-1970). *Idem*, pp.107,108.

conteúdo manifesto e ao conteúdo latente. (...) o que nos propomos é a análise do complexo de Édipo como sendo um sonho de Freud.”¹⁴

A referência ao *complexo de Édipo como um sonho de Freud* – em 1970 – pode parecer surpreendente à primeira vista. No entanto, é a resultante de um longo caminho em que Lacan vinha trabalhando o Édipo freudiano pela via de uma *matematização*. Ou seja, de uma redução do imaginário – no teatro edípico – a uma operação lógica com letras e significantes – na metáfora paterna e no Nome-do-Pai¹⁵.

Esta seria, então, uma das maneiras de entender a passagem lacaniana *do mito à estrutura* – anunciada no *Seminário: o avesso ...* (cf. acima); em outros termos, uma passagem do *mito* edípico à *estrutura* do Édipo – estrutura esta que já vinha sendo elaborada por Lacan, desde o final dos anos 50, enquanto suportada pela metáfora paterna.

¹⁴ Lacan, J. (1969-1970). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Op. cit., p.110. O grifo é nosso.

¹⁵ Cf. Lacan, J. (1958). “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”, em *Escritos*. Op. cit., p.563. E também: Lacan, J. (1969-1970). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Op. cit., p.105.

7.2 – ÉDIPO, UM SONHO DE FREUD

7.2.a – A HISTÉRICA E O MESTRE CASTRADO

Se nos propomos, agora, a tratar da análise de Lacan a respeito do Édipo freudiano, é porque tal perspectiva nos parece fundamental para indicar uma diferença na abordagem do inconsciente e da posição do analista, entre os dois autores.

A articulação lacaniana – do complexo de Édipo a um *sonho* de Freud – vai traçar uma distinção entre: por um lado, o inconsciente estruturado como uma linguagem; e por outro, o que se poderia supor da concepção freudiana do inconsciente como receptáculo de uma significação edipiana recalcada.

Vale notar que, ao mesmo tempo em que critica o Édipo – no *Seminário: o avesso ...* (1969-1970) –, Lacan vai operando um deslocamento de ênfase, do mito sofocleano ao discurso das histéricas:

“É por que foi que Freud se enganou a esse ponto, já que (...) ele só tinha que comer, literalmente, o que lhe ofereciam na palma da mão? Por que substitui o saber que recolheu de todas essas bocas luminosas, Ana, Emmie, Dora,

por esse mito, o complexo de Édipo?”¹⁶

Essa orientação lacaniana, que visa empreender um deslocamento do Édipo ao discurso da histérica – isto é, retomando de modo inverso a via freudiana –, poderia dar, então, um novo esclarecimento à expressão: “*retomada pelo avesso do projeto freudiano*” (cf. acima). Se Freud partiu do discurso da histérica para chegar ao complexo de Édipo – tornado pilar do inconsciente e do discurso analítico –, Lacan partirá do Édipo para indicar a verdade revelada pelo discurso da histérica, e para daí formular a estrutura do discurso analítico. Cabe indicar que esse procedimento é concomitante, também, a uma *passagem do mito à estrutura* (cf. acima); ou seja, *do mito freudiano de Édipo à estrutura lacaniana do discurso analítico*.

Porém, se a proposta lacaniana é a de *analisar o complexo de Édipo como um sonho de Freud*, e se o mito é um *conteúdo manifesto* (cf. acima), caberia perguntar sobre a *verdade latente* encoberta pelo Édipo e revelada pelo discurso da histérica.

Tratemos primeiramente do Édipo. Lacan indica que o que interessa na tragédia sofocleana não é tanto o assassinato de Laio, mas o fato de que “Édipo foi admitido junto a Jocasta porque tinha triunfado em uma prova

¹⁶ Lacan, J. (1969-1970). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Op. cit., p.92.

de verdade. (...) E, além do mais, se Édipo acaba tão mal (...) é porque ele quis absolutamente saber a verdade.”¹⁷

Em outros termos, “se Édipo acaba tão mal”, é porque ele quis ser *mestre* da verdade – decifrando o enigma da esfinge –, e o resultado não é outro senão sua própria castração. Isto é o que se verifica na escrita lacaniana do *discurso do mestre*, onde o [\$] – sujeito dividido ou castrado – ocupa o lugar da *verdade*¹⁸. Dessa forma, Lacan procede a uma redução do *mito* de Édipo à *estrutura* do *discurso do mestre* que lhe está subjacente; ou seja – novamente e sob um outro prisma –, uma passagem *do mito à estrutura*.

A personagem de Édipo é abordada, então, como alguém que ignorou a disjunção entre *saber* e *verdade* – revelada pela psicanálise a partir da escuta do discurso das histéricas. Essa disjunção é o próprio sentido do termo *inconsciente*, ou seja, de que o sujeito não tem acesso, como *saber*, ao que é de sua *verdade* – por isso, o sujeito da psicanálise é o sujeito dividido entre *pensar* e *ser*¹⁹, ou dito de outro modo, entre *saber* e *verdade*.

¹⁷ Lacan, J. (1969-1970). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Op. cit., p.109.

¹⁸ Cf. Lacan, J. (1969-1970). *Idem*, pp.65,87.

¹⁹ Essa seria uma forma de entender as afirmações de Lacan : 1) “o sujeito cartesiano é o pressuposto do inconsciente” – ou seja, o sujeito introduzido por Descartes como divisão entre *pensar* e *ser* [Lacan, J. (1964) “Posição do inconsciente”, em *Escritos*. Op. cit., p.853]; 2) “o sujeito sobre quem operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência (...)” – ou seja, o sujeito cartesiano como contraposto ao sujeito da tradição aristotélica. [Lacan, J. (1966). “A ciência e a verdade”, em *Escritos*. Op. cit., p.873.]

Passemos agora ao que é indicado no *discurso da histérica*. Lacan postula – ainda no mesmo *Seminário: o avesso ... (1969-1970)* – que a histérica encarna a *verdade* do mestre: “e essa *verdade* (...) é a de que o *mestre é castrado*”²⁰. Para compreender melhor essa afirmação, basta comparar a escrita do *discurso da histérica*: $\$(agente)/a(verdade) \dashrightarrow S1(outro) /S2(perda)$, com a do *discurso do mestre*: $S1(agente)/\$(verdade) \dashrightarrow S2(outro)/a(perda)$. Vemos aí que o $\$$ (sujeito dividido ou castrado) encontra-se recalcado, sob a barra, no lugar que corresponde ao da *verdade* – no *discurso do mestre*. Ao passo que o mesmo $\$$ encontra-se revelado, acima da barra, no lugar de *agente* – no *discurso da histérica*. Daí, Lacan dizer que a histérica encarna a verdade do mestre, isto é, sua castração.

Unindo, portanto, as formulações lacanianas que acabamos de expor sobre o Édipo, com o que é enunciado pelo discurso da histérica, conclui-se o seguinte: o que é encoberto pelo mito edipiano, e revelado pelo discurso da histérica, é que *a verdade do mestre – Édipo, no caso – é sua castração, ou sua divisão*.

Porém, o que isso tem a ver com Freud, já que a proposta lacianiana é a de “*analisar o complexo de Édipo como um sonho de Freud*”? (cf. acima). O que se coloca no horizonte é um ponto não analisado no

²⁰ Lacan, J. (1969-1970). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Op.cit., p.90. O grifo é nosso.

desejo freudiano – ou seja, Freud se aproximou da figura de Édipo na medida em que pretendeu decifrar o enigma das histéricas²¹. De algum modo, é Freud o mestre castrado revelado pela histérica, já que sua posição como analista conservava algo de *mestre da verdade*.²² É o que abordaremos a seguir.

7.2.b – FREUD SALVA O PAI

Vimos que a crítica lacaniana do Édipo – no *Seminário: o avesso* (1969-1970) – é feita juntamente com a dos outros mitos freudianos sobre o parricídio. O ponto de visada, afinal, é a construção de Freud sobre o assassinato do pai:

“E como fica, então, a questão da morte, ao se apresentar como estando na origem? Não temos aí a indicação de que se trata, talvez, de *um modo de encobrimento*? (...) o mito do assassinato do pai como essencial é encontrado primeiro, por Freud, no plano da interpretação do sonho, e um voto, uma aspiração de morte se manifesta ali (...) No dizer mesmo de Freud, *A interpretação dos sonhos*

²¹ Cf. Cottet, S. *Freud e o desejo do psicanalista*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990, p.65.

²² Cf. Cottet, S. *Idem*, p.59.

surgiu da morte de seu pai. Assim, Freud se quer culpado da morte de seu pai.”²³

Portanto, se o Édipo deve ser analisado como *um sonho de Freud* – como propõe Lacan –, é porque a formulação do parricídio surgiu na “Interpretação dos sonhos” (1900)²⁴, e como resultado da morte do próprio pai de Freud. Mas o que se trata de *encobrir* com essa idéia do assassinato do pai, promovida pela doutrina freudiana?

“(…) afinal, *o que Freud preserva, de fato se não em intenção, é precisamente o que ele designa como o mais substancial na religião (...) a idéia de um pai todo-amor. (...)*”²⁵

“(…) tudo isto culmina na idéia do assassinato (...) e depois disso é do amor por esse pai morto que procede uma certa ordem. Nessas enormes contradições, em seu barroquismo (...), não parece isso ser apenas *uma defesa contra essas verdades que a proliferação de todos os mitos articula claramente, bem antes de que Freud, ao fazer a escolha do mito de Édipo,*

²³ Lacan, J. (1969-1970). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Op. cit., pp.114,115. O grifo é nosso.

²⁴ Cf. Freud, S. (1900). “La interpretación de los sueños”, em *AE*, 4. Op. cit., p.271.

²⁵ Lacan, J. (1969-1970). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Op. cit., p.94. O grifo é nosso.

*restringisse essas verdades?
O que se trata de dissimular?
É que desde que ele entra no
campo do discurso do mestre
em que estamos tentando nos
orientar [ou seja, o campo do
discurso capitalista], o pai,
desde a origem, é castrado.”*
26

O que se indica, então, é que os mitos freudianos do parricídio – ainda que a contragosto de Freud – vão resultar na preservação do *pai todo-amor* da religião. O exemplo apontado por Lacan, nas citações acima, diz respeito ao assassinato do pai da horda primitiva de *Totem e tabu*, em que a consciência de culpa dos filhos provém do *amor* que eles nutriam por aquele pai – amor este que abriu caminho, depois da satisfação do ódio pela via do ato parricida²⁷.

Além disso, postula-se que o que é dissimulado na construção freudiana sobre o parricídio é a *castração do pai* (cf. acima). Em outras palavras, o pai ao ocupar o lugar de *agente no discurso do mestre*, o pai como S1, como *significante-mestre* nesse discurso, tem como correlato de *verdade* recalcada, ignorada, sua própria castração: \$²⁸. Isso não significa dizer que a verdade é que o pai seja um *ser castrado*, no sentido de

²⁶ Lacan, J. (1969-1970). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Op. cit., p.94. O grifo é nosso.

²⁷ Cf. Freud, S. (1913). “Tótem e tabú. Algunas concordancias en la vida anímica de los salvajes y de los neuróticos.”, em *AE, 13*. Op. cit., p.145.

²⁸ Essa argumentação tem como apoio a escrita do discurso do mestre : S1 / \$ ----> S2 / a, onde os lugares são, respectivamente, assim situados: agente / verdade ---->outro / perda.

desprovido de atributos fálicos, mas sim de que o pai não é idêntico à sua própria função paterna. Ou seja, ele não é idêntico à lei que representa, daí sua divisão, daí estar ele também submetido à castração como via de acesso ao desejo sexual. Sobre isso comenta Philippe Julien:

“Ora, o relato freudiano (...) ao fazer crer que a herança viria da morte do pai e que é preciso então matá-lo, mantém e salvaguarda aquilo que é suposto de início, ou seja, a *imago* de um pai de alta estatura, de um pai que faria a lei e que haveria que suprimir para fazê-la em seu lugar. Daí o paradoxo (...) constatável clinicamente: não há voto de morte senão a respeito de um pai enquanto mestre e chefe (...) *o voto de morte concerne ao Pai ideal*, condecorado, marcado desse pai para sempre (...)”²⁹

Assim, o que é colocado em evidência nos mitos freudianos sobre o parricídio – tanto por Lacan como por seus comentadores –, é que a figuração de seu assassinato deriva de uma ligação ao *Pai ideal*: aquele ao qual se ama, mas também a quem se dirige o voto de morte do sujeito.

²⁹ Julien, P. “L’amour du père chez Freud”, em *Littoral*, 11/12. Paris, Éditions Éres, 1984, p.163. O grifo é nosso.

Porém, o que permanece escamoteado nessas construções ficcionais sobre o assassinato do pai, tão caras à religião, é a vertente do *pai real* – formulado por Lacan como: *impossível* de ser pensado³⁰, puro efeito de linguagem³¹ e, também, agente da castração³². E o que aprendemos da experiência psicanalítica é que, justamente dessa castração, o neurótico não quer saber.

Se empreendemos o que poderia parecer uma digressão – ainda que breve e incompleta – sobre os mitos freudianos do parricídio, é por ser este o desdobramento indicado por Lacan de sua proposta: “*analisar o complexo de Édipo como sendo um sonho de Freud*” (cf. acima).

Cabe ressaltar, então, que é exatamente na medida em que “Freud salva de novo o Pai”³³ – encobrimo, com o *imaginário* do parricídio, o *real* da castração –, que isso terá efeitos sobre sua posição como analista e sobre a direção do tratamento; isso para não mencionar os efeitos posteriores sobre a instituição psicanalítica freudiana, em suas relações de hierarquia e poder. A respeito do lugar de Freud como analista, Lacan e Cottet indicam, respectivamente:

“Sabemos bem que *não podemos tampouco operar em nossa posição de analista como operava Freud, que*

³⁰ Cf. Lacan, J. (1969-1970). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Op. cit., p.116.

³¹ Cf. Lacan, J. (1969-1970). *Idem*, p.120.

³² Cf. Lacan, J. (1969-1970). *Idem*, pp.117.

³³ Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., p.148.

assumia na análise a posição do pai. E é isso que nos espanta na sua maneira de intervir."³⁴

" Se há um além da castração, deve haver uma outra saída da análise. Por que Freud a deixou de lado, já vimos a razão disso em seu desejo de manter o pai à margem dessa castração."³⁵

Em um trabalho anterior (1994)³⁶ abordamos alguns fragmentos dos casos clínicos freudianos, com vistas a situar em que medida o lugar de Freud, em suas análises, conservava algo de uma posição paterna – suportada pelo discurso do mestre.

Vale lembrar, nesse momento, apenas o exemplo do *caso Dora*, sobre o qual Cottet comenta que "Freud se situa no lugar de *amo da verdade*, impedindo Dora de reconhecer na Sra. K. o objeto do seu desejo."³⁷ Ou ainda o exemplo do *Homem dos Lobos*, a respeito do qual Lacan enuncia:

"Freud era um pouco mestre demais (...) Freud identificou-se em demasia a um pai

³⁴ Lacan, J. (1960-1961). *O Seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992, p.288. O grifo é nosso. O próprio Freud teria confiado a Kardiner: "tenho um certo número de desvantagens que me impedem ser um grande analista. Entre outras, sou demasiadamente pai.". Citado em: Cottet, S. *Freud e o desejo do psicanalista*. Op. cit., p.129.

³⁵ Cottet, S. Idem, p.154.

³⁶ Cf. Pencak, S. *O pai e seus destinos na clínica psicanalítica*. Dissertação de mestrado apresentada no Departamento de Psicologia Clínica da PUC - Rio, março de 1994, pp.103-142.

³⁷ Cottet, S. *Freud e o desejo do psicanalista*. Op. cit., p.46.

súpremo demais para poder ser eficaz (...) Era um pai forte demais e Freud fez agir o constrangimento temporal e deu-lhe a palavra de sua história. Mas ele, o doente, não a conquistou nem assumiu. O sentido fica alienado do lado de Freud, que permanece como seu possuidor.”³⁸

Supomos que esses efeitos sobre a clínica tenham relação com o privilégio conferido ao significante paterno nos mitos freudianos do parricídio – quando comparado à formalização lacaniana do discurso analítico, onde o objeto *a* ocupa o lugar de *agente*³⁹ (cf. capítulo 6).

Além disso, interessa destacar que o Édipo freudiano, assim como os outros mitos do assassinato do pai, situam-se – de certo modo – como uma significação *a priori*; um saber *a priori* detido pelo analista, a ser *reencontrado* na fala do analisando, pelas vias da interpretação ou da construção analíticas. A subversão lacaniana consiste em inverter o sentido do procedimento, e apontar o caráter sintomático dessas próprias ficções

³⁸ Lacan, J. (1952). *L'homme aux loups*. Seminário inédito.

³⁹ Cf. Lacan, J. (1969-1970). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Op. cit., p.99: “em se tratando da posição do analista – nos casos, aliás, improváveis, pois haverá mesmo um analista? Quem pode saber? Mas teoricamente podemos postulá-lo – é o próprio objeto *a* que vem no lugar do mandamento. É como idêntico ao objeto *a*, quer dizer, a isso que se apresenta como a causa do desejo, que o analista se oferece como ponto de mira para essa operação insensata, uma psicanálise, na medida em que ela envereda pelos rastros do desejo de saber.”

freudianas; ou seja, abordar o *Édipo* “como um sonho de Freud”⁴⁰ (cf. acima), e *Totem e tabu* como um “produto neurótico”⁴¹:

“Se toda a interpretação analítica enveredou para o lado da gratificação ou não à demanda (...) na direção de uma sempre crescente elusão do que é a dialética do desejo, é provavelmente em razão do caráter estritamente inutilizável do complexo de Édipo. (...) É estritamente inutilizável, salvo por esse grosseiro lembrete do valor de obstáculo que a mãe tem para todo investimento de um objeto como causa do desejo.”⁴²

“(...) o *Totem e tabu* é um produto neurótico (...) sem que por isso eu coloque de forma alguma em questão a verdade da construção. É mesmo nisso que ela é testemunha da verdade. Não se psicanalisa uma obra, e ainda menos a de Freud que qualquer outra, a gente a critica, e bem distinto do fato de que uma neurose torne suspeita sua solidez, é aquilo mesmo que a solda neste caso. (...)”⁴³

⁴⁰ Lacan, J. (1969-1970). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Op. cit., p.110.

⁴¹ Lacan, J. (1970-1971). *D'un discours qui ne serait pas du semblant*. Seminário inédito, lição de 9/6/71.

⁴² Lacan, J. (1969-1970). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Op. cit., pp.92,93.

⁴³ Lacan, J. (1970-1971). *D'un discours qui ne serait pas du semblant*. Seminário inédito, lição de 9/6/71.

Por outro lado, vimos anteriormente que o ponto de vista do comentário lacaniano sobre os mitos do parricídio – no *Seminário: o avesso...* (1969-1970) – dirigia-se, em última instância, ao desejo de Freud no que ele teria podido funcionar como resistência à escuta do discurso da histérica. Ou seja, o que havia de Édipo – em Freud – na sua posição de decifrador dos enigmas⁴⁴ da histérica-esfinge:

“Também é que a histérica nos põe (...) na pista de um certo pecado original da análise. É preciso mesmo que haja um. O verdadeiro é talvez apenas uma coisa, é o desejo do próprio Freud, isto é, o fato de que algo, em Freud, não foi jamais analisado.”⁴⁵

“Podemos dizer que, segundo Lacan, o desejo de Freud está vinculado ao poder porque está vinculado ao Nome-do-Pai. Foi neste ponto que Lacan situou o sonho de Freud. (...) Em *O avesso ...*, Lacan quis mostrar que havia algo em Freud que permaneceu vinculado ao avesso da psicanálise; que algo em Freud permaneceu vinculado ao discurso do mestre, uma vez que o discurso do mestre é a

⁴⁴ Cf. Cottet, S. *Freud e o desejo do psicanalista*. Op. cit., p.65.

⁴⁵ Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Op. cit., p.19.

estrutura do inconsciente⁴⁶. Como se Freud, descobrindo o inconsciente, tivesse que pagar por esta descoberta com sua vinculação ao discurso do mestre; (...) como se Freud houvesse superposto a estrutura do inconsciente à estrutura da psicanálise.”⁴⁷

Cabe indicar que essa interrogação sobre o desejo de Freud – promovida explicitamente, por Lacan, desde 1964⁴⁸ (cf. acima) – apóia-se numa anterior formulação lacaniana, nomeada: *desejo do analista*⁴⁹. Ao mesmo tempo, isso irá resultar, posteriormente, num possível questionamento relativo ao desejo do próprio Lacan – tentativa empreendida, por exemplo, por Jacques Alain Miller em seu *Seminário: o desejo de Lacan* (1991) (cf. acima). Retomaremos esse ponto num outro momento.

Quanto ao que vínhamos discutindo, sobre a crítica de Lacan às construções freudianas do parricídio, propomos que esse encaminhamento

⁴⁶ Quanto a essa afirmação de *ser o discurso do mestre a estrutura do inconsciente*, isso se apóia no que Lacan havia desenvolvido no *Seminário: os quatro conceitos ...* (1964). Aí, o surgimento do sujeito [\$] é apresentado como advindo entre S1 e S2, sendo o objeto *a* o resto dessa operação [cf. pp.187,188]. Ao se comparar essa operação com a escrita do discurso do mestre: S1/\$ ----> S2/*a* – onde o \$ (sujeito do inconsciente) advém da relação de S1 a S2 –, pode-se, então, dizer que *o discurso do mestre é a estrutura do inconsciente*.

⁴⁷ Miller, J.A. *Seminário: o desejo de Lacan*. Op. cit., pp.24,25.

⁴⁸ Cf. Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Op. cit., p.19.

⁴⁹ Cf. Lacan, J. (1959-1960). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988, pp.360,361.

lacaniano resulta de uma hipótese específica sobre o inconsciente – que não se encontrava formulada, como tal, na obra freudiana (cf. caps. 2 e 3).

Na medida em que Lacan parte do Édipo para retomar e formular a estrutura do discurso da histérica (cf. acima), ele desloca a ênfase do *significante-mestre* – o pai, que está em jogo no parricídio –, para o *sujeito do significante* – o sujeito dividido pela linguagem, que aparece como *agente* no discurso da histérica. Substitui, portanto, a hipótese freudiana do *parricídio* – como núcleo do recalque e do inconsciente – pela do *sujeito do significante* (cf. capítulo 5).

Desse modo, o *discurso histérico* é a posição em que o analisando se situa na entrada de uma análise, falando ao psicanalista a partir de sua divisão, de seu sintoma – ou seja, a partir do sujeito do inconsciente: [\$]. Do lado do analista, é o objeto *a* – causa de desejo – que vem ao lugar do *agente*, na fórmula do *discurso analítico*.

A hipótese lacaniana sobre o inconsciente implica, então, o termo *sujeito* – com a distinção prévia entre o *sujeito* e o *eu* empreendida desde o início da obra lacaniana (cf. capítulo 4); e mais ainda, o termo *significante* – do qual Freud não dispunha em seu aparelho conceitual.

Não por acaso, o que Lacan denomina sua “hipótese” sobre o inconsciente será anunciada após o *Seminário: o avesso* (1969-1970) – em seu *Seminário: mais, ainda* (1972-1973). É o que examinaremos a seguir.

CAPÍTULO 8

INCONSCIENTE E NÓ BORROMEANO

8.1 – LINGUAGEM E ALÍNGUA

Depois de abordarmos o procedimento lacaniano denominado *retomada pelo avesso do projeto freudiano*¹, verificamos que um de seus resultados havia sido a indicação de um aspecto sintomático na teoria freudiana sobre o inconsciente e as neuroses (cf. capítulo 7).

Ao referir-se ao complexo de Édipo como um “sonho de Freud”² e a *Totem e tabu* como “um produto neurótico”³, Lacan traçava, de certo modo, uma equivalência entre essas formulações teóricas freudianas e as formações do inconsciente de modo geral.

¹ Cf. Lacan, J. (1969-1970). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Op. cit., p.10.

² Lacan, J. (1969-1970). *Idem*, p.110.

³ Lacan, J. (1970-1971). *D'un discours qui ne serait pas du semblant*. Seminário inédito, lição de 9/6/71.

Assegurava, também, que seu ponto de visada era a *verdade* das construções freudianas, e “bem distinto do fato de que uma neurose torne suspeita a solidez [da obra freudiana], é aquilo mesmo que a solda neste caso.”⁴

Lacan apontava ainda que o recalcado nessas ficções freudianas era a *castração do pai*, e nesse sentido afirmava – em 1972 – que: “Freud salva de novo o Pai, no que ele emula Jesus Cristo”⁵(cf. capítulo 7).

Lembremos que a prévia elaboração lacaniana do conceito *objeto a* (cf. capítulo 6) havia-lhe permitido reposicionar a castração na perspectiva psicanalítica, distinguindo a *falta* – correlativa ao *falo* – do objeto causa do *desejo* – cujo correlato é o *objeto a*.⁶ Vimos que isso resultou, por exemplo, na formulação de uma outra possibilidade de final de análise, diferente do impasse sobre o rochedo freudiano da castração⁷ – este último, vinculado ao *falo* e ao *complexo de Édipo* (cf. capítulo 6). A esse respeito, Lacan irá declarar em 1980:

“Freud parte de sua causa fálica para dela deduzir a castração, o que deixa certas arestas, que eu me empenho em aparar.”⁸

⁴ Lacan, J. (1970-1971). *D'un discours qui ne serait pas du semblant*. Seminário inédito, lição de 9/6/71.

⁵ Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., p.148.

⁶ Cf. Lacan, J. (1962-1963). *L'angoisse*. Seminário inédito, lição de 15/5/63.

⁷ Cf. Freud, S. (1937). “Análisis terminable e interminable”, em *AE*, 23. Op. cit., pp.251,253. E Lacan, J. (1962-1963). *L'angoisse*. Seminário inédito, lição de 15/5/63.

⁸ Lacan, J. (1980). “Le Séminaire, livre XXVII, Dissolution”, em *Ornicar?*, 20/21. Paris, Navarin Éditeur, p.12. Cf. também uma outra indicação desse procedimento lacaniano em seu artigo “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”(1960), onde Lacan diz o seguinte: “mas o que não é um

Em outros termos, o projeto lacaniano orienta-se no sentido de indicar que a psicanálise freudiana ficara, de algum modo, “contaminada pela descoberta do inconsciente; como se Freud houvesse superposto a estrutura do inconsciente à estrutura da psicanálise”⁹. Segundo Lacan, “Freud foi incompreendido, por si mesmo, por ter querido se fazer entender”.¹⁰

Reconhecemos, assim, a ambição lacaniana de formular uma teoria do inconsciente e da clínica, que re-situasse os impasses freudianos. Na medida em que o conceito de inconsciente na obra de Freud apresentava algumas ambigüidades e imprecisões (cf. capítulos 2 e 3), Lacan irá empreender o percurso de construção de uma teoria *positiva* do inconsciente¹¹ – através do recurso aos conceitos *sujeito* e *significante* (cf. capítulos 4 e 5).

Tal procedimento, segundo Jean Claude Milner, sofrerá uma torção a partir dos anos 70, aproximadamente na época do *Seminário: o avesso da psicanálise* – a que nos referimos no capítulo 7.

Num primeiro tempo da obra de Lacan – denominado, por Milner: *primeiro classicismo lacaniano* –, havia uma vinculação ao estruturalismo e à lingüística estrutural para sustentar a hipótese do *sujeito do*

mito, e que Freud no entanto formulou tão logo quanto o Édipo, é o complexo de castração.”, em *Escritos*. Op. cit., p.835.

⁹ Miller, J.A. *Seminário: o desejo de Lacan*. Op. cit., p.25.

¹⁰ Lacan, J. (1970). “Radiophonie”, em *Scilicet*, 2/3. Paris, Éditions du Seuil, 1970, p.59.

¹¹ Milner, J.C. *A obra clara. Lacan, a ciência e a filosofia*. Op. cit., p.111.

significante. Porém, os impasses que daí resultaram – por exemplo, o de que esse *sujeito* acabava se aproximando do sujeito metafísico¹² (cf. a discussão apresentada no capítulo 5) – levaram Lacan a efetuar um deslocamento do *significante* à *letra*; esse segundo tempo será, pois, denominado por Milner: *segundo classicismo lacaniano*. Sobre isso, vejamos alguns esclarecimentos desse autor:

“Em 1953 (...) o estruturalismo, ou melhor, suas primícias podiam passar pela emergência (...) de uma figura nova da ciência moderna. (...) Ora, em 1968, o estruturalismo já não existe; a emergência era uma falsa emergência. (...) Uma teoria autônoma da letra torna-se portanto não só desejável, mas também indispensável. Ela não deixará de afetar a teoria da matemática. Bourbaki estabelecera a sinonímia da literalização com a matematização (...) Se a conjectura hiperestrutural deve ser mantida, ela estará na situação paradoxal de não mais poder se basear num movimento estruturalista. (...)”¹³

“A lingüística também deixará de ter importância. Permanecem apenas alguns estudiosos escolhidos. (...)”

¹² Cf. Milner, J.C. *A obra clara. Lacan, a ciência, a filosofia*. Op. cit., pp.87-91.

¹³ Milner, J.C. *Idem*, p.98.

Podemos considerar que o conjunto dos *Scripta* posteriores a 68 deriva desse programa. (...) O pivô do segundo classicismo é a noção de matema. (...) Ela foi desenvolvida por Lacan a partir de 1972. As principais fontes são *L'étourdit* (...) e o Seminário XX.”¹⁴

Neste *Seminário: mais, ainda* (1972-1973), constata-se portanto uma reformulação do posicionamento referente à lingüística, tal como fora anteriormente expresso no *Discurso de Roma* (1953) (cf. acima); caracteriza-se, em 1973, o procedimento lacaniano como “lingüisteria” – para diferenciá-lo da posição do lingüista¹⁵.

Verifica-se, pois, um movimento de retroação de Lacan relativo à sua própria obra – ainda que não explicitado como tal. Um exemplo disso é quando ele declara, no mesmo *Seminário* (1972-1973), que se distingue do estruturalismo – quando, na realidade, bebera da fonte estruturalista durante longos anos¹⁶. É verdade, por outro lado, que a introdução do

¹⁴ Milner, J.C. *A obra clara. Lacan, a ciência, a filosofia*. Op. cit., p.99.

¹⁵ Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., p.136. Cf. também Milner, J.C. *L'oeuvre claire ...* Op. cit., p.139: “o nome [lingüisteria] é formado como o nome de condutas próprias aos artesanatos desprezados {*piraterie, escroquerie, tricherie, fumisterie*} e sobre a palavra *lingüista* mais do que sobre a palavra *lingüística* (...) Os lingüistas reconhecidos não são mais, como outrora, matemáticos; se fossem abertamente o que são em segredo, revelar-se-iam garimpeiros, navegadores errantes e solitários, pilhadores de destroços em vez de sábios – sujeitos em exílio.”

¹⁶ Cf. Milner, J. C. *A obra clara ...* Op. cit., p.74-82. Cf. também: Dosse, F. *História do estruturalismo, I. O campo do signo, 1945/1966*. São Paulo, Editora Ensaio, 1993, p.136: “É esse suporte lingüístico, estruturado, o que faz de Lacan (...) um estruturalista.”; e ainda – nessa última obra –, cf. a discussão intitulada: ‘é Lacan estruturalista?’, pp.146,147.

termo *sujeito* na estrutura sempre fora um ponto que o afastara – de certo modo – do restante dos estruturalistas. Sobre isso, Milner comenta:

“Passar das línguas ao sujeito é o que permite a doutrina do inconsciente, enquanto estruturado como uma linguagem. Compreender isso é compreender a relação com o estruturalismo.”¹⁷

Precisamente quanto à questão do inconsciente, percebe-se que Lacan mantém, em 1973, a sua fórmula anterior: *o inconsciente é estruturado como uma linguagem*, porém enfatizando o *como*: “eu digo *como* para não dizer, sempre retorno a isto, que o inconsciente é estruturado *por* uma linguagem.”¹⁸

Para recordar que isso nem sempre fora assim na obra lacaniana, basta lembrar dos tempos da “Instância da letra” (1957). Nesse último artigo, Lacan afirmava literalmente: “é toda a estrutura da linguagem o que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente.”¹⁹

O que aparece como uma nova formulação, no *Seminário: mais, ainda*, é o que Lacan chama: *alíngua* – ponto pelo qual afirma distinguir-se do estruturalismo, “na medida em que ele [o estruturalismo] integraria a

¹⁷ Milner, J. C. *A obra clara ...* Op. cit., p.74.

¹⁸ Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., pp.66,67.

¹⁹ Cf. Lacan, J. (1957). “La instancia de la letra en el inconsciente freudiano o la razón desde Freud”, em *Escritos, 1*. México, Siglo Veintiuno Editores, 1984, pp.474,475.

linguagem à semiologia”, quando o de que se trata “é de uma subordinação do signo para com o significante (...)”.²⁰

Traça-se portanto uma diferença entre: linguagem e *alíngua*. E Lacan esclarece: “a linguagem é apenas aquilo que o discurso científico elabora para dar conta do que chamo *alíngua*.”²¹ Ou seja, por um lado, a linguagem – objeto de estudo da lingüística e dos lingüistas; por outro, *alíngua* – que “é o que a experiência do inconsciente mostrou no que ele é feito de *alíngua* (...) o que é a ocupação de cada um de nós, *alíngua* dita materna (...)”²².

Pode-se supor que o termo *alíngua* tenha sido forjado por Lacan para indicar que se trata no inconsciente de: *linguagem* + *sujeito*. Este procedimento se situa como uma tomada de distância em relação ao estruturalismo (cf. acima), ao mesmo tempo em que se aponta que esse *sujeito* não é apenas efeito do significante, mas participa do *real*. É o que podemos depreender dos seguintes enunciados lacanianos:

“O inconsciente é o testemunho de um saber, no que em grande parte ele escapa ao ser falante. Este ser dá oportunidade de perceber

²⁰ Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., pp.137,138.

²¹ Lacan, J. (1972-1973). Idem, p.188. O grifo é nosso. Em *Televisão*, no entanto, Lacan apresenta uma formulação diferente sobre *alíngua*, ao dizer: “(...) a lingüística sendo a ciência que se ocupa da alíngua, que escrevo numa só palavra especificando seu objeto, como se faz em qualquer outra ciência.” – cf. Lacan, J. (1974). *Televisão*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993, p.18.

²² Lacan, J. (1972-1973). Ibid. O grifo é nosso.

até onde vão os efeitos da alíngua, pelo seguinte, que ele apresenta toda sorte de afetos que restam enigmáticos. Esses afetos são o que resulta da presença de alíngua no que, de saber, ela articula coisas que vão muito mais longe do que aquilo que o ser falante suporta de saber enunciado.”²³

“A linguagem (...) é feita de alíngua. É uma elucubração de saber sobre alíngua. Mas *o inconsciente é um saber-fazer com alíngua*. E o que se sabe fazer com alíngua ultrapassa de muito o de que podemos dar conta a título de linguagem.”²⁴

Percebe-se aí uma ressonância entre o inconsciente como “*saber-fazer com alíngua*”, e o que Lacan enunciara em 1976, quando diz: “*saber-fazer ali com seu sintoma, esse é o final da análise.*”²⁵ Essa homonímia remete, talvez, à função do *saber* [S2] na fórmula lacaniana do discurso analítico, onde o *saber* está situado no lugar da *verdade* (cf. capítulo 7). Seria esse o “*saber-fazer*” a que Lacan alude nessas citações?

Quanto à referência aos afetos (cf. acima), ressaltamos que o recurso de Lacan ao nó borromeano é o que irá conferir coerência lógica à

²³ Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., p. 190.

²⁴ Lacan, J. (1972-1973). *Ibid.* O grifo é nosso.

²⁵ Lacan, J. (1976-1977). *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Seminário inédito, lição de 16/11/77. O grifo é nosso.

articulação: *sujeito, significante, e individuo* sobre o qual incidem os afetos²⁶. Tal é a hipótese lacaniana anunciada no *Seminário: mais, ainda* (1972-1973), que abordaremos após tecer breves considerações sobre o nó borromeano.

8.2 – A HIPÓTESE LACANIANA

8.2.a – O NÓ BORROMEANO

Cabe indicar inicialmente que a assim denominada *hipótese lacaniana sobre o inconsciente*, anunciada no *Seminário: mais, ainda* (1972-1973)²⁷, é a consolidação da hipótese prévia do *sujeito do significante* (cf. capítulos 5 e 7), pela via do recurso à literalização matemática – especificamente o nó borromeano, correlativo ao momento do *segundo classicismo lacaniano* (cf. acima).

Vimos anteriormente que o *sujeito do significante* apresentava instabilidades quanto à sua definição apoiada no estruturalismo lingüístico – uma vez que isso o aproximava do *sujeito metafísico*²⁸ (cf. acima).

²⁶ Cf. Milner, J.C. *A obra clara ...* Op. cit., pp.115-117. Sobre a questão dos afetos na teoria lacaniana, cf., por exemplo: Lacan, J. (1974). *Televisão*. Op. cit., pp.41-47.

²⁷ Cf. Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., p.194.

²⁸ Cf. Milner, J.C. *Idem*, pp.87-91.

A formalização matemática foi a solução necessária encontrada por Lacan, para sustentar essa hipótese do *sujeito do significante*:

“(...)existe algo denominado nó borromeano, dotado de uma propriedade definidora: de três rodelaas amarradas juntas, basta que uma não segure as outras para que todas se dispersem. Mas isso é próprio do literal como tal, e mais precisamente, do literal matemático.”²⁹

“Mas, ainda, o que fazer desse nó borromeano? Eu lhes respondo que ele pode nos servir para representar (...) essa metáfora (...) que distingue o uso da linguagem – a cadeia precisamente. (...) Não está aí o melhor suporte que podemos dar àquilo pelo que procede a linguagem matemática?”³⁰

Porém, se o nó borromeano pode servir para representar a cadeia de significantes, qual a relação disso com o sujeito, o sujeito do inconsciente? Milner indica, por outro lado, que “Lacan havia repetido ao longo de sua obra que a psicanálise opera sobre um sujeito.”³¹ Destacamos que se trata,

²⁹ Milner, J.C. *A obra clara*. ... Op. cit., p.114.

³⁰ Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., p.173.

³¹ Milner, J.C. *A obra clara*. ... Op. cit., p.115.

então, com o nó borromeano, de uma tentativa de situar o sujeito quanto à demanda, ao desejo e ao gozo:

“Por que foi que fiz intervir, em tempo antigo³², o nó borromeano? Era para traduzir a fórmula *eu te peço (...) que recuses (...) o que te ofereço (...) porque não é isso – isso(...)* é o objeto *a*. O objeto *a* não é nenhum ser. O objeto *a* é aquilo que supõe de vazio um pedido, o qual, só situando-o pela metonímia (...) pela pura continuidade (...) do começo ao fim da frase, podemos imaginar o que pode ser de um desejo que nenhum ser suporta. Um desejo sem outra substância que não a que se garante pelos próprios nós.”³³

“*Não é isso* quer dizer que, no desejo de todo pedido, não há senão a requerência do objeto *a*, do objeto que viria a satisfazer o gozo – o qual seria então (...) o que se chama, impropriamente, (...) a pulsão genital. (...) Eu insisti nisto, que o parceiro desse *eu* – que é o sujeito – (...) não é o Outro, mas o que vem a se substituir a ele na forma da causa do desejo. (...) É enquanto substitutos do Outro

³² Lacan refere-se a seu *Seminário: ... ou pire* (1971-1972), quando havia introduzido o nó borromeano pela primeira vez.

³³ Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., pp.170,171.

que esses objetos são reclamados e se fazem causa do desejo. (...) O Outro só se apresenta para o sujeito numa forma a-sexuada.”³⁴

Portanto, a proposta lacaniana do nó borromeano – longe de ser a formulação de um puro instrumento de transmissão da teoria psicanalítica, desligada da clínica – só se justifica, e se engendra, a partir do que o analista escuta da demanda cotidiana dos sujeitos que se deitam em seu divã.

O que o nó articula é a defasagem entre a *demanda* e o *desejo*, além de oferecer uma alternativa de apresentação desse objeto *a*, inventado por Lacan – a ser apreendido como o índice da impossibilidade *real* de o sujeito aceder ao que seria o *gozo do objeto*, como tal. Em termos freudianos, trata-se “da diferença entre o prazer de satisfação encontrado e o pretendido”, que “engendra o fator pulsionante”³⁵: ou seja, o “*não é isso*” (cf. acima).

No entanto, o que as cadeias borromeanas permitem é vincular aos elementos significantes – à frase que Lacan propõe ser “traduzida”³⁶ no nó: *eu te peço que recuses o que te ofereço porque não é isso* (cf. acima) –, aquilo que está em jogo no gozo e no desejo inconscientes.

³⁴ Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., pp.171,172.

³⁵ Freud, S. (1920). “Más allá del principio de placer”, em *AE*, 23. Op. cit., p.42. Cf. também: Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., p.152.

³⁶ Cf. Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., p.170.

Desse modo, é possível dessubstanciar o desejo inconsciente – cujo correlato é o objeto *a* – desvinculando-o, assim, de uma suposta *substância* edípica freudiana (cf. capítulo 7) – qual seja: o falo imaginário como [- φ]. Em outros termos: “um desejo sem outra substância que não a que se garante pelos próprios nós”³⁷(cf. acima).

Além disso, o nó também articula a “*inércia*”³⁸ – que Freud indicava a respeito da pulsão, ao teorizar a pulsão de morte (1920) –, não à “vida orgânica”³⁹, mas à *inércia própria da linguagem*. Sobre isso, Lacan esclarece no *Seminário: mais, ainda* (1972-1973):

“Não é muito espantoso que não se tenha sabido como cercar, agarrar, fazer chiar o gozo, *servindo-se do que parece melhor para suportar a inércia da linguagem, a saber, a idéia de cadeia, de pedaços de barbante que fazem rodinhas* e que, não se sabe bem como, se pegam uns com os outros.”⁴⁰

Portanto, o recurso ao nó borromeano pode ser visto, ainda, como uma seqüência à abordagem lacaniana do gozo pela via da “retomada

³⁷ Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., p.171.

³⁸ Freud, S. (1920). “Más allá del principio de placer”, em *AE*, 23. Op. cit., p.36.

³⁹ Freud, S. (1920). *Ibid.*

⁴⁰ Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., p.152. O grifo é nosso.

do projeto freudiano pelo avesso”⁴¹ (cf. capítulo 7) – ou seja, focar a estrutura subjetiva a partir da pulsão de morte. Dito de outro modo: indicar o ponto de não-sentido – de *real* – no sentido sexual dos sintomas, evidenciado inicialmente por Freud:

“Se o discurso analítico indica que esse sentido é sexual, isto só pode ser para dar razão do seu limite. Não há, em parte alguma, última palavra (...) O sentido indica a direção na qual ele fracassa. (...) O que o discurso analítico faz surgir é justamente a idéia de que esse sentido é aparência.”⁴²

“A vertente do sentido, do senso, que se acreditaria ser o da análise nos despejando sentido aos borbotões para o barco sexual. É surpreendente que esse sentido se reduza ao não-sentido: ao não-sentido da relação sexual desde sempre patente nos ditos do amor.”⁴³

De acordo com essa lógica, Lacan irá introduzir as suas “escritas sexuais”⁴⁴ em 1973. Ao invés de partir do *Eros* freudiano que tende à união

⁴¹ Lacan, J. (1969-1970). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Op. cit., p.10.

⁴² Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., p.106.

⁴³ Lacan, J. (1974). *Televisão*. Op. cit., p.21.

⁴⁴ Milner, J.C. *A obra clara*. Op. cit., p.114. Cf. Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., p.105.

entre os sexos, ele enfatizará *Tanatos*, a desunião, afirmando sucessivamente: *não há relação sexual*. Esta afirmação se justifica uma vez que, para o ser que habita a linguagem, o ser falante, só há relação entre significantes – relação esta que só se sustenta pela diferença de cada um em relação aos outros⁴⁵.

O que suporta todo esse edifício é a primazia do significante sobre o significado – postulada por Lacan, já desde os anos 50 –, e a formulação do *inconsciente estruturado como uma linguagem*. Pois, se o inconsciente tem a estrutura dessas cadeias significantes, a relação entre os sexos só pode ser de diferença – ou seja, de *não relação*.

Cabe indicar que a introdução do nó borromeano irá implicar em efeitos sobre as próprias concepções da operação psicanalítica, e da intervenção do analista sobre o sintoma. Em *Televisão* (1974), por exemplo, Lacan enuncia:

“É o real que permite efetivamente desatar aquilo em que consiste o sintoma, ou seja, um nó de significantes. Atar e desatar não sendo aqui metáfora, e sim devendo ser apreendidos como esses nós que se constroem realmente ao fazer cadeia da matéria

⁴⁵ Cf. Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit.: “O significante, em si mesmo, não é nada de definível senão como uma diferença para com um outro significante. É a introdução da diferença enquanto tal, no campo, que permite extrair da alíngua o que é do significante.” (p.194).

significante. Pois essas cadeias não são de sentido mas de gozo, não são de *sens* mas de *jouis-sens* (...)"⁴⁶

Passemos, no momento, ao exame da hipótese lacaniana sobre o inconsciente anunciada no *Seminário: mais, ainda*. Se abordamos até agora a teorização sobre o nó borromeano, é porque só após introduzi-lo é que Lacan formula sua hipótese; portanto, esta se esclarece apenas a partir daquele.

8.2.b – “O INDIVÍDUO AFETADO PELO INCONSCIENTE É O MESMO QUE CONSTITUI O SUJEITO DE UM SIGNIFICANTE”

Depois de referir-se ao nó borromeano, e à distinção entre linguagem e *alíngua* – em *Mais, ainda* (1972-1973) –, Lacan anuncia na última lição deste *Seminário*:

“O inconsciente, eu não entro nele, não mais do que Newton, sem hipótese. *Minha hipótese é a de que o indivíduo que é afetado pelo inconsciente é o mesmo que*

⁴⁶ Lacan, J. (1974). *Televisão*. Op. cit., p.25.

constitui o que chamo de sujeito de um significante. O que enuncio nesta fórmula mínima de que um significante representa um sujeito para um outro significante. (...) Dizer que há um sujeito, não é outra coisa senão dizer que há hipótese.”⁴⁷

Porém, essa hipótese não parece, por si só, muito evidente. Basta lembrar o que Lacan havia declarado anteriormente, em “A ciência e a verdade” (1966), a respeito da severa distinção a ser feita entre o *sujeito do significante* e o *indivíduo*:

“(...) reencontramos aqui o sujeito do significante (...) Veiculado pelo significante em sua relação com outro significante, ele deve ser severamente distinguido tanto do indivíduo biológico quanto de qualquer evolução psicológica classificável como objeto da compreensão.”⁴⁸

Recordemos ainda que Lacan havia afirmado – também em “A ciência e a verdade” (1966) –: “o sujeito sobre quem operamos

⁴⁷ Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., p.194. O grifo é nosso.

⁴⁸ Lacan, J. (1966). “A ciência e a verdade”, em *Escritos*. Op. cit., p.890.

em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência”⁴⁹; ou seja, o sujeito do significante⁵⁰. Por que será, então, que em seu *Seminário: mais, ainda* (1972-1973), o autor irá articular o inconsciente ao *indivíduo*, e não somente ao *sujeito* – como vinha fazendo até aquele momento?

Como entender que Lacan proponha, em 1973, uma coincidência entre *sujeito do significante e indivíduo*? Já que justamente, a partir da distinção entre os dois, é que poderia ser destacado o que Milner denominara “*axioma do sujeito*”, na obra lacaniana – ou seja: “há algum sujeito, distinto de toda forma de individualidade empírica.”⁵¹ Essas aparentes contradições, implicadas pela *hipótese* de Lacan (1973), esclarecem-se – segundo Milner – pelo próprio recurso ao nó borromeano:

“(...) pela hipótese de Lacan compreendemos que a expressão ‘sujeito sobre o qual opera a psicanálise’ deve ser desdobrada: há o indivíduo afetado por um inconsciente, que a prática analítica encontra no que ela tem de mais técnico; e há o sujeito tal como a teoria da estrutura qualquer o define: é o sujeito de um significante. *Não há dois sujeitos que constituem apenas um, mas*

⁴⁹ Lacan, J. (1966). “A ciência e a verdade”, em *Escritos*. Op. cit., p.873.

⁵⁰ Cf. Milner, J.C. *A obra clara*. ... Op. cit., p.116: “a equação dos sujeitos identificava o sujeito da ciência e o sujeito sobre o qual opera a psicanálise: eles eram apenas um, porque eram apenas um com o sujeito do significante”.

⁵¹ Milner, J.C. *A obra clara*. ... Op. cit., p.28.

um único sujeito e um indivíduo que, radicalmente distinto do sujeito, coincide com ele. Dizer isto é dizer que a distinção é irreduzível e que ser o mesmo significa ser o Outro.”⁵²

“Quem agora perguntasse o que são uma coincidência e um encontro, o nó o esclareceria: trata-se da nodulação borromeana de uma determinação real (o sujeito), de uma determinação imaginária (o indivíduo), de uma determinação simbólica (o significante). A quem perguntasse o que é um sujeito, a definição do significante lhe bastaria; ela bastaria, o que indica que nada mais é necessário, principalmente o sujeito metafísico.”⁵³

Trata-se portanto, com o nó borromeano, de sustentar a hipótese do *sujeito do significante*, sem recair no sujeito metafísico – o que havia sido um dos problemas do *primeiro classicismo* lacaniano (cf. acima). Mas, além disso, o que o nó opera é a *matematização* de “uma molécula doutrinal, sempre retomada desde o primeiro classicismo. A saber, o ternário do real, do simbólico e do imaginário”⁵⁴. É o que Lacan diz, por

⁵² Milner, J.C. *A obra clara*. ... Op. cit., p.116. O grifo é nosso.

⁵³ Milner, J.C. *Idem*, p.116.

⁵⁴ Milner, J.C. *Idem*, p.115.

exemplo, em 1974: “só encontrei uma única forma de dar a estes três termos: Real, Simbólico e Imaginário, uma medida comum, que é enlaçando-os neste nó (...) borromeano”⁵⁵.

Por outro lado, cabe apontar que a elaboração lacaniana sobre o inconsciente – formulada como *hipótese* no *Seminário: mais, ainda* (cf. acima) – implicará em outras reformulações da própria doutrina de Lacan. Especificamente quanto à relação entre: por um lado, o *sujeito do inconsciente*; por outro, o *pensamento*, o *saber* e o *gozo*. A esse respeito, o autor enuncia – no mesmo *Seminário* (1972-1973):

“(...)o inconsciente não é que o ser pense – como (...) implica (...) o que dele se diz na ciência tradicional – o inconsciente é que o ser falando, goze e, acrescento, não queira saber de mais nada. (...) isto quer dizer não saber de coisa alguma (...) não há desejo de saber, esse famoso *Wissentrieb* que Freud aponta em algum lugar. Aí Freud se contradiz.”⁵⁶

⁵⁵ Lacan, J. (1974-1975). *RSI*. Seminário inédito, lição de 10/12/74.

⁵⁶ Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., p.143.

No entanto, vale assinalar que o próprio Lacan havia, em outra ocasião, declarado: “o sujeito cartesiano [o sujeito do *cogito*] é o pressuposto do inconsciente”⁵⁷. Empreendera, também, um grande esforço para construir uma teoria do pensamento que integrasse o pensamento disjunto das regulações imaginárias [coerência, terceiro excluído, negação etc.; em suma: Aristóteles] – já que esse era suposto ser o funcionamento do inconsciente, a partir da experiência freudiana⁵⁸ (cf. capítulo 5). Sobre essa mudança operada a partir do *Seminário: mais, ainda* (1972-1973), Milner esclarece:

“(...) não se admite mais que o significante articule o pensamento sem qualidades. Porque, na verdade, este pensamento não existe: não existe pensamento senão o (...) de Aristóteles.”⁵⁹

“Desde então, o *Cogito*, ao contrário do que propunha o primeiro classicismo, não é emergência, mas imersão do sujeito. O *logion* ‘isso pensa onde não existo’ é substituído pelo *logion* ou *quase-logion* ‘Onde isso fala, isso goza e isso nada sabe’⁶⁰(...). O *isso* fala e alíngua (...) – que é apenas a forma substantivada

⁵⁷ Lacan, J. (1964). “Posição do inconsciente”, em *Escritos*. Op. cit., p.853.

⁵⁸ Cf. Milner, J.C. *A obra clara*. ... Op. cit., p.111.

⁵⁹ Milner, J.C. *Idem*, p.117.

⁶⁰ Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., p.156.

do *isso fala* – absorvem o *isso pensa*⁶¹. Descartes inútil e impreciso.”⁶²

Assim se entende que, pouco mais tarde, Lacan diga ser o inconsciente um “saber que não pensa, nem calcula, nem julga, o que não o impede de trabalhar (no sonho, por exemplo); (...)é o trabalhador ideal, aquele que Marx considerou a flor da economia capitalista”.⁶³ Se Descartes – com seu *Cogito* – revelou-se inadequado como apoio para uma teoria *positiva* do inconsciente, é a Marx que Lacan irá recorrer – tomando-lhe de empréstimo o termo *trabalho*.

Resumindo o que vimos até agora: o procedimento lacaniano que resulta em sua *hipótese* sobre o inconsciente (1973) implica, e ao mesmo tempo consolida matematicamente – através do recurso ao nó borromeano –, a hipótese anterior do *sujeito do significante*. Que este último termo – *sujeito do significante* – esteja presente na *hipótese* de 1973, juntamente com a expressão: *indivíduo afetado pelo inconsciente*, é isso que mostra o ponto de conjunção e de disjunção com a obra freudiana.

⁶¹ Cf. Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Op. cit., p.40: “(...) nós sabemos, graças a Freud, que o sujeito do inconsciente se manifesta, que *isso pensa* antes de entrar na certeza.” O grifo é nosso.

⁶² Milner, J.C. *A obra clara*. ... Op. cit., p.118.

⁶³ Lacan, J. (1974). *Televisão*. Op. cit., p.31.

Pois, *o indivíduo afetado pelo inconsciente* é aquele que está indicado na doutrina de Freud⁶⁴; porém, *o sujeito do significante* é a hipótese lacaniana através da qual se aborda, de modo original e subversivo – pelo avesso, diz Lacan –, aquilo que a experiência freudiana só fez abrir.

Caberia ressaltar também que, na medida em que o inconsciente é, para Lacan, um: “*isso fala, isso goza e nada sabe*”, há uma aproximação com o *isso* freudiano enquanto sede das pulsões – ou do *isso goza*. Por outro lado, o *isso* lacaniano é indissoluvelmente amalgamado à *fala – isso fala* –, ao passo que o *isso* freudiano encontrava-se, de algum modo, opacificado pelas metáforas biológicas utilizadas para descrevê-lo (cf. capítulo 3). É o que Lacan enunciará em 1976:

“não me agrada tanto a segunda tópica, aquela onde Freud se deixou arrastar por Groddeck. Não se sabe o que havia no bucho deste Groddeck quando ele sustentava o *isso*. Em seu *Livro do isso*, diz que é aquilo que vive em vocês. Ele tinha a idéia do *isso* como de uma unidade global que vive em vocês, enquanto que é bem evidente que o *isso* dialoga. É isto que designei com o nome de A.”⁶⁵

⁶⁴ Cf. Milner, J.C. *A obra clara*. ... Op. cit., p.116.

⁶⁵ Lacan, J. (1976-1977). *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Seminário inédito, lição de 11/1/77.

Em outros termos, a orientação lacaniana é a de que só há inconsciente quando se *fala* a quem pode escutá-lo – ou seja, o analista. Se “o isso dialoga” (cf. acima), é preciso que alguém se situe como endereço dessa fala. Ao mesmo tempo, a frase lacaniana: onde *isso fala, isso goza e nada sabe* desautoriza as concepções do inconsciente como profundidade, ou como significação *a priori* – transcendentas à fala. Vale notar, ainda, que a hipótese lacaniana de 1973 permite nodular o *sujeito do significante* – correlativo à estrutura de linguagem – com o *ser falante*⁶⁶ – correlativo à fala. Encontram-se, desse modo, amarrados os dois pólos da dualidade saussuriana – fala e linguagem – como operatórios na situação analítica:

“(…) o inconsciente implica que se o escute? A meu ver, sim. Mas seguramente não implica que, sem o discurso a partir do qual ele ex-iste [o discurso analítico] o avaliemos como saber que não pensa, nem calcula, nem julga, o que não o impede de trabalhar (no sonho por exemplo).”⁶⁷

“(…) o que é meu dizer é que não há inconsciente senão do dito. Só podemos tratar do inconsciente a partir do dito, e do dito pelo analisando.”⁶⁸

⁶⁶ Cf. Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., p.190.

⁶⁷ Lacan, J. (1974). *Televisão*. Op. cit., pp.30,31.

⁶⁸ Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., p.136.

Passaremos a abordar, a seguir: primeiramente, alguns pontos relativos ao *ato analítico* e ao *tempo lógico* na clínica lacaniana, procurando marcar certas especificidades no que diz respeito à operação de Freud; as elaborações de Lacan sobre o inconsciente, que vimos examinando, serão nosso guia de referência. Esse procedimento é apenas a seqüência do que já havíamos iniciado anteriormente, ao apontar as particularidades – na posição do analista, e no final de análise – que resultaram das formulações lacanianas: *sujeito*, *significante* e *objeto a* (cf. capítulos 5, 6 e 7).

Em segundo lugar, retomaremos a questão sobre o desejo inconsciente, interrogando também o desejo do analista, no que toca ao saber – uma vez que Lacan afirmara que “*o inconsciente é o que ser falando, goze e não queira saber de mais nada (...) não há desejo de saber*”⁶⁹ (cf. acima). Qual a relação, então, entre o desejo inconsciente e o desejo do analista?

⁶⁹Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., p.143.

CAPÍTULO 9

INCONSCIENTE, TEMPO E ATO: A FUNÇÃO DO DESEJO DO ANALISTA

9.1 – O TEMPO LÓGICO:

MAIS-ALÉM DA ATEMPORALIDADE E DA DESCONTINUIDADE TEMPORAL

No percurso que estivemos apresentando, esboçaram-se algumas particularidades da teoria lacaniana sobre o inconsciente, com suas repercussões necessárias sobre a operação psicanalítica. A hipótese do

sujeito do significante e a construção do *objeto a* resultaram em novas formulações sobre a posição do analista e o final da análise.

Pretendemos abordar, a seguir, a construção de Lacan sobre o *tempo lógico*¹, uma vez que isso irá implicar em uma progressiva mudança na concepção do processo psicanalítico. A tal ponto, que a prática lacaniana passou a ser identificada – inclusive pelo público leigo – como aquela em que *se utilizava* o tempo lógico.

Nossa intenção, no entanto, não é a de fazer um estudo extenso sobre esse tema, mas sim a de procurar demonstrar que a proposta do *tempo lógico* só se sustenta quando conjugada: por um lado, ao *sujeito do inconsciente* – concebido como sujeito do significante; por outro, ao registro do *ato analítico* e do *objeto a*.

O ponto de visada, portanto, é o de que essa formulação lacaniana – longe de ser apenas um apêndice, arbitrariamente *aplicado* a uma suposta *técnica* – situa-se como a nodulação da lógica do sujeito ao tempo².

Nesse sentido, o *tempo lógico* implica um mais-além da atemporalidade {*Zeitlos*} dos processos inconscientes, tal como foi postulada por Freud. Recordemos a declaração freudiana, bastante conhecida, a esse respeito:

¹ Lacan, J. (1966). “O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. Um novo sofisma.”, em *Escritos*. Op. cit., pp.197-213.

² Cf. Porge, E. *Psicanálise e tempo. O tempo lógico de Lacan*. Rio de Janeiro, Editora Campo Matémico, 1994, p.195.

“Os processos do sistema *Icc* são *atemporais*, isto é, não estão ordenados de acordo com o tempo, não se modificam pelo transcurso deste nem, em geral, têm relação alguma com ele. Também a relação com o tempo é conseqüência do trabalho do sistema *Cc*.”³

Essa versão *negativa* sobre o tempo, na teoria freudiana,⁴ aponta – ainda que indiretamente – para uma inadequação da cronologia, no que concerne àquilo que está em jogo no inconsciente. Simultaneamente, desloca a suposta *positividade* temporal para o sistema Percepção-Consciência:

“Eis aí algumas características negativas que só podemos conceber por comparação com os processos anímicos conscientes. Nossa representação abstrata do tempo parece (...) estar inteiramente tomada do modo de trabalho do sistema *P-Cc*. (...) Sei que estas afirmações soam muito obscuras, mas não posso fazer mais do que limitar-me a indicações desse tipo.”⁵

³ Freud, S. (1915). “Lo inconciente”, em *AE*, 14. Op. cit., p.184. Cf. também: Freud, S. (1920). “Más allá del principio de placer”, em *AE*, 18. Op.cit., p.28; Freud, S. (1933). “Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis”, em *AE*, 22. Op. cit., p.69.

⁴ Cf. Gondar, J. *Os tempos de Freud*. Rio de Janeiro, Editora RevinteR, 1995, pp.29-31.

⁵ Freud, S. (1920). “Más allá del principio de placer”, em *AE*, 18. Op. cit., p.28.

Por conseguinte, essa articulação freudiana do tempo ao sistema *P-Cc* não traz grandes esclarecimentos – como o próprio autor reconhece. Posteriormente, em seu artigo sobre o “Bloco mágico”(1925), Freud será um pouco mais explícito, marcando um caráter de descontinuidade temporal no aparelho psíquico:

“Eu supus que inervações de investimento são enviadas e recolhidas de volta em golpes periódicos rápidos desde o interior até o sistema *P-Cc*, que é completamente permeável. (...) Seria como se o inconsciente, por meio do sistema *P-Cc*, estendesse ao encontro do mundo exterior umas antenas que retirasse rapidamente depois que estas tomassem amostras de suas excitações. ... Conjecturo, além disso, que *neste modo de trabalho descontínuo do sistema *P-Cc* baseia-se a gênese da representação do tempo.*”⁶

Ainda que a genialidade de Freud possa ser reconhecida em sua postulação de um caráter descontínuo do tempo para o sujeito – rompendo, por exemplo, com qualquer noção de um *tempo vivido*, tal como suposto

⁶ Freud, S. (1925). “Nota sobre la ‘pizarra mágica’ ”, em *AE*, 19. Op. cit., p.247. O grifo é nosso.

pela fenomenologia⁷ –, sua concepção não permite “distinguir um antes de um depois (...) o modelo proposto não poderia nem mesmo estar referido a uma apreensão subjetiva do tempo, pois a subjetividade, no sentido psicanalítico, está ausente.”⁸

Tal impasse parece-nos derivar, em parte, da perspectiva freudiana sobre a consciência enquanto articulada à percepção – ao passo que Lacan irá formular a consciência como vinculada ao estatuto imaginário do eu, ou seja, ao estágio do espelho:

“É aí que está o problema todo – será que aquilo que se dá no nível dos fenômenos de consciência pode ser de algum modo assimilado, pura e simplesmente, aos fenômenos elementares da percepção? O que se pode dizer em favor de Freud é que (...) ele não elude a dificuldade da existência como tal da consciência.”⁹

“(...) há um aparelho de registro neutro que constitui o reflexo do mundo, quer o denominemos como Freud de consciente ou não. Só que no homem isso se apresenta com este relevo particular que denominamos consciência, na medida em que entra em jogo a

⁷ Cf. Gondar, J. *Os tempos de Freud*. Op. cit., pp.34-41.

⁸ Gondar, J. *Idem*, p.42.

⁹ Lacan, J. (1954-1955). *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p.183.

função imaginária do eu. É do ponto de vista do outro que o homem enfoca este reflexo. Ele é um outro para si mesmo. Eis o que nos dá a ilusão de a consciência ser transparente a si própria. Nós não estamos aí, no reflexo, estamos na consciência do outro, para perceber o reflexo.”¹⁰

Uma outra dificuldade que se apresenta no caminho de Freud, em sua teoria do tempo relativa ao aparelho psíquico, é – a nosso ver – a idéia de representação {*Vorstellung*}. Vimos anteriormente (cf. capítulo 3) os embaraços e limites dessa noção, na doutrina freudiana. Cabe ressaltar nesse momento que o conceito de significante, empregado por Lacan, carrega implícito – em sua própria definição saussureana – a dimensão temporal: “[a imagem acústica] sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo (...)”¹¹.

Além disso, só o significante, definido como pura diferença em relação a um outro significante, permite “distinguir um antes de um depois” (cf. acima). Sem esse instrumento, resta-nos apenas – para abordar a questão da descontinuidade temporal, assinalada por Freud (1925) – a metáfora da “lâmpada estroboscópica”, cujas emanações luminosas

¹⁰ Lacan, J. (1954-1955). *O Seminário, livro 2: o eu ...* Op. cit., p.146.

¹¹ Saussure, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo, Editora Cultrix, 1996, p.84. No entanto, esse tempo suposto unidimensional e linear, por Saussure, será recusado no artigo lacaniano sobre “O tempo lógico” ; em seu lugar, Lacan proporá três instâncias temporais.

intermitentes marcam “uma separação entre dois instantes; todavia esses instantes se sucedem permanecendo idênticos entre si: trata-se de fato de uma repetição do mesmo”¹². “A não-comutatividade, com efeito, é uma categoria que só pertence ao registro do significante.”¹³

Veremos que a formulação lacaniana sobre o *tempo lógico* – desenvolvida em torno de duas escansões significantes – possibilita efetuar essa distinção entre o *antes* e o *depois* na estrutura subjetiva, pela via de um percurso lógico que compreende três modulações do tempo: o instante de ver, o tempo para compreender e o momento de concluir¹⁴.

9.2 – TEMPO LÓGICO: UMA LÓGICA DO ATO

Partimos do pressuposto de que o tempo lógico não é uma lógica do tempo¹⁵, mas sim uma lógica do ato: “uma lógica do ato determinada, *não pelo tempo, mas pelos tempos*”¹⁶. Nosso interesse em examinar esse tema decorre do fato de que o ato analítico concerne à própria operação.

¹² Gondar, J. *Os tempos de Freud*. Op. cit., p.42.

¹³ Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Op. cit., p.43

¹⁴ Cf. Lacan, J. “O tempo lógico ...”, em *Escritos*. Op. cit., pp.204-207.

¹⁵ Cf. Porge, E. *Psicanálise e tempo. O tempo lógico de Lacan*. Op. cit., p.84. Cf. também, na mesma obra, a nota 8, p.93: “Todas as lógicas que foram propostas apóiam-se definitivamente na gramática, mas sem lhe restituir a leveza e o poder discriminador, e mantendo o horizonte do tempo mensurável da física”.

¹⁶ Porge, E. *Idem*, p.84.

psicanalítica, permitindo situar uma especificidade da clínica lacaniana em relação à freudiana. Além disso, o *tempo lógico* implica o sujeito do inconsciente que vimos investigando em grande parte deste trabalho.

Cabe ressaltar que Freud, apesar de formular o *só-depois* {*nachträglich*} na seqüência temporal em jogo nos processos psíquicos inconscientes – ou seja: que um evento traumático possa ter seu efeito sintomático após um decurso de tempo passível de durar vários anos –, não chegou a elaborar uma articulação satisfatória entre sujeito e tempo (cf. acima). Ou mesmo – já que o termo *sujeito* não fazia parte do dispositivo conceitual freudiano – entre aparelho psíquico e tempo. Sobre isso, Porge comenta:

“Nodulando a lógica do sujeito ao tempo, Lacan decide com Freud. Para este, a lógica do tempo, com a noção de só-depois na formação dos sintomas, e a das relações do indivíduo ao coletivo (...) permanecem separadas. O tempo só intervém nessa última obra sob o modo de uma diacronia que remonta às origens da História. Para Lacan, a lógica do sujeito se nodula a três determinações de tempo que, agindo sobre três sujeitos, contribuem para

precipitar o momento de asserção do sujeito.”¹⁷

Como este é um assunto bastante complexo na doutrina lacaniana, salientamos que nossa abordagem visa apenas destacar alguns elementos fundamentais, pertinentes ao tema de nossa pesquisa ; remetemos o leitor ao texto de Lacan sobre “O tempo lógico” para maiores esclarecimentos.

Esse artigo foi escrito pela primeira vez em 1945, e reescrito por Lacan em 1966 para sua coletânea de *Escritos*; tomaremos somente a segunda versão do texto, indicando que “a maioria dessas modificações é no sentido de satisfazer à constituição de um sujeito de pura lógica, representado por um significante para um outro significante”¹⁸. Além disso, “se em 1945 tratava-se para Lacan de diferenciar imaginário e simbólico, na reescritura de 1966 trata-se de fazer valer a articulação entre simbólico e real”¹⁹.

O artigo se inicia com o apólogo dos três prisioneiros aos quais é oferecida uma chance de liberdade, desde que eles possam concluir acertadamente sobre a cor do disco que portam em suas costas – logo, fora do alcance de sua própria visão. O diretor da prisão lhes informa que

¹⁷Porge, E. *Psicanálise e tempo. O tempo lógico de Lacan*. Op. cit., p.195. Sobre a questão da multiplicidade de sujeitos, no texto do *Tempo lógico*, articulada à unicidade da definição do sujeito – representado por um significante para um outro significante – cf. Porge, E. Idem, pp.103-111;192-199.

¹⁸ Porge, E. Idem, p.96.

¹⁹ Porge, E. Ibid.

dispõe de dois discos pretos e três brancos, e que cada um deverá deduzir sobre sua cor baseado em “motivos de lógica e não apenas de probabilidade”²⁰ – sendo interdita qualquer comunicação entre eles. Aceita a proposta, cada um dos três sujeitos é adornado com um disco branco, sem se utilizarem os pretos.

Apontaremos apenas – sem reproduzir toda a discussão e desenvolvimento do sofisma – que Lacan enfatiza no processo lógico dois tempos de parada, denominados “moções suspensas”²¹. Estas escandem a prova em três modulações temporais: o *instante de ver*, o *tempo para compreender* e o *momento de concluir*. A respeito das *moções suspensas*, Lacan assinala:

“(…) a entrada em jogo dos fenômenos aqui em litígio como significantes faz prevalecer a estrutura temporal, e não espacial, do processo lógico. O que as *moções suspensas* denunciam não é o que os sujeitos vêem, mas o que eles descobriram positivamente por *aquilo que não vêem*, a saber, o aspecto dos discos pretos. A razão de elas serem significantes é constituída não por sua direção, mas por seu *tempo de parada*.”²²

²⁰ Lacan, J. (1966). “O tempo lógico ...”, em *Escritos*. Op. cit., p.198.

²¹ Lacan, J. (1966). *Idem*, p.201.

²² Lacan, J. (1966). *Idem*, p.203.

Cada tempo é articulado a uma frase gramatical, que indica a forma do sujeito que está em jogo. O *instante de ver* é assim enunciado: “estando diante de dois pretos, sabe-se que se é branco”²³; a subjetivação que aí se desenha é a do *se*, correlativa ao *sujeito impessoal*: *sabe-se que*²⁴.

Segue-se o *tempo para compreender*: “se eu fosse preto, os dois brancos que estou vendo não tardariam a se reconhecer como brancos”²⁵. Esse é um tempo de hesitação e de “meditação”, cuja objetividade “vacila com seu limite”²⁶. A forma do sujeito que aí se esboça é a “de sujeitos *indefinidos, a não ser por sua reciprocidade*, e cuja ação fica presa por uma causalidade mútua (...)”²⁷; é um tempo de dúvida e de inibição, já que “da urgência do instante *real* passamos ao tempo de meditação e hesitação *imaginárias*”²⁸.

Após duas escansões suspensivas, o momento de concluir é precipitado pela tensão temporal num *ato* – ato este que se antecipa à certeza do sujeito acerca de seu próprio atributo. A frase que enuncia esse tempo é a seguinte: “apresso-me a me afirmar como branco, para que esses brancos, assim considerados por mim, não me precedam, reconhecendo-se

²³ Lacan, J. (1966). “O tempo lógico ...”, em *Escritos*. Op. cit., p.204.

²⁴ Cf. Lacan, J. (1966). *Ibid.*

²⁵ Lacan, J. (1966). *Idem*, p.205.

²⁶ Lacan, J. (1966). *Ibid.*

²⁷ Lacan, J. (1966). *Ibid.*

²⁸ Vidal, E. “Ato e tempo”, em *Falo, revista brasileira do campo freudiano*. Salvador, Editora Fator, 1987, p.53.

pelo que são”²⁹. “O [eu], sujeito da asserção conclusiva, isola-se por uma cadência de tempo lógico do outro, isto é, da relação de reciprocidade”³⁰.

O que justifica o termo “sofisma” utilizado por Lacan a respeito de sua construção sobre o tempo lógico, é que ele se apresenta como um erro lógico visto da perspectiva da lógica clássica³¹. Sua originalidade é a de formular um ato conclusivo que se antecipa à sua certeza:

“O que constitui a singularidade do ato de concluir, na asserção subjetiva demonstrada pelo sofisma, é que ele se antecipa à sua certeza, em razão da tensão temporal de que é subjetivamente carregado, e que sob a condição dessa mesma antecipação, sua certeza se confirma numa precipitação lógica (...)”³²

“A verdade se manifesta nessa forma como antecipando-se ao erro e avançando sozinha no ato que gera sua certeza (...)”³³

²⁹ Lacan, J. (1966). “O tempo lógico ...”, em *Escritos*. Op. cit., p.206.

³⁰ Lacan, J. (1966). *Idem*, p.208.

³¹ Cf. Lacan, J. (1966). *Idem*, p.202: “é justamente por nosso sofisma não ... tolerar [uma concepção espacializada] que ele se apresenta como uma aporia para as formas da lógica clássica, cujo prestígio eterno reflete a invalidez não menos reconhecida como lhes sendo própria, qual seja, que elas nunca trazem nada que já não possa *ser visto de um só golpe*.” Cf. também, no mesmo artigo, a nota 1 (p.202) e as pp.199-204.

³² Lacan, J. (1966). *Idem*, pp.208, 209.

³³ Lacan, J. (1966). *Idem*, p. 211.

Propomos abordar o percurso lógico proposto por Lacan, em seu artigo sobre “O tempo lógico”, pela via das operações de alienação e separação³⁴ (cf. capítulo 6). Inicialmente, o sujeito está alienado aos significantes do Outro – ele não escolheu o disco que lhe foi imposto arbitrariamente pelo Outro; nesse ponto ele é apenas objeto do desejo do Outro, e seu lugar é de prisioneiro.

Para formular algo de sua posição como sujeito, ele precisa passar pela imagem do semelhante – é o tempo de compreender, correlativo ao sujeito da reciprocidade. Mas se fica nessa fase, ele não consegue se separar do Outro, persistindo na dúvida e na indecisão: *ou branco, ou preto*.

A função da pressa aponta para o fato de que a cadeia significativa não tem, por si mesma, um ponto final. Daí, as cadeias de razões poderem se suceder ao infinito, mantendo o sujeito na alienação de seu desejo – ou como no sofisma, o sujeito prisioneiro dos significantes do Outro. “As escansões, na sua dupla vertente de intervalos e de parada, constituem a descontinuidade no tempo, indicando a falha do Outro”³⁵. Alguns anos mais tarde, em seu *Seminário: mais, ainda* (1972-1973), Lacan irá esclarecer essa antecipação conclusiva, relacionando a pressa à função do objeto *a*:

³⁴ Cf. Vidal, E. “Ato e tempo”, em *Falo, revista brasileira do campo freudiano*. Op. cit., p.52.

³⁵ Vidal, E. *Ibid.*

“O que mereceria ser olhado de mais perto é o que suporta cada um dos sujeitos, não em ser um entre os outros, mas em ser, em relação aos dois outros, aquele que está em jogo no pensamento deles. Cada qual só intervindo nesse terno a título desse objeto *a* que ele é sob o olhar dos outros. Em outros termos, eles são três, mas na realidade, são dois mais *a*. (...) Na medida em que, pelo *a*, (...) os dois são tomados como Um mais *a*, é que funciona o que pode dar com uma saída na pressa.”³⁶

Em outros termos, o que faz com que o sujeito conclua seu movimento lógico numa asserção sobre si é, em última instância, esse objeto *a* que ele havia sido no início do percurso, sob o olhar dos outros. É exatamente esse ponto que escapa à cadeia significativa – incidindo subjetivamente como um tempo de demora em relação aos outros, sob a forma da angústia³⁷ –, esse ponto fora-significante é justamente o que precipita a conclusão. Esta verifica-se como uma operação de separação, já que o sujeito deixa de ser prisioneiro a partir daí: “na prisão do

³⁶ Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., p.67. É importante assinalar, contudo, que “a pressa, enquanto função lógica, não implica atropelo, desordem ou atordoamento.” Vidal, E. “Ato e tempo”, em *Falo, revista brasileira do campo freudiano*. Op. cit., p.55.

³⁷ Cf. Lacan, J. “O tempo lógico ...”, em *Escritos*. Op. cit., pp.206,207.

significante, o sujeito se precipita em ato no movimento circular que vai da alienação à separação do Outro”³⁸.

As conseqüências dessa construção lacaniana para a experiência psicanalítica é o que nos interessa examinar. O papel das escansões temporais promovidas pelo analista, através da duração variável do tempo da sessão analítica, é o de romper com um tempo cronológico imaginário, e precipitar os momentos de conclusão – evitando os adiamentos, as dúvidas e as indecisões com que se compraz o neurótico. É o que passaremos a abordar a seguir.

9.3 – SOBRE AS ESCANSÕES DAS SESSÕES

Em seu *Discurso de Roma* (1953), Lacan refere-se de modo explícito às incidências do tempo na técnica psicanalítica³⁹. Primeiramente, fala da duração total da análise, aludindo ao caso do Homem dos Lobos⁴⁰, em que Freud fixara antecipadamente um prazo para seu término. Diz que tal procedimento resultou para o paciente na alienação de sua verdade, e declara que “não podemos prever no sujeito qual será seu *tempo para*

³⁸ Vidal, E. “Ato e tempo”, em *Falo, revista brasileira do campo freudiano*. Op. cit., p.52.

³⁹ Cf. Lacan, J. (1953). “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”, em *Escritos*. Op. cit., pp.311-317.

⁴⁰ Cf. Freud, S. (1918). “De la historia de una neurosis infantil”, em *AE, 17*. Op. cit., pp.9-111.

compreender”⁴¹. A articulação dessa abordagem do tempo na clínica, com a prévia construção lacaniana sobre o *tempo lógico* – cuja primeira versão datava de 1945 (cf. acima) –, já se anuncia, então, evidente.

Em segundo lugar – ainda no mesmo texto (1953) –, Lacan passa a tratar da duração do tempo da sessão. Cabe indicar que o contexto em que essas referências se situam diz respeito precisamente ao lugar do analista em relação ao “*agir*”, e às chamadas “*intervenções ativas*”⁴². É nesse sentido que o autor irá apontar uma dificuldade dos psicanalistas no que concerne ao problema da duração da sessão:

“O caráter tabu com que ele tem sido apresentado em debates recentes é prova suficiente de que a subjetividade do grupo está muito pouco liberada a seu respeito, e o caráter escrupuloso, para não dizer obsessivo, que assume para alguns (...) a observação de um padrão cujas variações (...) não parecem inquietar ninguém, (...) é realmente o sinal da existência de um problema que se está tão menos disposto a abordar quanto mais se sente que ele levaria muito longe no questionamento da função do analista.”⁴³

⁴¹ Lacan, J. (1953). “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”, em *Escritos*. Op. cit., p. 311.

⁴² Cf. Lacan, J. (1953). *Idem*, pp.310-315.

⁴³ Lacan, J. (1953). *Idem*, p.313.

Vale assinalar que tal “caráter tabu” ainda se mantém, após decorrido quase meio século. Sabemos das conseqüências que resultaram, na época, desse tipo de posição de Lacan⁴⁴ – culminando finalmente com sua exclusão da IPA⁴⁵.

Para além de qualquer inclinação à polêmica, nosso interesse é o de situar essa questão do tempo da sessão respectivamente às construções lacanianas sobre o *tempo lógico*, o sujeito do inconsciente e o ato. Que outras variáveis possam fazer parte desse problema – inclusive o pretense desejo pessoal de Lacan de ter mais analisandos do que seus colegas, e com isso aumentar seu poder de influência⁴⁶ – não exclui o fato de que há uma nodulação da teoria lacaniana com essa singularidade de sua prática.

Daí, não se poder falar do manejo do tempo na transferência sem se apoiar nos pressupostos teóricos que o sustentam. Não se trata de uma arbitrariedade *técnica* mas, a nosso ver, da derivação necessária de um aparelho conceitual. Se Freud não operava da mesma maneira, isso é o índice, não de uma diferença de estilos pessoais, mas de distintas concepções da articulação inconsciente-tempo.

Na medida em que o tempo é abordado por Freud pela via da representação – “nossa representação abstrata do tempo”⁴⁷, diz ele –,

⁴⁴ Cf. Roudinesco, E. *Jacques Lacan. Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994, pp.211-214.

⁴⁵ Cf. Roudinesco, E. *Idem*, pp.253-267.

⁴⁶ Cf. Roudinesco, E. *Idem*, pp.212-214.

⁴⁷ Freud, S. (1920). “Más allá del principio de placer”, em *AE, 18*. Op. cit., p.28.

marca-se uma disjunção entre esta e o *tempo lógico* lacaniano, que diz respeito a uma conjugação entre simbólico e real⁴⁸ – pelo menos na segunda versão do texto (1966).

É exatamente porque Lacan postula: o *inconsciente estruturado como uma linguagem*, o sujeito do inconsciente como *sujeito de um significante*, e – posteriormente – o *objeto a*, que o tempo pode ser tratado em sua obra como função “de ordem lógica, e ligada a uma colocação em forma significante do real”⁴⁹.

Retomemos o *Discurso de Roma* (1953), onde Lacan se referia ao problema da duração da sessão analítica, vinculando-o ao lugar do psicanalista em relação ao discurso do analisando. Lembremos que, nessa época, a situação analítica era pensada como dialética, e o analista era situado em posição de Outro simbólico (cf. capítulo 4):

“(...) o analista participa do escriba. Mas continua mestre e senhor da verdade da qual esse discurso é o progresso. É ele (...) que pontua (...) sua dialética. E nisso, ele é apreendido como juiz do mérito desse discurso. (...) A suspensão da sessão não pode deixar de ser experimentada pelo sujeito como uma

⁴⁸ Cf. Lacan, J. (1953). “Função e campo da fala e da linguagem ...”, em *Escritos*. Op. cit., p.311. Cf. também Porge, E. *Psicanálise e tempo. O tempo lógico de Lacan*. Op. cit., p.96.

⁴⁹ Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Op. cit., p.43.

pontuação em seu progresso. Sabemos como dela calcula o vencimento para articulá-la a seus próprios prazos ou mesmo a suas escapatórias, como a antecipa, sopesando-a à maneira de uma arma, espreitando-a como um abrigo.”⁵⁰

“Esse é um fato bem constatado na prática dos textos das escrituras simbólicas, quer se trate da Bíblia, ou dos textos canônicos chineses: neles, a ausência de pontuação é uma fonte de ambigüidade, a pontuação colocada fixa o sentido, sua mudança o transforma ou o transtorna e, errada, equivale a alterá-lo.”⁵¹

A suspensão da sessão é articulada, portanto, à pontuação pelo analista do texto do discurso inconsciente. Ainda que, em 1953, o sujeito visado pela análise seja o do sentido, e a cura concebida como um progresso dialético em direção à verdade (cf. capítulo 4), as reformulações doutrinárias posteriores não levarão Lacan a abandonar essa proposta da duração variável da sessão analítica – “pedra sem valor ou pedra angular,

⁵⁰ Lacan, J. (1953). “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”, em *Escritos*. Op. cit., p. 314.

⁵¹ Lacan, J. (1953). *Idem*, p.315.

nosso forte é não ter cedido quanto a esse ponto”⁵², diz ele em uma nota acrescentada ao artigo em 1966.

Além disso, é importante notar duas coisas: primeiro, que a suspensão da sessão situa-se como uma alternativa às “modalidades ditas análise das resistências”⁵³. Em outros termos, ao invés de interpretar a resistência que o obsessivo manifesta no controle da intervenção do analista – pela via das dúvidas e procrastinações na transferência –, este suspende seu discurso visando precipitar o sujeito em direção aos momentos de conclusão. Vale notar que a lógica aí subjacente é aquela apresentada no artigo “O tempo lógico”, onde as moções suspensas não são externas ao movimento lógico do sujeito, mas constituem parte integrante do mesmo⁵⁴.

Em segundo lugar, as escansões suspensivas – promovidas pelo psicanalista no registro do *agir*⁵⁵ –, implicam uma concepção do inconsciente como texto, cuja pontuação não está dada de antemão. Ou seja, o inconsciente só se realiza na experiência psicanalítica através de

⁵² Lacan, J. (1953). “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”, em *Escritos*. Op. cit., p. 316.

⁵³ Lacan, J. (1953). *Idem*, p.317.

⁵⁴ Cf. Lacan, J. (1966). “O tempo lógico ...”, em *Escritos*. Op. cit., p.203: “longe de ser um dado da experiência externa no processo lógico, as *moções suspensas* são tão necessárias nele que somente a experiência pode fazer com que o sincronismo que elas implicam deixe de se produzir num sujeito de pura lógica (...)”.

⁵⁵ Cf. Lacan, J. (1953). “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”, em *Escritos*. Op. cit., p. 315.

uma leitura empreendida por aquele que o escuta: “a pontuação colocada fixa o sentido (...) e errada equivale a alterá-lo”⁵⁶.

Não por acaso, a resistência será situada por Lacan do lado do analista, deslocando toda a ênfase que esse termo havia tomado nas modalidades “ditas análise das resistências”(cf. acima). O fato de que elas sejam chamadas “ditas análises” aponta seu desvio do eixo simbólico – a escuta do discurso inconsciente –, para o eixo imaginário da transferência. A esse respeito, Lacan irá afirmar em 1955:

“A que corresponde a resistência no tratamento analítico? A uma inércia. Enquanto tal, ela apresenta a propriedade de não ter em si mesma nenhuma espécie de resistência. A resistência no sentido de *Widerstand*, obstáculo a um esforço, não deve ser procurada em outro lugar a não ser em nós mesmos. Quem aplica a força provoca a resistência. No nível da inércia, não há, em parte alguma, resistência. A dimensão de tudo aquilo que se vincula à transferência é de um registro totalmente diferente – é da ordem de uma insistência.”⁵⁷

⁵⁶ Lacan, J. (1953). “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”, em *Escritos*. Op. cit., p. 315.

⁵⁷ Lacan, J. (1954-1955). *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Op. cit., p.265

Do que foi exposto deduz-se, então, que o exame das incidências “do tempo do sujeito na técnica”⁵⁸, empreendido por Lacan (1953), implica: do lado do sujeito, um inconsciente que é escritura simbólica à espera de pontuação para ser lido; do lado do analista, uma intervenção ativa que se situa na dimensão do ato analítico – ainda que este termo só venha a ser suficientemente formalizado alguns anos mais tarde, em conjunção com o conceito *objeto a*. Sobre esse *agir* do analista, articulado à suspensão da sessão, Lacan indica no *Discurso de Roma*:

“A indiferença com que o corte do *timing* interrompe os momentos de pressa no sujeito pode ser fatal para a conclusão rumo à qual se precipitava seu discurso, ou mesmo cristalizar nela um mal entendido, senão servir de pretexto para um ardil distorsivo. (...) Decerto, a neutralidade que manifestamos ao aplicar estritamente essa regra mantém a via de nosso *não-agir*. Mas esse *não-agir* tem limites, ou então, não haveria intervenção: e por que torná-la impossível nesse ponto, assim privilegiado?”⁵⁹

“(...) não estamos aqui para defender esse método, mas para mostrar que ele tem um sentido dialético preciso em

⁵⁸ Lacan, J. (1953). “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”, em *Escritos*. Op. cit., p. 290.

⁵⁹ Lacan, J. (1953). *Idem*, p.315. O grifo é nosso.

sua aplicação técnica. (...) Pois ela só rompe o discurso para parir a fala.”⁶⁰

Cabe indicar que a construção sobre o *tempo lógico* – como lógica do ato (cf. acima) – permite abordar tanto a questão do momento de conclusão de cada sessão analítica, quanto o momento de concluir relativo ao final da análise.

Em seu artigo “Ato e inconsciente”(1984), Miller estabelece uma polaridade entre inconsciente e ato analítico – o inconsciente como saber em que o lugar do sujeito é *indeterminado*, e o ato como o que introduz a *certeza*:⁶¹

“O inconsciente, restituído pela definição que dele dá Lacan, é o contrário do ato. (...) O inconsciente introduz a verificação, enquanto que (...) o ato introduz a certeza. O inconsciente faz nó com a interpretação, este é o valor (...) do sujeito suposto saber. (...) Que o inconsciente na análise só possa ser captado através da interpretação quer dizer que se trata de um saber em relação ao qual o lugar do sujeito é indeterminado. Pelo contrário, no ato o sujeito

⁶⁰ Lacan, J. (1953). “Função e campo ...”, em *Escritos*. Op. cit., pp.316,317.

⁶¹ Cf. Miller, J.A. “Acto e inconsciente”, em *Acto e interpretación*. Argentina, Ediciones Manantial, 1984, p.13.

realiza sua certeza (...) o ato, o autêntico, o que não é passagem ao ato nem *acting out* é aquilo graças a que o sujeito se libera dos efeitos do significante (...) para *fazer* (...)"⁶²

"A certeza subjetiva está no nível da pulsão. (...) Se o gozo é a satisfação de uma pulsão, o é na medida em que é gozo e certeza, na medida em que é a certeza do sujeito. (...) A pulsão é o que introduz o sujeito ao ato. (...) É neste ponto onde Lacan faz do ato analítico o correlato da pulsão, a qual define precisamente como cingindo (...) o objeto *a*. Desde este ângulo, a travessia do fantasma não é a chave da análise, senão que quer dizer desnudar a pulsão, abrir assim ao sujeito o caminho do ato onde encontra sua certeza de gozo."⁶³

A argumentação de Miller sustenta, então, que "inconsciente e pulsão" encontram-se "em disjunção"⁶⁴, senão em oposição: "o inconsciente (...) é o contrário do ato"⁶⁵. Veremos que tal simplificação encobre aquilo de que se trata, ou seja: o "desejo do analista" – este é justamente o que ocupa esse "ponto de disjunção e de conjunção, de união

⁶² Miller, J. A. "Acto e inconsciente", em *Acto e interpretación*. Op. cit., p.13. O grifo é nosso.

⁶³ Miller, J.A. *Idem*, pp.15, 16.

⁶⁴ Miller, J.A. *Idem*, p.15.

⁶⁵ Miller, J.A. *Idem*, p.13.

e de fronteira” entre inconsciente e sexualidade, entre inconsciente e pulsão⁶⁶. É o que abordaremos a seguir.

9.4 – DESEJO DO ANALISTA E DESEJO INCONSCIENTE

Chegando a esse momento de nosso percurso, poderíamos perguntar: qual a ligação do *inconsciente estruturado como uma linguagem* – avançado por Lacan – com a dimensão da sexualidade sempre “sublinhada por Freud como (...) consubstancial à dimensão do inconsciente”?⁶⁷

Destacamos que, a partir da abordagem da estrutura da transferência, Lacan poderá estabelecer com mais clareza esse ponto de “união e de fronteira” entre inconsciente e sexualidade – onde se situa o *desejo do analista*. A esse respeito, afirma o autor em 1964:

“(...) a transferência é a atualização da realidade do inconsciente (...) – coisa singular, é isso mesmo, que é cada vez mais esquecido, que eu não relembrei até agora. (...) Do inconsciente, me ative a lhes lembrar até aqui a incidência do ato constituinte

⁶⁶ Cf. Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Op. cit., p.153.

⁶⁷ Lacan, J. (1964). *Idem*, p.139.

do sujeito, porque é isso que se trata, para nós, de sustentar. Mas não omitamos o que é (...) sublinhado por Freud como estritamente consubstancial à dimensão do inconsciente, isto é, a sexualidade.”⁶⁸

“A realidade do inconsciente é (...) a realidade sexual. (...) Sustento que é o nível da análise (...) que deve revelar o que é desse ponto nodal pelo qual a pulsação do inconsciente está ligada à realidade sexual. Esse ponto nodal se chama desejo (...) o desejo se situa na dependência da demanda – a qual por se articular em significantes, deixa um resto metonímico que corre debaixo dela, elemento que não é indeterminado (...), elemento (...) impossível, desconhecido, elemento que se chama desejo. É isto que faz junção com o campo definido por Freud como o da instância sexual no nível do processo primário.”⁶⁹

Em outros termos, somente após referir-se à transferência – como atualização da realidade do inconsciente, no que ela é sexualidade –, Lacan poderá falar do inconsciente em sua articulação à dimensão do sexual.

⁶⁸ Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Op. cit., p. 139.

⁶⁹ Lacan, J. (1964). *Idem*, pp.143, 146.

Porém, paradoxalmente, a transferência – como já o próprio Freud indicava, de modo explícito – não é abertura, mas fechamento do inconsciente: “a transferência é o meio pelo qual se interrompe a comunicação do inconsciente, pelo qual o inconsciente torna a se fechar.”⁷⁰

É, portanto, através de uma apresentação topológica da estrutura da transferência, que se poderá apreender esse ponto de “união e de fronteira” entre inconsciente e sexualidade, ocupado pelo desejo do analista⁷¹. Introduzindo a figura do *oito interior*⁷², Lacan proporá uma topologia da situação analítica, que inclui o analista como parte da dialética do sujeito enquanto sujeito do inconsciente:

“Não farei mais do que indicar aqui a reversão que comporta esse esquema em relação ao modelo que se tem dentro da cabeça. Digo, em algum lugar, que *o inconsciente é o discurso do Outro*. Ora, o discurso do Outro, que se trata de realizar, o do inconsciente, ele não está do lado de lá do fechamento, ele está do *lado de fora*. É ele que, pela boca do analista, apela à reabertura do postigo.”⁷³

“A libido, eu a inscrevi no ponto em que o lobo definido como campo

⁷⁰ Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos ...* Op. cit., p.125.

⁷¹ Cf. Lacan, J. (1964). Idem, p.153.

⁷² Cf. Lacan, J. (1964). Idem, p.148.

⁷³ Lacan, J. (1964). Idem, p.126.

do desenvolvimento do inconsciente vem recobrir e ocultar o outro lobo, o da realidade sexual. A libido seria assim o que pertence aos dois – o ponto de interseção (...) Mas é justamente o que isto não quer dizer. Pois este setor em que os campos parecem recobrir-se é (...) um vazio. Esta imagem nos permite figurar o desejo como lugar de junção do campo da demanda onde se presentificam as sínopes do inconsciente, com a realidade sexual. Tudo isto depende de uma linha que chamaremos desejo, ligada à demanda, e pela qual se presentifica na experiência a incidência sexual. Esse desejo qual é? (...) Eu lhes digo que o desejo de que se trata é o desejo do analista.”⁷⁴

Além disso, o desejo é aí situado como “resíduo último do efeito do significante no sujeito”⁷⁵. Dito de outro modo: o desejo é correlativo ao resto que corre sob o discurso da demanda, ao objeto que a pulsão contorna em sua busca de satisfação, àquilo que se decanta da repetição das demandas do analisando – em suma, ao objeto *a*.

⁷⁴ Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos ...* Op. cit., pp.148,149. Cf. também a figura da p.256.

⁷⁵ Lacan, J. (1964). *Idem*, p.147.

É importante ressaltar, contudo, que se marca, na mesma ocasião (1964), uma diferença entre o registro do desejo concernente ao campo freudiano do *Lust Ich* – o campo do *eu-prazer*, concebido como fundamentalmente narcísico⁷⁶ –, e o ponto do desejo que se sustenta por esse resto, o objeto *a*. Ao primeiro, irá corresponder o campo do desejo enquanto narcísico; ou seja, o amor de transferência em sua face de tapeação. No segundo, poderemos reconhecer as dimensões: da libido, da pulsão e do desejo do analista. A respeito dessa distinção, Lacan indica:

“(...) no nível do desejo, passividade, narcisismo, ambivalência são características que governam a dialética do prazer (...) Seu termo é (...) identificação. (...) Enquanto miragem especular, o amor tem essência de tapeação. Ele se situa no campo instituído no nível da referência do prazer, desse único significante necessário para introduzir uma perspectiva centrada no ponto ideal, I maiúsculo, colocado em algum lugar do Outro, de onde o Outro me vê, na forma em que me agrada ser visto.”⁷⁷

“Ora, nessa convergência mesma à qual a análise é chamada pela face de tapeação

⁷⁶ Cf. Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos...* Op. cit., pp.227,228.

⁷⁷ Lacan, J. (1964). *Idem*, pp.228,253.

que há na transferência, algo se encontra que é paradoxo – a descoberta do analista. (...) A transferência se exerce no sentido de reconduzir a demanda à identificação. É na medida em que o desejo do analista, que resta um x , tende para um sentido exatamente contrário à identificação, que a travessia do plano da identificação é possível, pelo intermédio da separação do sujeito na experiência. A experiência do sujeito é assim reconduzida ao plano onde se pode presentificar, da realidade do inconsciente, a pulsão.”⁷⁸

A transferência é formulada, portanto, como esse desvio necessário pelo qual o sujeito acederá à causa de seu desejo. Pois “a transferência se exerce no sentido de reconduzir a demanda à identificação”⁷⁹; esta última não é acesso ao desejo, senão enquanto extravio narcísico, pelo viés do Ideal situado em algum ponto do Outro – “de onde o Outro me vê na forma em que me agrada ser visto”⁸⁰. O desejo do analista, por sua vez, é esse x que sustenta um vazio, e “tende para um sentido exatamente contrário ao da identificação”⁸¹, já que aponta para o objeto a – ponto que se situa para

⁷⁸ Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos ...* Op. cit., pp.253,259.

⁷⁹ Lacan, J. (1964). *Idem*, p.259.

⁸⁰ Lacan, J. (1964). *Idem*, p.253.

⁸¹ Lacan, J. (1964). *Idem*, p.259.

além de qualquer identificação. Curiosamente, então, o desejo do analista é justamente o que garante a queda da transferência.

Somos remetidos, portanto, a um primeiro tempo da análise em que a transferência se apóia no *sujeito suposto saber*, com seus efeitos de amor, idealização e identificação – dirigidos ao analista (cf. capítulo 5). Mas, também, ao término do processo psicanalítico, que implica a liquidação do *sujeito suposto saber* e o advento do objeto *a* (cf. capítulo 6) – esse objeto que se encontrava na causa da divisão subjetiva, e que marcava o desejo com uma perda constituinte. Tal funcionamento do objeto *a* foi formulado por Lacan (1964), através das operações de alienação e de separação⁸² (cf. capítulo 6).

Assim, o verdadeiro motor da transferência não é a sexualidade, como pareceria à primeira vista, mas o objeto *a*-sexuado que se recorta na relação com o desejo do analista⁸³ – objeto contornado pela pulsão, não especular, recoberto pelas vestimentas narcísicas do amor ou da rivalidade, que se apresentam na transferência. Nesse sentido, a psicanálise – ao contrário do que se poderia supor erroneamente – não intervém sobre a sexualidade, a não ser de maneira secundária:

“Pois é na escansão do discurso do paciente, à medida que nele intervém o analista, que veremos ajustar-se a

⁸² Cf. Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos ...* Op. cit., pp.193-203.

⁸³ Cf. Lacan, J. (1964). “Posição do inconsciente”, em *Escritos*. Op. cit., p.858.

pulsão da borda pela qual deve surgir o ser que reside para-aquém dela. A espera do advento desse ser em sua relação com o que designamos como o desejo do analista, no que ele tem de inesperado, (...) por sua própria posição, é essa a última e verdadeira mola do que constitui a transferência. Eis por que a transferência é uma relação essencialmente ligada ao tempo e seu manejo.”⁸⁴

“A psicanálise só toca a sexualidade no que, na forma de pulsão, ela se manifesta no desfile do significante, onde se constitui a dialética do sujeito no duplo tempo da alienação e da separação. A análise não cumpriu, no campo da sexualidade, o que se teria podido (...) esperar dela de promessas, ela não cumpriu isto porque não tem que cumprir. Não é seu terreno.”⁸⁵

No que concerne à obra freudiana, tal proposta se situa como uma “retomada do projeto freudiano pelo avesso” – que vínhamos examinando nos capítulos 7 e 8. Ou seja, o motor da pulsão não é a sexualidade – formulada como *Eros* que tende à união entre os sexos, tal como no mito

⁸⁴ Lacan, J. (1964). “Posição do inconsciente”, em *Escritos*. Op. cit., p.858.

⁸⁵ Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos ...* Op. cit., p.252.

platônico do *Banquete* retomado por Freud⁸⁶ –, mas o objeto *a*-sexuado, resíduo do efeito do significante no sujeito⁸⁷. O que explica o fato, percebido por Freud, de toda pulsão ser originalmente pulsão de morte – resultado do efeito mortífero do significante, na operação primeira de alienação do sujeito ao campo da linguagem.

Cabe apontar também que essa apresentação topológica do sujeito na situação analítica, introduzida pelo ensino lacaniano (cf. acima), subverte o modelo freudiano de exterioridade em que se encontraria o analista – ou o desejo do analista – em relação ao inconsciente do sujeito. Sobre isso, Lacan esclarece:

“Quando lhes falo do inconsciente como daquilo que aparece na pulsação temporal, pode nos vir a imagem da *nassa* que se entreabre, no fundo da qual vai se realizar a pesca do peixe. Ao passo que segundo a figura da *sacola*, o inconsciente é algo de reservado, de trancado lá dentro, onde temos, nós, de penetrar de fora.”⁸⁸

⁸⁶ Cf. Freud, S. (1920). “Más allá del principio de placer”, em *AE*, 18. Op. cit., p.56. Cf. também, Lacan, J. (1974) *Televisão*. Op. cit., p.46: “só que Freud também cai nessa: pois o que ele imputa a Eros, na medida em que o opõe a Tanatos, como princípio de ‘a vida’, é de unir, como se afora uma curta coiteração, sempre se tivesse visto dois corpos se unirem em um.”

⁸⁷ Cf. Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos ...* Op. cit., p.147.

⁸⁸ Lacan, J. (1964). *Idem*, p.137.

No entanto, tal formulação lacanianã da experiência analítica não pode ser concebida como *ex nihilo*. Seus antecedentes necessários são: 1) o sujeito dialético em sua relação ao Outro – tal como formulada desde os tempos do *Estádio do espelho* (1949) ; 2) a conseqüente definição do inconsciente como “discurso do Outro”⁸⁹; 3) o sujeito do inconsciente como sujeito de um significante (cf. capítulo 5); 4) a banda de Moebius como suporte topológico do sujeito do inconsciente (cf. capítulo 6); 5) a construção do objeto *a* (cf. capítulo 6); e, por fim, 6) as operações de alienação e separação, introduzidas a partir de 1964 (cf. capítulo 6).

Quanto à distinção entre desejo inconsciente e desejo do analista, propomos que o primeiro – o desejo propriamente neurótico – pretende ignorar o estatuto fundamental de perda, inerente ao objeto *a*, em privilégio de uma fantasia de conjunção com o objeto imaginário: [$\$ \diamond a$]. Estamos, aí, no domínio da fantasia primordial e do recalque da libido.

A libido, por sua vez, é concebida por Lacan como dimensão de corte, “lâmina” pulsional que recorta os objetos *a*, delimitando as bordas corporais como zonas erógenas.⁹⁰ Estabelece-se assim a diferenciação entre o amor – fundamentalmente narcísico, que tende à união – e a libido – função de corte relativa ao campo erógeno pulsional, conseqüência do fato

⁸⁹ Cf. Lacan, J. (1953). “Função e campo da fala e da linguagem ...”. Op. cit., p.266.

⁹⁰ Cf. Lacan, J. (1964). Idem, pp.186-188.

de ser o corpo do sujeito recortado pelos significantes das demandas do Outro⁹¹.

O desejo do analista é o que se apóia na causa inconsciente enquanto “função do impossível sobre a qual se funda uma certeza.”⁹² Encontram-se então conjugadas, nessa função *desejo do analista*, as dimensões: da libido, do ato, da certeza e da pulsão. Isto se justifica pela posição que ocupa o analista no lugar do objeto *a* – ou seja, não é como *sujeito* que o psicanalista intervém com seu desejo na experiência analítica, mas sim a partir desse *resto de gozo* que encarna a *causa do desejo*.

Desse modo, o encaminhamento da análise pretende fazer o sujeito aceder a *Eros* a partir de *Tanatos*, sendo o *desejo do analista* equivalente à *libido*⁹³. Esta não é unidade das pulsões sexuais sob o domínio da genitalidade – como pôde supor Freud em algum momento de seu caminho –, mas função de *corte* relativa ao objeto parcial, que se perdera originalmente na fundação do sujeito no campo do Outro. Nesse sentido, o *corte* das sessões – empreendido pelo psicanalista – não visa à frustração, mas sim ao *recorte* progressivo desse resto das cadeias significantes da demanda.

⁹¹ Cf. Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos ...* Op. cit., pp.177-189.

⁹² Lacan, J. (1964). *Idem*, p.124.

⁹³ Cf. Lacan, J. (1964). *Idem*, pp.148,149.

A causa do desejo não é, portanto, o falo imaginário; sendo este apenas o encobrimento do real objeto da castração: o objeto *a*. Disso resulta uma fundamental diferença quanto à concepção do final da análise, entre Freud e Lacan – diferença esta que já havíamos apontado anteriormente (cf. capítulo 6):

“Na medida em que a situação do desejo (...) não é (...), em Freud, verdadeiramente articulada, o fim da análise choca-se com alguma coisa que toma o signo, implicado na relação fálica: o ϕ , enquanto ele funciona estruturalmente como $[-\phi]$, já que ele é o correlato essencial da satisfação. *Se ao final da análise freudiana, o paciente, seja homem ou mulher, reclama-nos o falo que nós lhe devemos, isso é em função de uma insuficiência na distinção entre a relação do desejo ao seu objeto fundamental [o objeto *a*], e a falta de que se trata como constituinte da satisfação.*”⁹⁴

No que toca à relação do *desejo do analista* ao *saber*, Miller formula (1995) uma distinção entre o *desejo do analista* e o *desejo inconsciente*. Este último é um desejo de *não-saber*; tal é o fundamento do

⁹⁴ Lacan, J. (1962-1963). *L'angoisse*. Seminário inédito, lição de 15/5/63. O grifo é nosso.

recalque freudiano, que se confirma no desejo subjacente a todo sonho: o *desejo de dormir* – ou seja, de *não-saber do real*⁹⁵. Inversamente, o *desejo do analista* “seria a exceção” ao “desejo fundamental que é o desejo de dormir.”⁹⁶ E continua o mesmo autor: “o *desejo do analista*, que chamamos *desejo de saber*, não tem nada a ver com nenhuma erudição, e constitui a exceção à lei do desejo como desejo de dormir.”⁹⁷

Parece-nos que a desvantagem de propor essa equivalência – entre *desejo do analista* e *desejo de saber* – consiste em estabelecer um ponto de possível identificação do sujeito, em relação a seu psicanalista. Apesar da negação pela qual se expressa Miller – “o desejo do analista, que chamamos desejo de saber, *não* tem nada a ver com nenhuma erudição”⁹⁸ –, o perigo está, por isso mesmo, colocado.

Nesse sentido, pode ser mais interessante recorrer ao próprio Lacan quando ele se refere ao desejo do analista, dizendo: “esse desejo do analista, não direi de modo algum que não o nomeei ainda, pois *como nomear um desejo? Um desejo, o cercamos.*”⁹⁹

Cercar esse ponto é o que permite inscrevê-lo numa topologia, onde ele se situa como vazio a ser sustentado para que o sujeito se reencontre com a falta que constitui sua divisão original. Melhor então que o enigma

⁹⁵ Cf. Miller, J.A. *Seminário, o desejo de Lacan*. Op. cit., pp.21,22.

⁹⁶ Miller, J.A. *Idem*, p.22.

⁹⁷ Miller, J.A. *Ibid.* O grifo é nosso.

⁹⁸ Miller, J.A. *Ibid.* O grifo é nosso.

⁹⁹ Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos ...* Op. cit., p.240. O grifo é nosso.

do desejo do analista possa ser relançado por cada analisando, em cada análise. Pois, se a psicanálise é não-toda, assim também o é o analista.

Por fim, valeria colocar a pergunta sobre o desejo de Lacan em sua construção teórica¹⁰⁰ – já que o próprio Lacan apontara algo no desejo de Freud que jamais havia sido analisado, incidindo sintomaticamente sobre sua teoria e sua práxis (cf. capítulo 7).

Nossa perspectiva, no entanto, não é a de empreender esse mesmo movimento em direção à obra lacaniana; simplesmente, porque isto ultrapassaria o alcance de nosso tema – e de nossas capacidades.

Parece-nos mais importante, contudo, indicar que, ao contrário da ciência, que pretende desconhecer o desejo do cientista em sua produção, a psicanálise só se sustenta ao incluir essa *impureza* – o desejo do analista – em sua própria constituição e movimento.

Talvez, no futuro, a topologia, os nós borromeanos, a lógica e as escrituras matemáticas lacanianas revelem-se ser apenas outros tantos mitos com pretensão científica – tais como o *Édipo* ou o *Totem e tabu* freudianos. Mas, ainda assim, persistirá o desejo de Lacan de estabelecer uma “nova aliança”¹⁰¹ com a causa freudiana. Que os analistas possam, cada um a seu modo, renovar e reinventar essa aliança.

¹⁰⁰ Cf. sobre esse tema : Miller, J.A. *Seminário, o desejo de Lacan*. Op. cit..

¹⁰¹ Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos ...* Op. cit., p.122.

CONCLUSÃO

Partimos da proposta de um ponto de *não-relação* na articulação Freud-Lacan. Não por acaso, escolhemos justamente o conceito de inconsciente, para empreender um percurso que fizesse vigorar a hiância entre as duas obras.

Que *o campo seja freudiano, mas o inconsciente lacaniano*¹ pode ser entendido como a afirmação de que Freud “traçou no *real* um sulco novo em relação ao conhecimento”², com a descoberta da psicanálise. Quanto ao inconsciente, seu *sujeito* e sua *estrutura de linguagem* foram estabelecidos por Lacan – ainda que numa contínua remissão aos conceitos do fundador da psicanálise.

A noção freudiana de *representação inconsciente* mostrou seus limites, na medida em que rompia e preservava – ao mesmo tempo – seu cimento imaginário: o *referente*³; nesse sentido, ela retirava “ao *real* todo o seu peso concreto”⁴. Ademais, já que seu sujeito não era como tal

¹ Cf. Lacan, J. (1977). “Ouverture de la Section Clinique”, em *Ornicar*, 9. Paris, Navarin Éditeur, 1977, p.10. O grifo é nosso.

² Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos ...* Op. cit., p.122. O grifo é nosso.

³ Cf. Gaufey, G. “Représentation freudienne et signifiant lacanien”, em *Littoral*, 14. Op. cit., p.43.

⁴ Lacan, J. (1976-1977). *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Seminário inédito, Lição de 26/2/77. O grifo é nosso.

problematizado, a *Vorstellung* freudiana predispunha o *eu* a tornar-se o anfitrião acolhedor do sujeito clássico da representação: o *sujeito-olhar*⁵.

As ambigüidades no estatuto do *eu* freudiano – ora articulado ao sistema percepção-consciência e ao agente do teste de realidade; ora à superfície corporal e a um precipitado de identificações – revelaram-se correlativas dessa indiferenciação *eu-sujeito* na obra de Freud.

A própria imprecisão da idéia de *representação* autorizava uma *cronologia* dos sistemas representacionais, na perspectiva freudiana; supunha-se, por exemplo (1923), ser o *pensar em imagens* mais próximo dos processos inconscientes, e mais antigo do que o *pensar em palavras*⁶. As caracterizações do inconsciente como *arcaico*, *primitivo*, e mesmo *pré-verbal* encontravam portanto apoio, nesse tipo de passagem do texto de Freud.

As dificuldades de acomodação da *Sachvorstellung* e da *Wortvorstellung* (1915), com o par saussuriano *significado-significante*, foram também apontadas – sendo referidas ao contexto epistemológico de transição, entre uma concepção clássica da representação e o estudo moderno da linguagem.

⁵ Cf. Gaufey, G. "Représentation freudienne et signifiant lacanien", em *Littoral*, 14. Op. cit., pp.43,45.

⁶ Cf. Freud, S. (1923). "El yo y el ello", em *AE*, 19. Op. cit., p.23.

O estatuto metapsicológico do inconsciente freudiano, situado entre *Palavra e Coisa*, foi então proposto, a partir de uma discussão acerca da natureza problemática da *Sachvorstellung* em sua articulação à linguagem.

Quanto ao declínio do ponto de vista *lingüístico-semiótico*, na segunda tópica freudiana, este foi relacionado a um impasse dessa mesma noção de *representação* – já que a *Vorstellung*, por si só, não poderia justificar a compulsão à repetição, com que Freud se deparava em suas análises.

Como efeito disto, os aspectos de *negatividade, caos e obscuridade*⁷, atribuídos por Freud ao *isso* (1933), evidenciavam a diluição dos elementos de linguagem do inconsciente – enfatizados na primeira tópica. Abria-se, assim, o caminho para a confusão do *inconsciente* com a sede das *pulsões*.

No que diz respeito a Lacan, nossa hipótese é a de que o termo *sujeito* situa-se como contraponto à teorização sobre o inconsciente, no decorrer de toda a sua doutrina. Sua construção sobre o *Estádio do espelho* (1949) havia sido o início de uma distinção entre o *eu-imago* e o *sujeito*, na perspectiva psicanalítica. A constituição *dialética do sujeito*, a *realidade humana não-natural*, e o *eu função de desconhecimento* destacavam-se na cena; afastava-se, assim, o *eu* centrado sobre o *sistema percepção-*

⁷ Cf. Freud, S. (1933). "Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis", em *AE*, 23. Op. cit., pp. 68, 69. O grifo é nosso.

consciência e organizado pelo *princípio de realidade*⁸ – que alguns seguidores de Freud tinham podido depreender de sua teoria.

A partir do *Discurso de Roma* (1953), o termo *sujeito* foi introduzido como *função*, relativa à *fala* e articulada ao *campo* da linguagem – *campo* este pensado a partir da lingüística estrutural. A *fala* era, pois, aquilo que introduzia a dimensão de *intersubjetividade* na *estrutura da linguagem*. Postulava-se um inconsciente *dialético*, definido como “*discurso do outro*”⁹, resultado da *constituição dialética do sujeito*.

O inconsciente era referido, nessa época do ensino lacaniano, aos termos: *sujeito*, *sentido*, *verdade* e *história* – operando-se, com o termo *verdade*, um esvaziamento de tudo o que seria suposto *realidade*¹⁰ *dada* do inconsciente na perspectiva freudiana. A situação analítica era formulada, inicialmente, como *relação intersubjetiva* – sendo correlativa a um *sujeito do sentido* e a um *progresso dialético em direção à verdade*.

Com a crescente distinção entre os registros *imaginário* e *simbólico* na doutrina lacaniana, o inconsciente passou a ser referido – mais precisamente – à dimensão *simbólica*, articulando-se à estrutura de linguagem, às cadeias significantes (1957). Ao efetuar uma separação entre as ordens do *significante* e do *significado*, supondo uma primazia do

⁸ Cf. Lacan, J. (1949). “El estadio del espejo ...”, em *Escritos*, 1. Op. cit., p.92.

⁹ Lacan, J. (1953). “Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis”, em *Escritos*, 1. Op. cit., p.254.

¹⁰ Cf. Lacan, J. (1953). “Función y campo ...”, em *Escritos*, 1. Op. cit., p.246.

primeiro sobre o segundo, Lacan reformulava a noção freudiana de *representação* – conferindo-lhe uma precisão conceitual que ela não possuía.

A hipótese lacaniana do *sujeito do significante* vinculava-se, então, à postulação de um *sujeito* inconsistente, *assujeitado* à estrutura de linguagem, e *representado por um significante para outro significante*. Reconhecia-se, aí, a ambição de Lacan em construir uma teoria *positiva* sobre o inconsciente, buscando formular mecanismos de um pensamento *não-imaginário*: “em Freud, esta teoria era quase inteiramente *negativa*; o que havia de *positivo* sobre esse ponto não merecia o nome de teoria; no máximo um modelo energético ou biológico”¹¹.

Por outro lado, a situação analítica passava a ser teorizada – principalmente a partir do final dos anos 50 –, não tanto enquanto *intersubjetividade*, mas como fundamentalmente *dissimétrica*. O lugar do analista era referido ao *Outro simbólico* – posteriormente, reduzido a uma pura existência de significante e nomeado: *sujeito suposto saber* (1964). Este último conceito não implicava um outro *sujeito*, mas simplesmente uma dimensão de alteridade *simbólica*, suposta pela própria estrutura da fala. Encontravam-se, pois, reunidas as hipóteses lacanianas *dialética* e *estruturalista* da constituição subjetiva: em outros termos, inconsciente

¹¹ Cf. Milner, J.C. *L'oeuvre claire ...* Op. cit., p.136. O grifo é nosso.

dialético que se realizava através do dispositivo da fala, e inconsciente com estrutura de linguagem.

Com a construção do objeto *a*, Lacan passava a apontar, progressivamente, para o ponto de falha na estrutura da linguagem, para a dimensão *real* da subjetividade -- ou seja, para a dimensão do gozo enquanto *fora-significante*. A teorização do objeto *a* permitia uma melhor diferenciação entre as categorias: *demanda*, *desejo*, *necessidade* e *gozo* -- incidindo sobre a formulação da experiência clínica, em especial o final da análise. O analista deveria passar, no decorrer de uma análise, da posição de *sujeito suposto saber* à função do objeto *a* -- este último como "causa da divisão subjetiva" e "resto da coisa sabida"¹².

O *rochedo da castração*¹³, obstáculo com o qual Freud se chocava ao termo de suas análises, implicava uma indistinção entre o registro da *falta* -- correlativa ao $[-\phi]$ -- e a *função do desejo* -- cujo correlato era o objeto *a*. Conseqüentemente, o sujeito permanecia fixado à demanda fálica, supondo -- ilusoriamente -- que a hiância existente na relação entre os sexos poderia ser preenchida por algum objeto. Daí resultava essa peculiar posição transferencial, de reivindicação fálica do analisando em direção ao psicanalista, no fim da análise freudiana¹⁴. Por isso, Lacan chegara a

¹² Lacan, J. (1967-1968). *O ato psicanalítico*. Seminário inédito, lição de 10/1/67.

¹³ Cf. Freud, S. (1937). "Análisis terminable e interminable", em *AE*, 23. Op. cit., pp. 251, 253. O grifo é nosso.

¹⁴ Cf. Freud, S. (1937). *Ibid.* Cf. também: Lacan, J. (1962-1963). *L'angoisse*. Seminário inédito, lição de 15/5/63.

declarar (1980) que Freud partia de sua causa fálica para deduzir a castração, o que deixava certas arestas que ele [Lacan] se propunha a aparar¹⁵.

De acordo com essa mesma lógica, Lacan havia passado a se referir à sua relação com a obra de Freud, como “uma retomada pelo avesso do projeto freudiano”¹⁶(1966). Ou seja, ao invés de partir do *falo* ou do *mito de Édipo* para deduzir a *estrutura da castração*, Lacan propunha tomar a *castração* como ponto de partida na estrutura subjetiva – para daí, então, deduzir seu objeto: o objeto *a*, resto da divisão do sujeito em sua fundação no campo do Outro, no campo da linguagem.

Além disso, o Édipo freudiano, assim como os outros mitos do assassinato do pai, situavam-se – de certo modo – como uma significação *a priori*; um saber *a priori* detido pelo analista, a ser *reencontrado* na fala do analisando, pelas vias da interpretação e da construção analíticas.

Nesse sentido, o ensino lacaniano – principalmente no final dos anos 60 – começava a indicar o que havia de encobridor nos mitos freudianos sobre o parricídio: Freud salvava o pai¹⁷ na exata medida em que a figuração de seu assassinato velava o *real* da castração¹⁸. Por isso, Lacan propunha analisar o complexo de Édipo como “*um sonho de*

¹⁵ Cf. Lacan, J. (1980). “Le Séminaire, livre XXVII, Dissolution”, em *Ornicar?*, 20/21. Op. cit., p.12.

¹⁶ Lacan, J. (1966). “De nossos antecedentes”, em *Escritos*. Op. cit., p.72.

¹⁷ Cf. Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., p.148.

¹⁸ Cf. Lacan, J. (1969-1970). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Op. cit., pp.94, 114, 115.

Freud¹⁹(1970), e – pouco mais tarde – declarava ser “o *Totem e tabu um produto neurótico*”²⁰(1971).

Esse aspecto sintomático na doutrina freudiana, esse ponto não analisado no desejo de Freud²¹ tinha conseqüências na própria posição freudiana em suas análises – esta aproximava-se de uma posição paterna.²²Esses efeitos sobre a clínica ligavam-se ao privilégio conferido ao significante paterno, nos mitos freudianos do parricídio – quando comparado à formulação lacaniana do *discurso analítico* (1969), onde o objeto *a* ocupava o lugar de *agente*.

Na medida em que Lacan, invertendo o procedimento freudiano, tomava o *Édipo* para retomar e reformular a *estrutura do discurso da histérica* (1969-1970), ele deslocava a ênfase do *significante-mestre* – o pai em jogo no parricídio – para o *sujeito do significante* – o sujeito dividido pela linguagem, que aparecia como *agente no discurso da histérica*. Substituía, portanto, a hipótese freudiana do *parricídio* – como núcleo do recalque e do inconsciente – pela do *sujeito do significante*.

No entanto, somente nos anos 70, com o recurso de Lacan ao nó borromeano, esta hipótese do *sujeito do significante* pôde vir a ser

¹⁹ Cf. Lacan, J. (1969-1970). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Op. cit., p.110.

²⁰ Lacan, J. (1970-1971). *D'un discours qui ne serait pas du semblant*. Seminário inédito, lição de 9/6/71.

²¹ Cf. Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Op. cit., p.19.

²² Cf. Lacan, J. (1960-1961). *O Seminário, livro 8: a transferência*. Op. cit., p.288.

efetivamente sustentada, sem recair no *sujeito metafísico* – o que havia sido um dos problemas desta hipótese, num primeiro período da doutrina lacaniana²³.

Por isso, a *hipótese do sujeito do significante* só veio a ser formulada explicitamente como tal, em 1973, quando Lacan afirmou: “*minha hipótese é a de que o indivíduo que é afetado pelo inconsciente é o mesmo que constitui o que chamo de sujeito de um significante*”²⁴. Pois, somente o nó borromeano permitia amarrar uma determinação *imaginária*: o *indivíduo*, uma determinação *real*: o *sujeito*, e uma determinação *simbólica*: o *significante*.

Dito de outro modo, o nó borromeano consolidava, *matematicamente*, a hipótese anterior do *sujeito do significante* como sujeito do inconsciente. Além disso, marcava-se – ao mesmo tempo – um ponto de conjunção e de disjunção com a obra freudiana. O *indivíduo afetado pelo inconsciente* era aquele que estava indicado na doutrina de Freud; porém, o *sujeito do significante* era a hipótese lacaniana através da qual se abordava, de modo original e subversivo – pelo avesso, dizia Lacan –, aquilo que a experiência freudiana só fizera abrir.

No que toca à *estrutura* da situação analítica, apontamos – no decorrer de nosso trabalho – algumas especificidades da clínica lacaniana

²³ Cf. Milner, J.C. *L'oeuvre claire. Lacan, la science, la philosophie*. Op. cit., pp.107-112.

²⁴ Cf. Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., p.194. O grifo é nosso.

em relação à freudiana. Além da questão concernente ao final da análise, propusemos que o *tempo lógico* lacaniano implicava um mais-além da *atemporalidade* {Zeitlos} dos processos inconscientes e da descontinuidade temporal – tais como postuladas por Freud. Esta formulação de Lacan – o *tempo lógico* – situava-se, então, como a nodulação da lógica do sujeito ao tempo²⁵, e só se sustentava quando conjugada: *ao inconsciente estruturado como uma linguagem, ao sujeito do significante e ao objeto a*²⁶.

A proposta lacaniana de escansão das sessões – com a conseqüente duração variável do tempo da sessão analítica – era promovida pelo psicanalista no registro do *agir*, implicando uma concepção do inconsciente como texto, cuja pontuação não estava dada de antemão. Ou seja, o inconsciente só se realizava na experiência analítica através de uma leitura empreendida por aquele que o escutava – o analista²⁷.

A inclusão do psicanalista como parte da dialética do sujeito, enquanto sujeito do inconsciente, era apoiada: por um lado, pelas operações lacanianas de *alienação e separação* (1964); por outro, pela via

²⁵ Cf. Porge, E. *Psicanálise e tempo. O tempo lógico de Lacan*. Op. cit., p.195.

²⁶ Ainda que a articulação da função da pressa, no tempo lógico, ao objeto *a* só tenha sido formulada, por Lacan, *a posteriori*. Cf. Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., p.67.

²⁷ Cf. Lacan, J. (1974). *Televisão*. Op. cit., pp.30,31. E também: Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., p.136.

das formulações topológicas de Lacan, em particular a banda de Moebius como suporte topológico do sujeito do inconsciente.

A operação original de *alienação* comportava, por sua vez, efeitos sobre o próprio estatuto da interpretação psicanalítica; esta não tinha mais como instância última o deciframento de um *sentido* ou de uma *significação* – tal como ocorria em grande parte da doutrina freudiana. O essencial era que o sujeito percebesse, *para além dessa significação*, a qual *significante – não-senso, irreduzível, traumático – ele estava, como sujeito, assujeitado*²⁸.

Indicávamos, também, que a apresentação topológica do sujeito na situação analítica, introduzida pelo ensino lacaniano, subvertia o modelo freudiano de exterioridade em que se encontraria o analista – ou o *desejo do analista* – em relação ao inconsciente do sujeito.

Através da figura do *oito interior*, Lacan podia situar o *desejo do analista* como ponto de “união e de fronteira” entre inconsciente e sexualidade, na experiência psicanalítica (1964)²⁹. O *desejo do analista* era o que se apoiava na causa inconsciente enquanto “função do impossível sobre a qual se fundava uma certeza”³⁰. Encontravam-se portanto

²⁸ Cf. Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Op. cit., p.237. O grifo é nosso.

²⁹ Cf. Lacan, J. (1964). Idem, pp. 148,149,153 e 256.

³⁰ Lacan, J. (1964). Idem, p.124.

conjugadas, nessa função *desejo do analista*, as dimensões: da libido, do ato, da certeza e da pulsão.

Se a transferência era formulada por Lacan (1964) como aquilo que, “da pulsão, desviava a demanda, o *desejo do analista* era aquilo que a trazia ali de volta”³¹. Desse modo, o final da análise lacaniana afastava-se radicalmente de uma “*sujeição da pulsão*”³² – tal como havia sido indicado por Freud, em 1937 – , para aproximar-se de *uma abertura do sujeito à pulsão*³³.

Por fim, caberia apontar que o retorno de Lacan a Freud – retomado *a posteriori* – talvez se esclareça a partir da *subversão* empreendida pela inserção do termo *sujeito*, e pela introdução da *dialética do desejo*, no que concerne ao inconsciente freudiano. A disjunção resultante não impede, contudo, o encontro a partir de uma amarração desejante: pois se o *inconsciente* pode ser dito *lacaniano*, a *causa* é desde sempre a freudiana.

³¹ Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Op. cit., p.258.

³² Freud, S. (1937). “Análisis terminable e interminable”, em *AE*, 23. Op. cit., p.227. O grifo é nosso. O termo utilizado é {*Bändigung*}, que pode significar *sujeição*, *domesticação*; o verbo correspondente é {*bändigen*} que tem os sentidos de *domar*, *reprimir*.

³³ Cf. Lacan, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos ...* Op. cit., p.259. O grifo é nosso.

BIBLIOGRAFIA

- * Allouch, J. "Freud déplacé". *Littoral*, 14. Paris, Éditions Erès, 1984.
- * _____ *Freud et puis Lacan*. Paris, E.P.E.L., 1993.
- * Assoun, P.L. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1983.
- * _____ *Metapsicologia freudiana. Uma introdução*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.
- * Althusser, L. (1964). "Freud y Lacan". *El hombre y su mente*, 2. Buenos Aires, Ediciones Homo Sapiens, 1977.
- * Bloom, H. *A angústia da influência. Uma teoria da poesia*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1991.
- * Braunstein, N.A. *Freudiano y lacaniano*. Buenos Aires, Ediciones Manantial, 1994.
- * Cottet, S. *Estudos clínicos de Serge Cottet*. Salvador, Editora Fator, 1988.

- * Cottet, S. *Freud e o desejo do psicanalista*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1989.
- * Darmon, M. *Ensaio sobre a topologia lacaniana*. Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1994.
- * Dosse, F. *História do estruturalismo, I. O campo do signo, 1945-1966*. São Paulo, Editora Ensaio, 1993.
- * Dreyfuss, J.P., Jadin, J.M., Ritter, M. *Qu'est-ce que l'inconscient? Un parcours freudien*. Paris, Éditions Arcanes, 1996.
- * Foucault, M. (1966). *As palavras e as coisas*. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1981.
- * _____ (1969). "Qu'est-ce qu'un auteur?". *Littoral*, 9. Paris, Éditions Erès, 1983.
- * Freud, S. (1891). "A interpretação das afasias. Um estudo crítico". *A interpretação das afasias*. Lisboa, Edições 70.
- * _____ (1895[1950]). "Proyecto de psicologia". *Amorrortu Editores*, 1. Buenos Aires.
- * _____ (1896). "Carta 52". *Amorrortu Editores*, 1. Buenos Aires.
- * _____ (1897). "Carta 79". *Amorrortu Editores*, 1. Buenos Aires.

- * Freud, S. (1900). "La interpretación de los sueños (primeira parte)". *Amorrortu Editores*, 4. Buenos Aires.
- * _____ (1900-1901). "La interpretación de los sueños (segunda parte)". *Amorrortu Editores*, 5. Buenos Aires.
- * _____ (1905). "El chiste y su relación con el inconciente". *Amorrortu Editores*, 8. Buenos Aires.
- * _____ (1913). "Tótem e tabú . Algunas concordancias en la vida anímica de los salvajes y de los neuróticos". *Amorrortu Editores*, 13. Buenos Aires.
- * _____ (1914). "Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico". *Amorrortu Editores*, 14. Buenos Aires.
- * _____ (1914). "Introducción del narcisismo". *Amorrortu Editores*, 14. Buenos Aires.
- * _____ (1914). "Recordar, repetir e reelaborar". *Amorrortu Editores*, 12. Buenos Aires.
- * _____ (1915). "Lo inconciente". *Amorrortu Editores*, 14. Buenos Aires.
- * _____ (1915). "Pulsiones y destinos de pulsión". *Amorrortu Editores*, 14. Buenos Aires.

- * Freud, S. (1917 [1915]). "Duelo y melancolía". *Amorrortu Editores, 14*. Buenos Aires.
- * _____ (1918). "De la historia de una neurosis infantil", em *Amorrortu Editores, 17*. Buenos Aires.
- * _____ (1920). "Más allá del principio de placer". *Amorrortu Editores, 18*. Buenos Aires.
- * _____ (1923). "El yo y el ello". *Amorrortu Editores, 19*. Buenos Aires.
- * _____ (1924). "Neurosis y psicosis". *Amorrortu Editores, 19*. Buenos Aires.
- * _____ (1925). "Nota sobre la 'pizarra mágica' ". *Amorrortu Editores, 19*. Buenos Aires.
- * _____ (1925). "La negación". *Amorrortu Editores, 19*. Buenos Aires.
- * _____ (1927). "El humor". *Amorrortu Editores, 21*. Buenos Aires.
- * _____ (1933). "Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis". *Amorrortu Editores, 23*. Buenos Aires.
- * _____ (1937). "Análisis terminable e interminable". *Amorrortu Editores, 23*. Buenos Aires.

- * Freud, S. (1939). "Moisés y la religión monoteísta". *Amorrortu Editores*, 23. Buenos Aires.
- * Gaufey, G. "Représentation freudienne et signifiant lacanien". *Littoral*, 14. Paris, Éditions Erès, 1984.
- * Gondar, J. *Os tempos de Freud*. Rio de Janeiro, Editora RevinteR, 1995.
- * Julien, P. "L'amour du père chez Freud". *Littoral*, 11/12. Paris, Éditions Erès, 1984.
- * _____ "Lacan, Freud: une rencontre manquée". *Littoral*, 14. Paris, Éditions Erès, 1984.
- * Kuhn, T. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1994.
- * Lacan, J. (1932). *De la psicosis paranoica en sus relaciones con la personalidad*. México, Siglo Veintiuno Editores, 1985.
- * _____ (1936). "Para-além do 'Princípio de realidade' ". *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.
- * _____ (1945[1966]). "O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. Um novo sofisma". *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

- * Lacan, J. (1949). "El estadio del espejo como formador de la función del yo [je] tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica". *Escritos, 1*. México, Siglo Veintiuno Editores, 1984.
- * _____ (1951). "Intervención sobre la transferencia". *Escritos, 1*. México, Siglo Veintiuno Editores, 1984.
- * _____ (1952). *L'homme aux loups*. Seminario inédito.
- * _____ (1953). "Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis". *Escritos, 1*. México, Siglo Veintiuno Editores, 1984.
- * _____ (1953). "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise". *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.
- * _____ (1953-1954). *Le Séminaire, livre 1: Les écrits techniques de Freud*. Paris, Éditions du Seuil, 1975.
- * _____ (1953-1954). *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986.
- * _____ (1954-1955). *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.
- * _____ (1955). "Variantes de la cura-tipo". *Escritos, 1*. México, Siglo Veintiuno Editores, 1984.

- * Lacan, J. (1955-1956). *O Seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.
- * _____ (1956-1957). *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.
- * _____ (1957). "La instancia de la letra en el inconsciente o la razón desde Freud". *Escritos, 1*. México, Siglo Veintiuno Editores, 1984.
- * _____ (1958). "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose". *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- * _____ (1958). "La significación del falo". *Escritos, 2*. México, Siglo Veintiuno Editores, 1985.
- * _____ (1958-1959). *El deseo y su interpretación*. Seminário inédito.
- * _____ (1959-1960). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.
- * _____ (1960). "Subversión del sujeto y dialéctica del deseo en el inconsciente freudiano". *Escritos, 2*. México, Siglo Veintiuno Editores, 1985.
- * _____ (1960-1961). *O Seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.
- * _____ (1961-1962). *A identificação*. Seminário inédito.

- * Lacan, J. (1962-1963). *L'angoisse*. Seminário inédito.

- * _____ (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.

- * _____ (1964). "Posición del inconsciente (En el congreso de Bonneval reanudada desde 1960 en 1964)". *Escritos, 2*. México, Siglo Veintiuno Editores, 1985.

- * _____ (1964). "Posição do inconsciente no congresso de Bonneval (1960, retomado em 1964)". *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

- * _____ (1966). "De nossos antecedentes". *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

- * _____ (1966). "La ciencia y la verdad". *Escritos, 2*. México, Siglo Veintiuno Editores, 1985.

- * _____ (1966). "A ciência e a verdade". *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

- * _____ (1967-1968). *O ato psicanalítico*. Seminário inédito.

- * _____ (1968-1969). *D'un autre a l'Autre*. Seminário inédito.

- * _____ (1969-1970). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.

- * Lacan, J. (1970). "Radiophonie". *Scilicet*, 2/3. Paris, Éditions du Seuil, 1970.
- * _____ (1970-1971). *D'un discours qui ne serait pas du semblant*. Seminário inédito.
- * _____ (1971-1972). ... *ou pire*. Seminário inédito.
- * _____ (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.
- * _____ (1974). *Televisão*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.
- * _____ (1974-1975). *RSI*. Seminário inédito.
- * _____ (1977). "Ouverture de la section clinique". *Ornicar?*, 9. Paris, Navarin Éditeur, 1977.
- * _____ (1977). *L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre*. Seminário inédito.
- * _____ (1980). "Le Séminaire, livre XXVII, Dissolution". *Ornicar?*, 20-21. Paris, Navarin Éditeur, 1980.
- * _____ (1980). "Le séminaire de Caracas". *L'Âne*, 1. Paris, Éditions du Seuil, 1981.

- * Lacan, J. (1980). "Séminaire 18/3/80". *Ornicar?*, 20-21. Paris, Navarin Éditeur, 1980.

- * Laplanche, J. , Pontalis, J.B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

- * Machado, R. *Ciência e saber*. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1982.

- * Miller, J.A. "Acto e inconsciente". *Acto e interpretación*. Buenos Aires, Ediciones Manantial, 1984.

- * _____ "S'truc dure". *Matemas, II*. Buenos Aires, Ediciones Manantial, 1988.

- * _____ "Las respuestas de lo real". *Aspectos del malestar en la cultura*. Buenos Aires, Ediciones Manantial, 1989.

- * _____ *Percurso de Lacan, uma introdução*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.

- * _____ *Seminário, o desejo de Lacan*. Salvador, Escola Brasileira do Campo Freudiano – Seção Bahia, 1995.

- * Millot, C. *Nobodaddy, a histeria no século*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1989.

- * Milner, J.C. *L'oeuvre claire. Lacan, la science, la philosophie*. Paris, Éditions du Seuil, 1995.

- * Milner, J.C. *A obra clara. Lacan, a ciência e a filosofia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1996.
- * Pelsser, R. "Le point de vue linguistique-sémiotique dans la métapsychologie freudienne". *Psychanalyse à l'université*, 7, n.26. Paris, Éditions Erès, 1982.
- * Pencak, S. *O pai e seus destinos na clínica psicanalítica*. Dissertação de Mestrado apresentada no Departamento de Psicologia da PUC-Rio, março de 1994. Inédita.
- * Porge, E. *Psicanálise e tempo. O tempo lógico de Lacan*. Rio de Janeiro, Editora Campo Matêmico, 1994.
- * Roudinesco, E. *Jacques Lacan. Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- * Rudge, A.M. "Representação e linguagem na metapsicologia." *Tempo psicanalítico*, 29. Rio de Janeiro, 1997.
- * _____ *Pulsão: linguagem e ato*. Tese de doutorado defendida no Departamento de Psicologia da PUC-Rio, julho de 1994.
- * Saussure, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo, Editora Cultrix, 1996.
- * Vidal, E. "Ato e tempo". *Falo, revista brasileira do campo freudiano*. Salvador, Editora Fator, 1987.

Tese apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Simone Pencak, intitulada "Na *hiância* Freud-Lacan: Inconsciente e clínica psicanalítica", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:



Prof. Ana Maria Rudge (Orientadora)
PUC-Rio



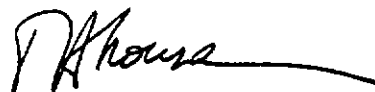
Prof. Ana Beatriz Freire
UERJ



Prof. Claudia Amorim Garcia
PUC-Rio



Prof. Letícia Martins Dalbi
PUC-Rio



Prof. Octavio Almeida de Souza
PUC-Rio

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, ..2.2.1..10/1999.



Prof. Jurgen Heye
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas